

APOSTILA DE ESTUDO PARA CONCURSOS
DE PRENDAS E PEÕES BIRIVAS
MTG-PR



"POVO SEM TRADIÇÃO MORRE A CADA GERAÇÃO"

Organizadoras::

Fabíola Weinhardt Jazar e **Manoela Zortéa Guidolin** - *Diretoria Cultural do CTG Querência Santa Mônica 2015/2016*

Geomara Kavilhuka - *Diretora Artística da 6ª Região Tradicionalista e membro do Departamento Cultural do MTG/PR 2015/2017*

SUMÁRIO

1. INSTITUIÇÕES TRADICIONALISTAS	05
1.1 CONFEDERAÇÃO INTERNACIONAL DA TRADIÇÃO GAÚCHA (CITG).....	05
1.2 CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DA TRADIÇÃO GAÚCHA (CBTG).....	05
1.3 MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO PARANÁ (MTG-PR).....	05
1.3.1 Um pouco da História do MTG-PR.....	05
1.3.2 Carta de Princípios do MTG-PR.....	13
1.4 CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS (CTG).....	15
2. EVENTOS OFICIAIS (MTG-PR, CBTG, CITG)	16
2.1 MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO PARANÁ (MTG-PR).....	16
2.2 CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DA TRADIÇÃO GAÚCHA (CBTG).....	16
2.3 CONFEDERAÇÃO INTERNACIONAL DA TRADIÇÃO GAÚCHA (CITG).....	16
3. TRADIÇÃO E TRADICIONALISMO	17
3.1 CONCEITOS.....	17
3.2 CHIMARRÃO.....	17
3.3 FAZER PARTE DO PRENDADO.....	18
3.4 QUANDO TUDO COMEÇOU.....	19
3.4.1 Grêmio Gaúcho.....	19
3.4.2 Grupo dos 8.....	19
3.4.3 Chama Crioula.....	19
3.4.4 1a. Ronda Crioula.....	19
3.4.5 O 35 CTG.....	19
3.5 PERSONALIDADES.....	19
4. MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS	21
4.1 MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS INFANTIS MAIS POPULARES.....	21
4.2 LENDAS MAIS POPULARES DO RIO GRANDE DO SUL E DO PARANÁ.....	21
4.3 CANTIGAS MAIS POPULARES.....	21
4.4 PRATOS TÍPICOS CAMPEIROS MAIS CONSUMIDOS.....	21
4.5 PRATO TÍPICO PARANAENSE.....	21
4.6 DEFINIÇÃO DE DANÇA.....	21
4.6.1 DANÇA TÍPICA PARANAENSE.....	21
4.6.2 PRINCIPAIS DANÇAS DO FOLCLORE GAÚCHO E SUAS ORIGENS.....	21
4.6.3 PRINCIPAIS RITMOS DOS BAILES OU FANDANGOS GAÚCHOS.....	22
4.7 INSTRUMENTOS MÚSICAIS TÍPICOS.....	23
4.8 JOGOS TRADICIONALISTAS.....	24
5. HISTÓRIA DO BRASIL	25
5.1 O GADO NA FORMAÇÃO DA REGIÃO MERIDIONAL DO BRASIL COLÔNIA.....	25
5.2 FAMÍLIA REAL NO BRASIL.....	25
5.3 ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA.....	25
5.4 PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA.....	26
5.5 PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA.....	26
5.6 GUERRA DO PARAGUAI.....	26
5.7 OS PRIMEIROS PRESIDENTES BRASILEIROS.....	27
6. HISTÓRIA DO PARANÁ	28
6.1 O POVOAMENTO NO PARANÁ.....	28
6.2 O PAPEL DOS JESUÍTAS.....	28
6.3 O POVOAMENTO NO LITORAL DO PARANÁ.....	29
6.4 A OCUPAÇÃO DOS CAMPOS GERAIS.....	29
6.5 OS IMIGRANTES.....	29
6.6 A EMANCIPAÇÃO DO PARANÁ.....	29
6.7 A EVOLUÇÃO DA PROVÍNCIA DO PARANÁ.....	30

6.8 A FUNDAÇÃO DE CURITIBA.....	30
6.8.1 Personagens considerados fundadores de Curitiba.....	31
6.9 OS CICLOS DA ECONOMIA DO PARANÁ.....	31
6.9.1 O Ciclo do Ouro.....	31
6.9.2 O Ciclo do Gado.....	31
6.9.2.1 Os Caminhos que surgiram durante o tropeirismo.....	31
6.9.3 O Ciclo da Erva Mate.....	33
6.9.4 O Ciclo da Madeira.....	33
6.9.5 O Ciclo do Café.....	34
6.10 REVOLUÇÕES NO PARANÁ.....	34
6.10.1 A Revolução Federalista no Paraná.....	34
6.10.2 O Contestado.....	35
7. HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL	36
7.1 AS TRIBOS INDÍGENAS QUE PREVALECERAM NO ESTADO DO RS.....	36
7.2 AS MISSÕES JESUÍTICAS.....	36
7.3 COLÔNIA DE SACRAMENTO.....	36
7.4 O TRATADO DE MADRID.....	36
7.5 A GUERRA GUARANÍTICA.....	36
7.6 O TRATADO DE EL PARDO.....	37
7.7 TRATADO DE SANTO ILDEFONSO.....	37
7.8 O TROPEIRISMO.....	37
7.9 ESTÂNCIAS SUL RIOGRANDENSES.....	38
7.10 AS CHARQUEADAS.....	39
7.11 HISTÓRIA DO COURO.....	40
7.12 OS CHANGUEADORES.....	41
7.13 NOMES QUE O RIO GRANDE DO SUL JÁ TEVE.....	41
7.14 OS IMIGRANTES NO RIO GRANE DO SUL.....	41
7.15 REVOLUÇÕES NO RIO GRANDE DO SUL.....	41
7.15.1 Revolução Farroupilha.....	41
7.15.2 Guerra do Paraguai para o Rio Grande do Sul.....	42
7.15.3 Revolução Federalista.....	42
7.15.4 Revolução de 1923.....	43
8. GEOGRAFIA DO BRASIL	44
8.1 OS LIMITES DO TERRITÓRIO BRASILEIRO.....	44
8.2 OS PRINCIPAIS BIOMAS.....	44
8.3 PONTOS CULMINANTES.....	45
8.4 DIVISÃO ADMINISTRATIVA DO BRASIL.....	45
8.5 RELEVO BRASILEIRO.....	46
8.6 PRINCIPAIS RIOS.....	46
8.7 PRINCIPAIS PORTOS.....	46
8.8 PRINCIPAIS AEROPORTOS.....	46
8.9 PRINCIPAIS RODOVIAS DO SUL DO BRASIL.....	46
8.10 PRINCIPAIS RECURSOS MINERAIS.....	47
8.11 PRINCIPAIS SÍMBOLOS.....	47
8.11.1 Armas Nacionais.....	47
8.11.2 Selo Nacional.....	47
8.11.3 Hino Nacional Brasileiro.....	48
8.11.4 Bandeira Nacional.....	49
9. GEOGRAFIA DO PARANÁ	50
9.1 LIMITES.....	50
9.2 CLIMA.....	50
9.3 PRINCIPAIS RIOS E USINAS HIDRELÉTRICAS.....	50
9.4 PRINCIPAIS PORTOS.....	50

9.5 VEGETAÇÃO.....	50
9.6 FAUNA.....	50
9.7 PONTOS TURÍSTICOS.....	50
9.8 SETORES DA ECONOMIA.....	50
9.9 RELEVO.....	51
9.10 GRUPOS ÉTNICOS.....	51
9.11 PRINCIPAIS SÍMBOLOS.....	51
9.11.1 Brasão.....	51
9.11.2 Hino.....	52
9.11.3 Bandeira.....	52
10. GEOGRAFIA DO RIO GRANDE DO SUL	53
10.1 LIMITES.....	53
10.2 CLIMA.....	53
10.3 PRINCIPAIS RIOS E PORTOS.....	53
10.4 VEGETAÇÃO.....	53
10.5 PRINCIPAIS LAGOAS.....	53
10.6 PONTOS TURÍSTICOS.....	53
10.7 SETORES DA ECONOMIA.....	53
10.8 RELEVO.....	53
10.9 GRUPOS ÉTNICOS.....	54
10.10 PRINCIPAIS SÍMBOLOS.....	54
10.10.1 Brasão.....	54
10.10.2 Bandeira.....	54
10.10.3 Hino.....	55
11. INDUMENTÁRIA GAÚCHA	56
11.1 O TRAJE DOS ÍNDIOS GAÚCHOS.....	56
11.2 OS QUATRO TRAJES FUNDAMENTAIS DA INDUMENTÁRIA GAÚCHA.....	56
11.2.1 O traje do Chiripá Primitivo.....	56
11.2.2 Traje do Patrão e do Estancieiro.....	57
11.2.3 Traje do Chiripá Farroupilha.....	58
11.2.4 Traje Atual do Patrão.....	59
11.3 MOMENTO EM QUE SE USA O CHAPÉU.....	59
11.4 QUANDO SE USAM AS ESPORAS.....	59
11.5 QUANDO SE USA A FAIXA DE PRENDA E O BÓTON DE PEÃO.....	59
12. CAMPEIRA	60
12.1 PROVAS CAMPEIRAS REGULAMENTADAS DO MTG-PR.....	60
12.2 A CHEGADA DO CAVALO NA AMÉRICA E NO PAMPA.....	60
12.3 O CAVALO CRIOULO.....	61
12.4 A PELAGEM DO CAVALO.....	61
12.5 IDENTIFICAÇÃO MORFOLÓGICA DA CABEÇA.....	64
12.6 ENCILHANDO O CAVALO.....	64
12.7 PEÇAS DE ENCILHA.....	65
12.8 OS TENTOS.....	70
13. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71

ANEXOS: ATUALIZAÇÕES ANUAIS

1. INSTITUIÇÕES TRADICIONALISTAS

1.1 CONFEDERAÇÃO INTERNACIONAL DA TRADIÇÃO GAÚCHA (CITG)

Data de fundação: 21 de abril de 1984

Os países filiados são:

- Argentina
- Uruguai
- Brasil



1.2 CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DA TRADIÇÃO GAÚCHA (CBTG)

Data de fundação: 24 de maio de 1987

1º Presidente: Sr. JOSÉ TEODORO BELAGUARDA DE MENEZES

Os estados filiados são:

- Rio Grande do Sul (MTG-RS)
- Santa Catarina (MTG-SC)
- Paraná (MTG-PR)
- São Paulo (MTG-SP)
- Mato Grosso (MTG-MT)
- Mato Grosso do Sul (MTG-MS)
- Federação Tradicionalista do Planalto Central (DF, MG, oeste da BA, GO, TO)
- UTGN – União Tradicionalista dos Gaúchos do Nordeste (ES, norte, sul e leste da BA, MA e demais estados do nordeste)



1.3 MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO PARANÁ (MTG-PR)

Data de fundação: 05/12/1975

Patrão Fundador: Sr. **Carlos Meira Martins**

Lema: “Povo sem tradição, morre a cada geração”.

O símbolo do **MTG-PR** é uma cuia com erva-mate e bomba. No meio da cuia o mapa do Estado do Paraná, comum pinheiro brasileiro, Araucária Angustifólia, dentro a palavra **PARANÁ**; acima do mapa as a sigla **MTG** e, abaixo, na base da cuia, à direita, uma gaita e, à esquerda, um laço.

A bandeira, medindo 1,30 m. por 0,90 m., é de cor verde, com uma fixa branca transversal, com largura de 12 cm, contendo, ao centro, um losango de cor branca, com ângulo superior e inferior de 75.º, e ângulos laterais de 105.º, aonde vai estampada a cuia.



1.3.1 UM POUCO DA HISTÓRIA DO MTG-PR

❖ AS PRIMEIRAS ENTIDADES TRADICIONALISTAS NO PARANÁ

- Em 31 de julho de 1954, CENTRO GAÚCHO DO PARANÁ
- Em 1958 é fundado o CTG Vila Velha, em Ponta Grossa
- Em 20 de setembro de 1962, CTG 20 de Setembro
- Em 05 de maio de 1963, CTG São Luiz do Purunã, em Balsa Nova
- De 13 a 20 de Setembro de 1963, foi realizada, pelo CTG 20 de Setembro, a 1ª. Semana Farroupilha de Curitiba, provavelmente do Paraná
- No dia 21 de Setembro de 1963, realizou-se o 1º. Fandango Tradicionalista de Curitiba

- Em 22 de Setembro de 1964 (domingo), foi realizada a Primeira Missa Crioula no Paraná. Foi realizada no Centro Cívico, em frente ao Palácio do Governo em Curitiba.
 - Vieram a seguir o CTG Fogo de Chão de Guarapuava, a ATGA Gralha Azul de Curitiba, CTG Esteio da Tradição em São José dos Pinhais e, naturalmente muitos outros pelo Estado.
- ❖ Foi então fundado em **05 de dezembro de 1975**, o Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná – MTG-PR. E em 11 de Dezembro de 1977 a diretoria do MTG-PR reuniu-se para tratarem da filiação dos CTGs, que na época foram os seguintes:
- CTG Lenço Branco, de Pirai do Sul.
 - CTG Rancho Alegre, de São Mateus do Sul.
 - CTG Vila Velha, de Ponta Grossa.
 - CTG Estancia Alegre, de Ponta Grossa.
 - CTG Recordando o Pago, de Corbélia.
 - CTG Aliança Pitanguense, de Pitanga
 - CTG Pioneiro dos Campos Gerais, de Ponta Grossa.
 - CTG Campo de Palmas, de Palmas.
 - CTG Porteira dos Pinheirais, de Curitiba.
 - CTG Cavalo Branco, da Lapa.
 - CTG Sinuelo da Saudade, de Realeza.
 - CTG Rincão da Amizade, de São João do Triunfo.
 - CTG Cupim, de Imbituva.
 - CTG Fronteira Paranaense, de Santa Isabel do Ivaí
 - CTG Vinte de Setembro, de Curitiba.
 - CTG Vaqueano da Querência, de Clevelândia.
 - CTG Rancho da Saudade
 - CTG Fogo de Chão de Guarapuava.
- Piquetes:
- Grupo Campeiro do Sul, Laranjeiras do Sul
 - Grupo Lenço Branco, de Canta Galo
- ❖ O estatuto do MTG-PR foi Publicado no Diário Oficial em 21 de novembro de 1980 e oficializada a sede do movimento na casa da família Martins, na Rua Sant'Ana, nº 721, Ponta Grossa PR. O Estatuto foi registrado em 17 de outubro de 1986.
- ❖ O Regulamento foi discutido e aprovado na Convenção Tradicionalista Extraordinária realizada em duas etapas, Guaraniaçu em 29 de julho de 1989 e em Realeza dia 30 de julho de 1989.
- ❖ **PATRÕES DO MTG-PR**
- O fundador e primeiro Patrão (Presidente) do MTG-PR foi o Sr. Carlos Meira Martins (1975-1981), seguido por:
 - Sidney Mendes Araújo (1981-1985)
 - Roberto César Mendes de Araújo (1985-1987)
 - João David Marchezan (1987-1989)
 - Rubens Luiz Sartori (1989-1993)
 - João de Paula Xavier (1993-1995)
 - Francisco Lírio de Oliveira Portes (1995-1997)
 - Carlos Meira Martins (1997-1999)
 - Adão Noé Fortes Camelo (1999-2003)
 - Erton Renê Bitencourt (2003-2007)
 - João Carlos Gadens Halila (2007-2010)
 - José Jader da Silva (2010-2015)
 - Rogério Antônio Pankiewicz (2015-2018)

- Em 07 de março de 1982, no CTG 20 de Setembro em Curitiba ocorreu o 1º. Encontro de Patrões dos Centros de Tradições Gaúchas e Entidades afins do Paraná.
- No Encontro são fundadas 7 Regiões Tradicionalistas no Estado:
- 2ª. RT - Ponta Grossa
- 3ª. RT – Guarapuava
- 4ª. RT – Campo Mourão
- 5ª. RT – Santa Izabel do Ivaí
- 6ª. RT – São Mateus do Sul
- 7ª. RT – Palmas

Atualmente, o MTG-PR é dividido em 17 Regiões Tradicionalistas com sedes em::

1ª RT - Curitiba	7ª RT - Mariópolis	13ª RT - Pitanga
2ª RT - Ponta Grossa	8ª RT - Pinhão	14ª RT - Ribeirão Claro
3ª RT - Guarapuava	9ª RT - Francisco Beltrão	15ª RT - Londrina
4ª RT - Cidade Gaúcha	10ª RT - Cascavel	16ª RT - Laranjeiras do Sul
5ª RT - Nova Londrina	11ª RT - Planalto	17ª RT - União da Vitória
6ª RT - São Mateus do Sul	12ª RT - Itaipulândia	

❖ AS 1ªs. PRENDAS DO PARANÁ

- No 1º. Encontro de Patrões do Paraná, foi nomeada a Srta. Maria Irene Hobold, como 1ª. Prenda do Encontro de Patrões (1982).
- A 1ª. Prenda do 2º. Encontro de Patrões do Estado, foi aclamada a Srta. Elizete Marcondes (também em 1982).
- É só no ano de 1985 que se passa a realizar os Concursos de Prendas, elegendo as 1ªs Prendas do Paraná. Nesse ano, foi escolhida Evane Bertoldi, do CTG Índio Bandeira, de Campo Mourão. Essa foi, portanto, foi a primeira 1ª Prenda do Paraná, com a gestão de 1985-1987. Evane foi, também, a primeira paranaense a conquistar o título de Mais Prendada Prenda do Rodeio Internacional de Vacaria – RS. Assim, as 1as. Prendas do Paraná foram:
 - Evani Bertoldi, Campo Mourão (85-87);
 - Claudia Denise Schemitt (87-88);
 - Roseli Maggione, Campo Mourão (88/90);
 - Grace Kelly Martins, Umuarama (90/91);
 - Luciane Mildenberg, Pitanga (91/92);
 - Karine Ângela Reginato, Francisco Beltrão (92/93);
 - Sônia Regina Corona Balzan de Oliveira (in memorian), Curitiba (93/94);
 - Daniele Pellegrine Souza Cardoso, Paranaguá (94/95);
 - Mauricéia Morgado de Oliveira, Curitiba (95/97);
 - Maria Célia Grocoski, Campo Magro (97/98);
 - Lílian Lizane Antunes, Londrina (98/99);
 - Danielle Behling Ribeiro, Curitiba (99/00);
 - Alessandra Lesniowski, Curitiba (00/01);
 - Fabíola Weinhardt Jazar, Curitiba (01/02);
 - Katiuscia Gayardo, Toledo (02/03);
 - Geomara Kavilhuka, União da Vitória (03/04);
 - Mirela Paetzold Centeno, Curitiba (04/05);
 - Patrícia Lustosa Abramoski, Guarapuava (05/06);
 - Talita Regina dos Santos (06/08);
 - Débora C. Saldanha da Cruz / Mayara Caroline Schaffner (08/10);
 - Patrícia de F. Zanesco (10/12);
 - Juliane Cristina Klochinski (12/13);
 - Lisiane Caroline de Oliveira (13/14);
 - Aline Jasper (14/16);
 - Caroline Pankiewicz / Raiane Wisniewski da Cruz (16/18)
 - Jaqueline Novis (18/20)

❖ OS 1ºs PEÕES BIRIVA DO PARANÁ

O nome Biriva faz referência à história do tropeirismo no estado, pois o Paraná chegou a ser chamado de “Província Biriva”. O peão Biriva é o tropeiro originário do Paraná, em especial das regiões de campos que buscava tropas de muares e de gado bovino no Rio Grande do Sul ou Argentina, engordava em campos de invernada durante o caminho e levava para São Paulo, em especial Sorocaba, para suprir as necessidades de tropas nas Minas Gerais. Por isso, o Peão do Paraná é chamado de Peão Biriva: para recordar essa história. Outras sugestões, na época, eram Peão Tropeiro e Peão Tradicionalista (nomenclatura essa que foi posteriormente adotada pela Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha).

Os Concursos de 1º. Peões Birivas do MTG-PR só iniciaram a partir do ano de 1992 e os 1ºs. Peões Biriva foram:

- Freddy Vinicios Costa, Palmital (92/93);
- Agenor Mendes de Araújo Neto, Guarapuava (93/94);
- José Luiz Schueda, Curitiba (94/95);
- Lauri Padilha Jr., Laranjeiras do Sul (95/97);
- Alisson Roberto Acco, Pato Branco (97/98);
- Fernando Damasceno, Laranjeiras do Sul (98/99);
- Ednei Figueira Preto, Palmas (99/00);
- Rafael Camargo, Matelândia (00/01);
- Roberto Bueno Bock (01/02);
- Hugo Alberto Perlim, Pato Branco (02/03);
- Vagner Célio Zanesco, Matelândia (03/04);
- Rodrigo Dors Sakata, Cascavel (04/05);
- Francis da Silva Reis, Foz do Iguaçu (05/06);
- André Luiz Borges de Araújo (06/08);
- Michel Becker (08/10);
- Alexandre Granville Jose (10/12);
- Sem candidatos ao cargo (12/13);
- Marcelo Strefling (13/14);
- Luiz Felipe de Almeida Limberger (14/16);
- Ruan Crespi Haveroth (16/18)
- Kevyn Klein (18/20)

❖ PRINCIPAIS EVENTOS TRADICIONALISTAS DO MTG-PR

- 1º. Rodeio Nacional de Campeões (1990 em Guarapuava);
- Em 1994, na cidade de Coxim-MS, o MTG-PR é Campeão Geral do FENART (Festival Nacional de Arte e Tradição) e Rodeio de Campeões pela primeira vez;
- 1º Congresso Extraordinário da CBTG (14 e 15 de dezembro de 1996 no Parque dos Tropeiros em Curitiba, onde foram discutidos e aprovados o Estatuto Social da CBTG, os regulamentos artístico, campeiro, esportivo e do Concurso de Peões e Prendas);

❖ CONVENÇÃO TRADICIONALISTA DO PARANÁ

- 1ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (1983) em Palmas;
- 2ª. Convenção Extraordinária do MTG-PR (1986) nasce o Estatuto do MTG-PR;
- 3ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (1988) em Curitiba;
- 4ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (1989) CTG Querência do Céu Azul;
- 9ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (1990) em Umuarama;
- 10ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (março de 1991 em Pitanga);
- 11ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (1992) em Realeza;
- 12ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (1993) em Curitiba;
- 15ª. Convenção Tradicionalista (em 30 de março de 1996) em Candói;

- 17ª. Convenção Tradicionalista (1998) em Siqueira Campos;
- 18ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (março de 1999 em Mamborê);
- 19ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (março de 2000 em Campina Grande do Sul);
- 20ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (março de 2001 em Pato Branco);
- 21ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (março de 2002 em Pitanga);
- Convenção Extraordinária Tradicionalista do MTG-PR (abril de 2002 em Guarapuava);
- 22ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (março de 2003 em Realeza);
- 23ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (março de 2004 em Matelândia);
- 24ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (março de 2006 em Irati);
- 25ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (março de 2008 em Ribeirão Claro);
- 26ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (março de 2010 em Londrina);
- 27ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (março de 2012 em Pitanga);
- 28ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (março de 2014 em Curitiba);
- 29ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (março de 2016 em Paraíso do Norte);
- 30ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (março de 2017 em Planalto);
- 31ª. Convenção Tradicionalista do MTG-PR (março de 2019 em Manoel Ribas).

❖ CONGRESSO TRADICIONALISTA DO PARANÁ

- 1º Congresso Tradicionalista Gaúcho do Paraná (11 de dezembro de 1983, em Guarapuava);
- 2º Congresso Tradicionalista Gaúcho do Paraná (1985, em Campo Mourão);
- 3º Congresso Tradicionalista Gaúcho do Paraná (1987, em Ponta Grossa);
- 4º Congresso Tradicionalista Gaúcho do Paraná (1989, em Maringá);
- 5º Congresso Tradicionalista Gaúcho do Paraná (1991 em Medianeira);
- 6º Congresso Tradicionalista Gaúcho do Paraná (1993, em Francisco Beltrão);
- 7º Congresso Tradicionalista Gaúcho do Paraná (1995, em Curitiba);
- 8º Congresso Tradicionalista Gaúcho do Paraná (1997, em Foz do Iguaçu);
- 9º Congresso Tradicionalista Gaúcho do Paraná (1999, em Cascavel);
- 10º Congresso Tradicionalista Gaúcho do Paraná (2001, em Irati);
- 11º Congresso Tradicionalista Gaúcho do Paraná (2003, em Cascavel);
- 12º Congresso Tradicionalista Gaúcho do Paraná (2005, em Guarapuava);
- 13º. Congresso Tradicionalista Gaúcho do Paraná (2007, em Irati);
- 2º. Congresso Extraordinário Tradicionalista Gaúcho do Paraná (2008, em Ribeirão Claro);
- 14º. Congresso Tradicionalista Gaúcho do Paraná (2009, em Capanema);
- 15º. Congresso Tradicionalista Gaúcho do Paraná (2011, em Pato Branco);
- 16º. Congresso Tradicionalista Gaúcho do Paraná (2013, em Guarapuava);
- 17º. Congresso Tradicionalista Gaúcho do Paraná (2015, em Bituruna);
- Congresso Extraordinário Tradicionalista Gaúcho do Paraná (2016, em Paraíso do Norte);
- 18º. Congresso Tradicionalista Gaúcho do Paraná (2017, em Foz do Iguaçu);
- Congresso Extraordinário Tradicionalista Gaúcho do Paraná (2018, Umuarama)

❖ ENCONTRO ESTADUAL DE SELEÇÕES

Até 1990 o Encontro de Seleções englobava as modalidades campeiras e artísticas, ficando após, somente com modalidades campeiras.

Evento	Ano	Cidade	RT e CTG Promotores	RT Campeã
1º	1989	Nova Londrina	5ª RT CTG Três Fronteiras	4ª RT
2º	1990	Campo Mourão	4ª RT CTG Índio Bandeira	5ª RT
3º	1991	Maringá	5ª RT CTG Rincão Verde	3ª RT
4º	1992	Guarapuava	3ª RT CTG Fogo de Chão	3ª RT
5º	1993	Guarapuava	3ª RT CTG Fogo de Chão	3ª RT

6º	1994	Curitiba	1ª RT	Integração	1ª RT
7ª	1995	Curitiba	1ª RT	Integração	3ª RT
8º	1996	Guarapuava	3ª RT	CTG Fogo de Chão	4ª RT
9º	1997	Cidade Gaúcha	4ª RT	CTG Sepé Tiaraju	5ª RT
10º	1998	Paraíso do Norte	5ª RT	CTG São Jorge	3ª RT
11º	1999	Canta Galo	16ª RT	CTG Jacob Fritz	10ª RT
12º	2000	Francisco Beltrão	9ª RT	CTG Recordando os Pagos	6ª RT
13º	2001	Telêmaco Borba	2ª RT	CTG Tropeiros de Telêmaco Borba	6ª RT
14º	2002	Irati	6ª RT	CTG Terras dos Pinheirais	1ª RT
15º	2003	Mandirituba	1ª RT	CTG Mandirituba/Herança de Tropeiro	6ª RT
16º	2004	Sto. Ant. da Platina	14ª RT	CTG Cochilha Platinense	14ª RT
17º	2005	Pato Branco	9ª RT	CTG Tarca Nativista	9ª RT
18º	2006	Tibagi	2ª RT	CTG Porteira da Trad. e Santo Amaro	1ª RT
19º	2007	Cidade Gaúcha	4ª RT	CTG Sepé Tiarajú	1ª RT
20º	2008	Catanduva	10ª RT	CTG Estância Colorada	1ª RT
21º	2009	Mandirituba	1ª RT	CTG Mandirituba/Herança de Tropeiros	1ª RT
22º	2010	Pinhão	8ª RT	CTG Pala Gaudério	6ª RT
23º	2011	Paraíso do Norte	5ª RT	CTG São Jorge	6ª RT
24º	2012	Pinhão	8ª RT	CTG Pala Gaudério	6ª RT
25º	2013	Mandirituba	1ª RT	CTG Mandirit./Herança Trop./Estampa Crioula	1ª RT
26º	2014	Pinhão	8ª RT	CTG Pala Gaudério	1ª RT
27º	2015	Cascavel	10ª RT	CTG Estância Colorada	6ª RT
28º	2016	Pato Branco	7ª RT	CTG Carreteando a Saudade	1ª RT
29º	2017	Pitanga	13ª RT	Integração	6ª RT
30º	2018	Paraíso do Norte	5ª RT	CTG São Jorge	ª RT

❖ FESTIVAL PARANAENSE DE ARTE E TRADIÇÃO

Reúne todas as invernadas artísticas dos CTG's do Estado em todas as modalidades artísticas. Determina quais as entidades que representarão o Estado no FENART, Festival Nacional de Arte e Tradição.

EVENTO e ANO	RT e CIDADE	PROMOTORA	CAMPEÃO GERAL	RT	
01º	07/1990	4ª RT	Campo Mourão	CTG Querência do Céu Azul	12ª RT
02º	07/1991	12ª RT	Céu Azul	CTG Fogo de Chão	3ª RT
03º	07/1992	3ª RT	Guarapuava	CTG Querência do Céu Azul	12ª RT
04º	07/1993	12ª RT	Céu Azul	CTG Fogo de Chão	3ª RT
05º	10/1994	2ª RT	Ponta Grassa	CTG Estância Colorada	10ª RT
06º	07/1995	12ª RT	Foz do Iguaçu	CTG Estância Colorada	10ª RT
07º	07/1996	10ª RT	Cascavel	CTG Estância Colorada	10ª RT
08º	08/1997	3ª RT	Guarapuava	CTG Recordando os Pagos	9ª RT
09º	09/1998	15ª RT	Londrina	CTG Estância Colorada	10ª RT
10º	09/1999	9ª RT	F. Beltrão	CTG Estância Colorada	10ª RT
11º	08/2000	10ª RT	Cascavel	CTG Estância Colorada	10ª RT
12º	08/2001	7ª RT	Pato Branco	CTG Estância Colorada	10ª RT
13º	08/2002	12ª RT	Pato Bragado	CTG Estância Colorada	10ª RT
14º	11/2003	11ª RT	Planalto	CTG Querência Santa Mônica	1ª RT
15º	10/2004	1ª RT	Pontal do Paraná	CTG Estância Colorada	10ª RT
16º	10/2005	12ª RT	Foz do Iguaçu	CTG Estância Colorada	10ª RT
17º	10/2006	7ª RT	Palmas	CTG Estância Colorada	10ª RT
18º	10/2007	2ª RT	Ponta Grossa	CTG Tarca Nativista	7ª RT

19°	10/2008	2ª. RT	Ponta Grossa	CTG Tarca Nativista	7ª RT
20°	11/2009	11ª. RT	Capanema	CTG Fogo de Chão	3ª RT
21°	12/2010	10ª. RT	Mal. Candido Rondon	CTG Tarca Nativista	7ª RT
22°	10/2011	1ª. RT	Pontal do Paraná	CTG Tarca Nativista	7ª RT
23°	2012	7ª. RT	Pato Branco		
24°	2013	11ª. RT	Capanema		
25°	2014	9ª. RT	Foz do Iguaçu		
26°	2015	7ª. RT	Pato Branco		
27°	2016	7ª. RT	Pato Branco		
28°	2017	9ª. RT	Francisco Beltrão		
29°	2018	10ª. RT	Cascavel		

❖ ENCONTRO DA JUVENTUDE TRADICIONALISTA

A Invernada Jovem do Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná foi criada com o propósito de agrupar ainda mais os jovens dentro da tradição gaúcha, além de elevar o nível cultural de seus participantes e simpatizantes.

Fundada no ano de 1991, durante a realização da 10ª Convenção Tradicionalista do MTG PR, na cidade de Pitanga, 13ª Região Tradicionalista. Inicialmente tinha a denominação de “MOVIMENTO DA JUVENTUDE TRADICIONALISTA DO PARANÁ”, com a sigla MJTG. Sendo parte do Departamento Cultural do MTG PR, passou a desenvolver eventos para que os jovens tradicionalistas pudessem realizar trocas de experiências vividas em suas entidades tradicionalistas e da mesma forma em suas regiões.

Visando valorizar ainda mais a juventude tradicionalista, foi criado um regulamento durante a realização do 1º Encontro da Juventude Tradicionalista do MTG PR, durante sua simultânea fundação. O regulamento foi redigido para que este departamento tivesse autonomia de seus feitos, assim como, foi criado o lema da Invernada Jovem: “JOVEM SEM TRADIÇÃO, VIVE DE ILUSÃO”, feito pela então 1ª Prenda do MTG PR Grace Kelly Martins.

O Encontros da Juventude foram:

- 1º. Encontro da Juventude Tradicionalista aconteceu em 23 e 24 de agosto de 1991 em Pitanga;
- 2º. Encontro da Juventude Tradicionalista ocorre em 1992 na cidade de Coronel Vivida;
- 3º. Encontro da Juventude Tradicionalista ocorre em março de 1993 em Curitiba;
- 4º. Encontro da Juventude Tradicionalista ocorre em julho de 1993 em Céu Azul;
- 5º. Encontro da Juventude Tradicionalista ocorre em agosto de 1994 em Paranaíba;
- 6º. Encontro da Juventude Tradicionalista ocorre em março de 1995 em Londrina;
- 7º. Encontro da Juventude Tradicionalista ocorre em março de 1996 em Cândói;
- 8º. Encontro da Juventude Tradicionalista ocorre em outubro de 1997 em Pato Branco;
- 1º Encontro Extraordinário do Movimento da Juventude Tradicionalista do Paraná, em março de 1998 em Palmas;
- 9º. Encontro da Juventude Tradicionalista ocorre em outubro de 1998 em Cascavel;
- 10º. Encontro da Juventude Tradicionalista ocorre em outubro de 1999 em Palmas;
- 11º. Encontro da Juventude Tradicionalista ocorre em outubro de 2000 em São Mateus do Sul;
- 12º. Encontro da Juventude Tradicionalista ocorre em 2001 em Guarapuava;
- 13º. Encontro da Juventude Tradicionalista ocorre em agosto de 2002 em Irati;
- 14º. Encontro da Juventude Tradicionalista ocorre em agosto de 2003 em Pato Branco;
- 15º. Encontro da Juventude Tradicionalista ocorre em agosto de 2004 em Pérola D'Oeste;
- 16º. Encontro da Juventude Tradicionalista ocorre em novembro de 2005 em Francisco Beltrão.

Algumas informações sobre a Invernada Jovem e seus Encontros:

- No 2º. Encontro da Juventude Tradicionalista, em 1992, houve uma importante reformulação do regulamento para concurso de peões, pois estes eram chamado de Peões Farroupilhas, conforme era a denominação no estado do Rio Grande do Sul, como o é ainda hoje, e passou a ser chamado

de Peão Biriva, termo mais regionalista devido a formação histórica do estado do Paraná. Ainda neste encontro ficou instituído a prenda Grace Kelly Martins como a Patronesse do Movimento da Juventude Tradicionalista do Paraná, pelos seus feitos.

- No 3º. Encontro da Juventude Tradicionalista, em 1993 à pedido do patrão do MTG-PR, Sr. Rubens Sartori, foi criada a Bandeira do Movimento da Juventude Tradicionalista do Paraná, que teria como símbolo o mapa geográfico do estado do Paraná, uma cuia e um pinheiro. Este encontro foi realizado durante o FEPART – Festival Paranaense de Arte e Tradição – na cidade de Céu Azul. Ainda no ano de 1993, foi o 3º Congresso da Juventude, realizado na cidade de Francisco Beltrão, juntamente do 6º Congresso Tradicionalista, contando com a ilustre presença do palestrante Luiz Carlos Barbosa Lesa (*in memoriam*), um dos fundadores do 35 CTG, o pioneiro, que na ocasião ressaltou o Valor do Tradicionalismo para os participantes. Não constam relatos sobre o 1º e o 2º Congressos Estaduais da Juventude.
- Durante o 1º Encontro Extraordinário do Movimento da Juventude Tradicionalista do Paraná, em março de 1998 na cidade de Palmas foi discutido e reformulado o novo regulamento da Invernada Jovem e a nova denominação do departamento sendo assim chamado de “INVERNADA JOVEM TRADICIONALISTA GAÚCHA DO PARANÁ”, sendo a sigla IJTG. Na ocasião o atual patrão do MTG PR, Sr. Carlos Meira Martins (*in memoriam*) colocou em plenária a discussão de uma diretoria própria para o departamento, sendo este dividido por uma Capatazia Executiva, agregando os seguintes cargos: Capataz Geral; 2º Sota Capataz; Sota Capataz; Guaiaca. Por essa ocasião, ficou decidido então, entre os presentes, que haveria uma eleição para a execução desses cargos durante a realização do 9º Encontro da Juventude, que estaria marcado para o mês de outubro do mesmo ano.
- No 9º Encontro da Juventude Tradicionalista houve a eleição da 1ª Capatazia do IJTG, sendo escolhidos pelos presentes os seguintes tradicionalistas: Capataz Geral – Lisangela Antunes; 2ª Capataz – Simoni Sandri; Sota Capataz – Marcos Roberto Terêncio.
- Na realização do 11º Encontro da Juventude, na cidade de São Mateus do Sul, no ano de 2000, ocorreu a eleição através de concurso da “Prenda e do Peão Destaque Cultural”. Durante esse encontro ficou instituído que os CTGs e Regiões Tradicionalistas poderiam ter suas próprias Invernadas Jovens, facilitando assim a integração entre e a organização dos Encontros da Juventude Estadual. Também ficou decidido que a nomenclatura passaria para “INVERNADA JOVEM”, com a sigla de IJ.
- A Invernada Jovem caminhou até o ano de 2005, onde o último Encontro da Juventude realizou-se na cidade de Francisco Beltrão, já com pouca participação dos jovens, sendo esta sua 16ª edição.
- No ano de 2008, durante a realização do 25ª Convenção Tradicionalista do MTG PR, ficou instituindo que a 1ª Prenda Adulta do MTG PR bem como o 1º Peão Adulto do MTG PR fossem os responsáveis pelo departamento, delegando a função Capataz Geral e Sota Capataz para ambos. Porém, não se tem registros da realização de atividades desde esta data. O que temos são relatos de alguns poucos movimentos realizados com tentativas de retomar a Invernada Jovem do MTG PR, a qual caiu em esquecimento.

1.3.2 CARTA DE PRINCÍPIOS DO MTG-PR

São princípios fundamentais do **MTG-PR**, os contidos na **CARTA DE PRINCÍPIOS DO MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO PARANÁ**:

a) DEFINIÇÃO:

O **Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná**, identificado pela sigla **MTG do PR**, é um organismo social, estituído, de natureza cívica, ideológica e doutrinária, com características próprias e singulares que o colocam em pleno especial no panorama da vida paranaense, brasileira e americana. Cumprindo ciclos sociais, culturais, literários e artísticos de natureza nativista, procurando influir em todas as formas de manifestação da vida e do pensamento paranaense, o Tradicionalismo Gaúcho, tendo como centro os problemas rurais da nossa terra, o homem brasileiro em geral e o paranaense em particular, sua maior expressão, e onde estão fixadas as suas raízes mais profundas.

b) OBJETIVOS:

1. Auxiliar o Estado na solução dos seus problemas fundamentais na conquista do bem coletivo;
2. Cultivar e difundir nossa História, nossa formação social, nosso folclore, enfim, nossa Tradição, como substância basilar de nacionalidade;
3. Promover, no seio do nosso povo, uma retomada de consciência dos valores morais do Gaúcho Paranaense;
4. Facilitar e cooperar com a evolução e o progresso, buscando a harmonia social, criando a consciência do valor coletivo e combatendo o enfraquecimento da cultura comum e a desagregação que daí resulta;
5. Criar barreiras aos fatores e idéias alienígenas que nos vêm pelos veículos normais de propaganda e que sejam diametralmente opostos ou antagônicos aos costumes e pendores naturais do nosso povo;
6. Preservar nosso patrimônio sociológico representando, principalmente, pelo linguajar, vestimenta, arte culinária, forma de lides e artes populares;
7. Fazer de cada CTG um núcleo transmissor de herança social e através da prática e divulgação dos hábitos locais, noção de valores, princípios morais, reações emocionais e criar em nossos grupos sociais uma unidade psicológica, com modos de agir e pensar coletivamente, valorizando e ajustando o homem ao meio, para a reação em conjunto frente aos problemas comuns;
8. Estimular e incentivar o processo aculturativo do elemento imigrante e seus dependentes, irmanados no espírito paranaense;
9. Lutar pelos direitos humanos de Liberdade, Igualdade e Humanidade contidos na DECLARAÇÃO UNIVERSAL;
10. Respeitar e fazer respeitar seus postulados iniciais que tem como característica essencial a absoluta independência de sectarismos políticos, religiosos e raciais;
11. Acatar e respeitar as leis e os poderes legalmente constituídos, enquanto se mantiverem dentro dos princípios republicanos e democráticos vigente;
12. Evitar todas as formas de vaidade e personalismo por parte de pessoas que buscam no Movimento Tradicionalista Gaúcho, veículo para projeção em proveito próprio;
13. Evitar toda e qualquer manifestação individual ou coletiva, movida por interesses subterrâneos de natureza política, religiosa ou financeira;
14. Evitar atitudes pessoais ou coletivas que deslustrem e venham em detrimento dos princípios da formação moral do gaúcho;
15. Evitar que os núcleos tradicionalistas adotem nomes de pessoas vivas.
16. Repudiar, enfim, todas as manifestações e formas negativas de exploração direta ou indireta do Movimento Tradicionalista Gaúcho;

17. Prestigiar e estimular qualquer iniciativa que, sincera e honestamente, queiram perseguir objetivos correlatos com os do Tradicionalismo Gaúcho;

18. Incentivar em todas as formas de divulgação e propaganda, o uso sadio dos autênticos motivos regionais;

19. Influir na Literatura, Artes Clássicas Populares e outras formas de expressão da alma do nosso povo, no sentido de que se voltem para os temas nativistas;

20. Zelar pela pureza e fidelidade dos nossos costumes autênticos, combatendo todas as manifestações individuais ou coletivas, que artificializem ou descaracterizem as nossas coisas tradicionais;

21. Estimular e amparar as células que fazem parte de seu organismo social.

22. Procurar penetrar e atuar nas instituições públicas e privadas, principalmente nos colégios e no meio do povo, buscando conquistar para o Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná, a participação dos representantes de todas as classes e profissões dignas;

23. Comemorar e respeitar as datas efemérides e vultos nacionais, o DIA 20 DE SETEMBRO, como data máxima do Rio Grande do Sul e particularmente, o DIA 19 DE DEZEMBRO, data de emancipação política do Paraná;

24. Pleitear para que seja instituído, oficialmente, o DIA DO GAÚCHO, em paridade de condições com DIA DO COLONO e outros (dias) respeitados publicamente;

25. Pugnar pela independência psicológica e ideológica de nosso povo.

26. Revalidar e reafirmar os valores fundamentais da nossa formação, apontando às novas gerações rumos definidos de cultura, civismo e nacionalidade.

27. Despertar na consciência de todos os espíritos cívico de unidade e amor à Pátria;

28. Pugnar pela fraternidade e maior aproximação dos povos americanos;

29. Buscar, finalmente, a conquista de um estágio de força social que lhe dê ressonância nos Poderes Públicos e nas Classes Paranaenses, para atuar real, poderosa e eficientemente, no levantamento dos padrões morais e de vida de nosso Estado, rumando, fortalecido para o campo e o homem rural, suas raízes primordiais, cumprindo, assim, sua destinação histórica em nossa Pátria.

Parágrafo Único: Esta Carta está sujeita às modificações e acréscimos em futuros Congressos Tradicionalistas, conforme o advento de suas necessidades.

A Carta de Princípios do MTG do Paraná foi aprovada pelo 5º Congresso Tradicionalista Gaúcho do Paraná, realizado em agosto de 1991, na cidade de Medianeira/PR, regida pelos seguintes tradicionalistas: Mário de Castro, Célio de Castro, Renato Bechara Amin, Inami Custódio Pinto e Dorval D'Avila Vieira, e alterada no 13º Congresso realizado em março de 2007, na cidade de Irati/PR.

Resumidamente, os objetivos são:

- Cultivar e difundir nossa história, nossa formação social, nosso folclore, enfim, nossa tradição;

- Promover no seio do nosso povo, uma retomada de consciência dos valores morais do Gaúcho Paranaense;

- Preservar nosso patrimônio sociológico representado, principalmente, pelo linguajar, vestimenta, arte culinária, forma de lidas e artes populares;

- Fazer de cada CTG um núcleo transmissor de herança social e através da prática e divulgação dos hábitos locais, noção de valores, princípios morais, reações emocionais e criar em nossos grupos sociais uma unidade psicológica, com modos de agir e pensar coletivamente, valorizando e ajustando o homem ao meio, para a reação em conjunto frente aos problemas comuns.

1.4 CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS (CTG)

São entidades filiadas ao MTG de seus estados. Seus objetivos são: desenvolver atividades relacionadas à cultura gaúcha, preservando-as e divulgando-as através das artes (dança, música, poesia, estudos, concursos, rodeios,...). Por naturalidade há introdução dos valores familiares que se transmitem e se preservam: educação, respeito, amizade, solidariedade, amor, carinho, honestidade, seriedade, dignidade e honra, transformando o participante num ser mais consciente sobre a importância da cidadania e, conseqüentemente, tornando a sociedade mais organizada e justa.

Em 24 de abril de 1948 foi fundado em Porto Alegre por jovens estudantes do Colégio Estadual Júlio de Castilhos o primeiro CTG do Brasil, o “35 CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS”.

No Estado do Paraná a primeira entidade tradicionalista foi o CTG VILA VELHA de Ponta Grossa, seguido do CTG VINTE DE SETEMBRO de Curitiba (1º Galpão Gaúcho fora do Rio Grande do Sul).

Cada CTG possui uma diretoria (patronagem) eleita a cada dois anos pelo voto dos associados. As patronagens de CTG's são assim constituídas:

- PATRÃO (Presidente)
- CAPATAZ (Vice-Presidente)
- 1º SOTA-CAPATAZ (1º Secretário)
- 2º SOTA-CAPATAZ (2º Secretário)
- 1º AGREGADO DAS PILCHAS (1º Tesoureiro)
- 2º AGREGADO DAS PILCHAS (2º Tesoureiro)
- CHIRÚ DAS FALAS (Orador)
- 1º CAPATAZ DA INVERNADA ARTÍSTICA (1º Diretor Artístico)
- 2º CAPATAZ DA INVERNADA ARTÍSTICA (2º Diretor Artístico)
- 1º CAPATAZ DA INVERNADA CAMPEIRA (1º Diretor Campeiro)
- 2º CAPATAZ DA INVERNADA CAMPEIRA (2º Diretor Campeiro)
- 1º CAPATAZ SOCIAL (1º Diretor Social)
- 2º CAPATAZ SOCIAL (2º Diretor Social)

➤ **ENTÃO A ORDEM É A SEGUINTE:**

CITG

CBTG

MTG-PR

17 REGIÕES

CTGs / PIQUETEs

2. EVENTOS OFICIAIS

2.1 MTG – PR

CONGRESSO – acontece de dois em dois anos, em anos ímpares (fevereiro/março)

- Eleição da patronagem, conselheiros MTG e posse dos coordenadores das RT's;
- Prestações de contas do MTG;
- Pode ser alterado estatuto do MTG.

Primeiro – Guarapuava – 1983

CONVENÇÃO – acontece de dois em dois anos, em anos pares (março)

- Alterações dos regulamentos dos departamentos do MTG.

FEPART – Festival Paranaense de Arte e Tradição

- Acontece anualmente (mês de nov/dez)
- Festival de grupos de danças;
- Individuais: canção, declamação, gaitas, chula, causo, trova, etc.

SEMINÁRIOS – acontece anualmente

- Evento voltado para o lado cultural ou artístico, geralmente seguido do encontro estadual de prendas e peões onde é feita a inscrição do concurso estadual.

ENCONTRO ESTADUAL DE SELEÇÕES CAMPEIRAS – Acontece anualmente (dezembro)

- Maior evento campeiro do MTG.
- Provas de rédeas, laço, gineteada, entre outras.

ENCONTRO ESTADUAL DE SELEÇÕES ESPORTIVAS

- Maior evento esportivo do MTG.
- Concurso de bocha, bolão, truco, canastra e tava.

CONCURSO DE PRENDAS E PEÕES BIRIVAS

2.2 CBTG

CONGRESSO – acontece de dois em dois anos

- Eleição da Patronagem;
- Pode ser alterado estatuto.

FENART – Festival Nacional de Arte e Tradição – realizado de dois em dois anos.

CONVENÇÃO - acontece geralmente de dois em dois anos

- Alterações dos regulamentos dos departamentos da CBTG.

CONCURSO DE PRENDAS E PEÕR BIRIVAS, ENCONTROS, ETC.

2.3 CITG

CONGRESSO – Realizado de dois em dois anos - Eleição da patronagem

3. TRADIÇÃO E TRADICIONALISMO

3.1 Conceitos

Folclore: Folk- Povo / Lore- Saber - Palavra de origem inglesa significa **saber de um povo**. Conjunto de tradições, crenças, sabedorias de um povo. Jogos, canções, alimentação, medicina, costumes, etc. A comemoração do dia do folclore é 22 de agosto.

Tradicionalismo: é o movimento que coloca em prática a tradição.

Tradição: ato de transmitir a cultura de um povo, fatos culturais através de suas gerações. É a transmissão de lendas, narrativas, valores espirituais, acontecimentos históricos. É a memória cultural de um povo. É um conjunto de ideias, usos e costumes recordações e símbolos, conservados pelos tempos, pelas gerações. A tradição gaúcha significa o rico acervo cultural e moral do Rio Grande do Sul, no campo literário, folclórico, musical, artesanal, esportivo e outras atividades campeiras.

Regionalismo: caráter de qualquer obra (música, literatura, teatro etc.) que se baseia ou reflete ou expressa costumes ou tradições regionais. Tendência a só considerar os interesses particulares da região em que se habita.

Nativismo: é tudo aquilo que é próprio do lugar de nascimento, natural, não adquirido e que conserva a originalidade. É sentimento de defesa e amor ao pago nativo.

Bairrismo: qualidade ou atitude do bairrista, ou seja, aquele que valoriza com veemência seu bairro ou terra natal, em detrimento das demais.

Telurismo: influência do solo de uma região sobre os usos e costumes de um povo.

Tertúlia: baile ou reunião artística /literária, de amigos ou familiares frequentadores de um local.

3.2 Chimarrão

O Chimarrão é um legado dos índios guaranis. Os **Avios do mate** são: Bomba, cuia, chaleira ou cambona. O chimarrão é o **símbolo** da hospitalidade e confiança depositada. A erva mate, da qual o chimarrão é feito tem algumas lendas:

1ª - Tupá, deus supremo, entregou a erva (caá) aos feiticeiros para que transmitissem seus poderes milagrosos aos filhos do grande Império Guarani.

2ª - Um velho guerreiro impedido de caçar e lutar, por sua idade, se consolava com a companhia de sua jovem filha Yari, privando-a da sua juventude. Certo dia apareceu um estranho viajante pedindo pouso, o velho o acolheu, tornaram-se amigos. Ao partir o viajante lhe concedeu duas graças: a 1ª era um ramo cheio de folhas (caá – alimento digno dos nobres de coração e amigo silencioso, sem críticas), a 2ª era que sua filha se tornaria a deusa dos ervais e dos ervateiros, (Caá-Yari). Para os infiéis como castigo o fardo era pesado no transporte e leves nas pesagens, causando prejuízos. E para os que recebem sua proteção, os fardos são leves ao transportar, ficando pesados somente na pesagem.

3ª - Numa tribo dois índios brigaram: Jaguaretê matou Piraúna e foi banido para sempre do seu povo, mais tarde foi encontrado pela sua tribo, mais jovem que os outros, indagado comentou que Caá-Yari, Deusa dos ervais apiedosa com ele lhe ensinou o segredo místico da bebida mágica de Tupá. Alimento da juventude.

3.3 Fazer parte do Prendado

O concurso de Prendas e Peões Birivas tem como objetivos principais:

I - despertar na criança e no jovem, o gosto pelas tradições e estimulá-los em sua gradativa e natural integração no meio tradicionalista, aproveitando a motivação emanada do espírito associativo predominante na Entidade à qual pertence, engajando-a no estudo dos assuntos da cultura tradicionalista;

II - estimular a juventude a uma participação mais efetiva no Movimento Tradicionalista Gaúcho - MTG, colaborando na organização e realização de eventos sócio-culturais e projetos desenvolvidos por este Movimento;

III - elevar o nível cultural e intelectual das prendas e peões das Entidades filiadas, desenvolvendo, na juventude tradicionalista, o interesse pelo estudo e pesquisa da Geografia, História, Folclore, Tradição e Tradicionalismo, bem como manter-se a par de assuntos da atualidade, proporcionando-se, também, o aperfeiçoamento dos seus dotes artísticos e do seu relacionamento social;

IV - escolher, anualmente, dentre as candidatas, aquelas que melhor representem as virtudes, a dignidade, a graça, a cultura, os dotes artísticos, a beleza, a desenvoltura e a expressão da mulher gaúcha;

V - criar condições para o desenvolvimento do espírito de liderança;

VI - envolver as comunidades, principalmente as escolas, visando a divulgação dos princípios e ações do Movimento Tradicionalista Gaúcho;

VII – criar condições para o desenvolvimento de habilidades artísticas, campeiras e artesanato campeiro vinculadas à cultura gaúcha;

VIII - criar condições para a valorização crescente das atividades relacionadas com as lides campeiras visando a sua preservação como fato tradicional.

IX - na categoria Pré –Mirim incentivar a prendinha no meio tradicionalista, escolhendo a candidata para representar, a beleza, a mimosura, a simpatia e a espontaneidade, bem como a que demonstrar alguma vivência infantil do nosso folclore.

Prendas: São as representantes da mulher tradicionalista, delicadas mas de pulso firme, é a personagem de principal destaque dentro do CTG depois do Patrão.

Peão Biriva: Nome dado aos tropeiros que moravam em cima da serra que, no decorrer de suas viagens, procuravam se descontraír esquecendo a dura lida. Eles então mostravam toda a habilidade e criatividade em um prazeroso momento de divertimento. Hoje, representa o gaúcho habilidoso, bravo, cortês.

O **Prendado** deverá recepcionar sempre com respeito os associados e convidados de sua entidade ou onde estiver representando, trajando-se adequadamente; auxiliando em eventos, estimulando a participação ativa dos demais nas lidas tradicionalistas, estando sempre preparados culturalmente e emocionalmente para os eventos; ter pró-atividade, ideias, projetos, **ATITUDE**.

Prendado é: Respeito, cordialidade, humildade, carinho, habilidade, amor. Nosso dever é divulgar o tradicionalismo com respeito, compreendendo os conhecimentos culturais e os usos e costumes (acontecimentos históricos, leis, regras, cartas de princípios, regulamento do CTG, eventos, símbolos, dados geográficos, etc.).

As prendas detentoras de faixas e peões birivas de botom, que se afastarem de sua entidade ou, de alguma forma, denegrirem o título que ostentam, contrariando as finalidades e objetivos a que foram eleitos, ficam sujeitas a sanções disciplinares, inclusive pena de destituição, cabendo a patronagem da entidade o julgamento e a atribuição da penalidade à prenda ou peão faltosa(o).

3.4 Quando tudo começou

3.4.1 Grêmio Gaúcho

A primeira tentativa de se instituir um culto as tradições gaúchas surge em 22 de maio de 1898, em Porto Alegre, sob a liderança do Major João Cezimbra Jacques: nesse dia foi fundado o **Grêmio Gaúcho**, uma bela tentativa de reunir sob o pálio da tradição os gaúchos desavindos durante a Revolução de 93. Cezimbra Jacques declaradamente se inspirava na sociedade uruguaia “La Criolla”, fundada em 1894, em Montevideú.

3.4.2 Grupo dos Oito

O **tradicionalismo começou a organizar-se** A partir de 1947, com a criação do Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil Júlio de Castilhos de Porto Alegre, o tradicionalismo passou a organizar-se. Decorria o ano de 1947. A Liga de Defesa Nacional incluiu entre as programações da Semana da Pátria daquele ano, a transladação dos restos mortais do General David Canabarro de Santana do Livramento até o Partenon Rio-Grandense da Santa Casa de Misericórdia em Porto Alegre e para acompanhar o cortejo foi organizado um piquete de OITO cavalarianos gaúchos do Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil Júlio de Castilhos, que mais tarde ficou conhecido oficialmente por **GRUPO DOS OITO**.

3.4.3 Chama Crioula

A **Chama Crioula** é o símbolo autêntico da tradição gaúcha representado na Semana Farroupilha o compromisso de manter acesa a Chama sagrada de servir nossos irmãos e irmanados, procurar despertar valores positivos do ser humano. A Chama Crioula é um símbolo do gaúcho, representa o facho, que nunca se apagou nos corações dos sul-rio-grandenses, arde permanentemente nos Centros de Tradições Gaúchas. Conserva aceso os ideais de justiça e liberdade. Símbolo da fertilidade de uma cultura própria. A chama crioula é a alma gaúcha.

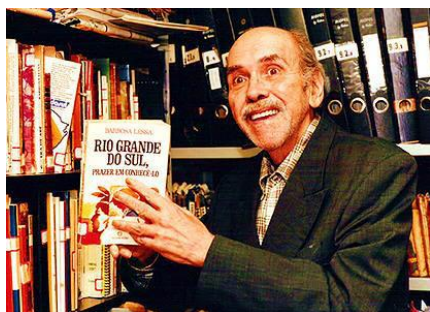
3.4.4 A 1ª Ronda Crioula

A realização da **1ª Ronda Crioula** (hoje **Semana Farroupilha**) foi uma iniciativa do Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil Júlio de Castilhos, liderado por Paixão Côrtes. Ocorreu no ano de 1947, no dia 7 de setembro – Independência do Brasil até 20 de setembro – início da Revolução Farroupilha, com uma Centelha de Fogo Simbólico da Semana da Pátria, transportada até o Colégio Júlio de Castilhos onde foi colocada num candeeiro crioulo. Estava instituída a 1ª CHAMA CRIOULA e as comemorações farroupilhas.

3.4.5 O 35 CTG

O **1º CTG fundado no Rio Grande do Sul** foi o 35 CTG em Porto Alegre. Fundado oficialmente em 24 de abril 1948, teve como 1º Patrão Glaucus Saraiva e como Patrão de honra: João Carlos Paixão Côrtes.

3.5 Personalidades



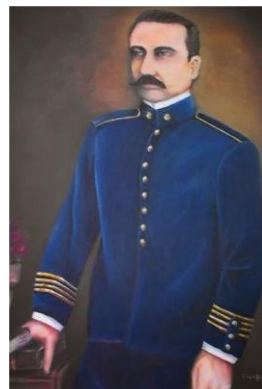
Barbosa Lessa - Luiz Carlos Barbosa Lessa, faleceu em 2002, participou intensivamente do processo de construção do Movimento que registrou e difundiu a cultura gaúcha do homem do campo. Foi o companheiro inseparável de Paixão Cortes durante toda a sua vida. Juntos escreveram diversas obras literárias, músicas, poemas entre outros. Também foi um dos fundadores do 35 CTG.

Paixão Cortes - João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes, foi um dos pioneiros dentro da tradição gaúcha. Fez um resgate histórico das danças folclóricas e foi um dos fundadores do 35 CTG. Considerado um mártir da Tradição. Foi o modelo para a Estátua do Laçador, um dos símbolos da cidade de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul.



Nico Fagundes - Antônio Augusto da Silva Fagundes, conhecido como Nico Fagundes, foi um grande poeta, compositor, ator, advogado e apresentador de televisão do programa Galpão Crioulo. Faleceu em Junho de 2015, e dentre suas grandes obras literárias foi Indumentária Gaúcha e Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul. Além da composição “Canto Alegretense”.

João Cezimbra Jacques - nascido em 13 de novembro de 1848, foi Major do exército brasileiro, voluntário na Guerra do Paraguai aos dezoito anos, em 1867, servindo no 2º Regimento de Cavalaria. Foi precursor do Movimento Tradicionalista Gaúcho e fundador do Grêmio Gaúcho. É considerado o **Patrono do Tradicionalismo**.



Anita Garibaldi - Ana Maria de Jesus Ribeiro, Anita nasceu no ano de 1821, nas proximidades da então vila de Laguna e teve nove irmãos. A maior parte de sua infância passou a localidade denominada Morrinhos, situada entre Tubarão e Laguna. Desde criança Anita já demonstrava personalidade forte e muito poder de decisão. Com apenas dezesseis anos, Ana Maria casa-se por decisão da mãe, com o sapateiro Manoel Duarte de Aguiar, na Igreja matriz de Santo Antônio dos Anjos, de Laguna, passando a se chamar Ana Maria de Jesus Duarte Ribeiro, Manoel Duarte, seu esposo, aderiu a Causa Imperial, aliando-se ao Cel. França. Em 1839 conhece o italiano Giuseppe Garibaldi por quem se apaixona e se aventura com o mesmo durante a Revolução Farroupilha, sendo a única Mulher a lutar durante os combates ao lado de Guiseppe.

4. MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS

4.1 Manifestações folclóricas infantis mais populares: Brinquedos de papel (raias ou papagaios), brinquedos com objetos (peteca, iô-iô), brincadeiras escritas (forca), jogos de pegar (mãe de esconder, mãe de pegar), brincadeiras contadas (bombarqueiro), pular corda, batatinha quente, carrinhos de madeira, tropa de osso, 5 marias, bonecas de pano.

4.2 Lendas mais populares - do Rio Grande do Sul: Lenda do Boi-Tatá, Lenda do Sepé Tiarajú, Mãe Mulita, Negrinho do Pastoreio. - **do Paraná:** Gralha Azul, formação de Vila Velha, Naipi e Tarobá (Cataratas).

4.3 Cantigas mais populares: Boi barroso, Prenda minha, galinha morta, ciganinha, Se esta rua fosse minha

4.4 Pratos típicos campeiros mais consumidos: Arroz Carreteiro – charque, arroz, cebola picada e graxa de gado; Churrasco – carne, temperada com sal grosso, assada sobre as brasas; Puchero – fervido de carne com legumes, batata doce, lingüiça, mandioca, milho verde, abóbora, batata inglesa, etc. servido com pirão de farinha de mandioca; Mocotó – patas, coalheira, mondongo, tripa grossa, lingüiça, cebola, feijão branco, óleo, tomate, ovos e sal.

4.5 O prato típico paranaense é o Barreado

Já preparado pelos índios carijós que fabricavam a panela de barro, o barreado tornou-se um prato típico Paranaense, em especial da culinária litorânea. Os caboclos e mestiços ao irem almoçar na casa de seus patrões, levavam produtos da lavoura e tapiocas e lhes era servido uma espécie de guisado. Era um prato feito de carne bovina gorda e toucinho, preparados com muitos temperos durante várias horas em uma panela de barro. A panela era "barreada", ou seja, era vedada com uma massa de farinha de mandioca e água e/ou cinzas do fogão para o vapor não escapar. Essa comida podia ser guardada por dias e requeitada várias vezes, sem perder o sabor e ficando cada vez mais gostosa. Assim, o prato passou a participar dos hábitos alimentares do Entrudo, o precursor do Carnaval. Durante os dias de carnaval litorâneo não se comia outra coisa que não o barreado. Geralmente é servido com ou sem arroz, farinha de mandioca, banana e como aperitivo, cachaça do litoral.

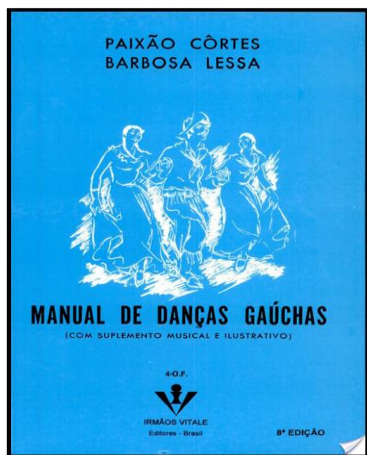
4.6 Definição de Dança:

Dança, danza, dance – tanz – TENSÃO

Sequência de movimentos corporais executados de maneira ritmada, em geral ao som de música (dicionário Aurélio); Vazão a sentimentos; Recreação, diversão e prazer a quem pratica e aos que assistem.

4.6.1 Dança típica paranaense é o Fandango Paranaense, que ocorria por causa do puxirão (encontro de pessoas para fazer determinada colheita), acontece mais no litoral. Há uma série de danças “marcas”, com acompanhamento de: 2 violas, 1 rabeça, 1 adufe, o sapateio é feito pelos homens com tamancos. As principais danças são: Marinheiro, Andorinha, Barreado, Caninha-verde, Gralha-azul.

4.6.2 Danças do Folclore Gaúcho e suas origens: As danças tradicionais gaúchas originaram-se das antigas danças brasileiras e das trazidas pelos imigrantes. Estas danças aqui se “agaucharam”, adquirindo cor local e foram marcadas por duas das principais características da alma do gaúcho: Teatralidade e Respeito à mulher.



O primeiro Manual de danças Gaúchas teve como autores os pesquisadores Paixão Côrtes e Barbosa Lessa. Em 1950 ocorreu a 1ª apresentação de danças folclóricas no “35 CTG”. Foram apresentadas as danças: Pezinho, Caranguejo e Meia Canha.

Ciclos coreográficos e suas características:

1. Ciclo do minueto
2. Ciclo do fandango
3. Ciclo da contradança
4. Ciclo das danças de pares enlaçados

Avaliação nas Danças Tradicionais Gaúchas

- CORREÇÃO COREOGRÁFICA

“São todos os passos fundamentais realizados corretamente, assim como as figuras descritas para cada tema coreográfico.”

- HARMONIA

“Conjunto de sons que constituem acorde musical, arte de ordenar os acordes musicais, boa disposição (no conjunto), proporção, ordem agradável à vista, paz e amizade (entre pessoas), concórdia, conformidade, coerência, união por engrenagem.” “Forma equilibrada e justa entre as partes DE UM TODO”.

- INTERPRETAÇÃO ARTÍSTICA

A expressão gestual, facial e corporal realizada em cada parte das danças, com as características da sua geração coreográfica. É a arte de expressar teatralmente o tema proposto; A transmissão de um sentimento frente ao tema.”

Espontaneidade e técnica precisam andar lado a lado, ambas são ligadas desde a raiz e impossíveis de serem analisadas em separado.

Principais danças do folclore gaúcho e suas origens:

- Anu: sapateada, origem espanhola;
- Balaio: sapateada, origem portuguesa;
- Cana verde: não sapateada, origem portuguesa;
- Caranguejo: não sapateada, origem portuguesa;
- Chico sapateado: sapateada, origem portuguesa;
- Chimarrita: não sapateada, origem portuguesa;
- Chimarrita-balão: sapateada, origem portuguesa;
- Chote de carreirinho: não sapateada, origem alemã;
- Chote de sete voltas: não sapateada;
- Chote de duas damas: não sapateada, origem alemã;
- Chote de quatro passi: não sapateada, origem italiana;
- Chote inglês: não sapateada, origem alemã;
- Havaneira marcada: não sapateada, origem espanhola;
- Maçanico: não sapateada, origem portuguesa;
- Meia canha ou polca de relações: não sapateada, origem espanhola;
- Pau de fitas: não sapateada, origem universal;

- Pezinho: não sapateada, origem portuguesa;
- Quero-mana: não sapateada;
- Rancheira de carreirinha: não sapateada, origem espanhola;
- Rilo: não sapateada, origem escocês;
- Roseira: sapateada, origem portuguesa;
- Sarraballo: sapateada por prendas e peões, origem portuguesa;
- Tatu: sapateado e criação inventada artística do 35 CTG em 1954;
- Tatu com volta no meio: sapateada, origem no fandango gaúcho;
- Tirana do lenço: sapateada, origem espanhola.

São consideradas danças masculinas as danças de facões (que tem influencia negra) e dança da chula (de origem portuguesa, lembra um pouco das danças africanas como disputa).

4.6.3 Principais ritmos dos bailes ou fandangos gaúchos:

- BUGIO: movimentos semelhantes aos feitos pelo macaco; o que caracteriza o bugio é o jogo do fole da gaita. É o único ritmo autenticamente gaúcho. Os passos do bugio são executados em saltos de Polca, porém agora mais compassado; aos feitos da ralé com movimentos semelhantes aos feitos pelo macaco, o que caracteriza o bugio é o jogo do fole da gaita. É o único ritmo exclusivamente gaúcho.
- VANEIRA – origem dos negros de Cuba e Haiti - ritmo **Habanera**;
- VANEIRÃO – semelhante à vaneira com movimentos mais rápidos.
- RANCHEIRA – Segundo Paixão Cortes e Barbosa Lesa, "a rancheira se constitui de uma variante pampeana da Mazurca." .. Popular na Argentina, Uruguai e Brasil;
- POLCA – Dança de ritmo rápido, é uma dança viva e alegre. Trazida pelos alemães a polca chegou ao RS e sofreu alterações em sua denominação e execução. Também foi adaptada em algumas brincadeiras como a polca de relação, polca das cadeiras entre outras;
- VALSA – de origem austríaca; Rainha das danças de pares enlaçados foi homenageada pela maioria dos renomados do século XIX. O compasso ternário como dança é muito antigo. Veio para o Brasil nos fins do Século XVII trazida pelos portugueses;
- CHOTE – Dança de salão originária da Hungria. Apareceu no Brasil no período Regencial e foi moda no segundo império. E principalmente, no sul, descendentes da imigração açoriana dançam “chote afigurado”;
- MILONGA - Da mesma geração do tango, veio de Buenos Aires para o RS;
- CHAMAMÉ - Polca européia modificada na Argentina.

Avaliação nas Danças de Salão:

- Correção coreográfica;
- Interpretação Artística;
- Ritmo e Harmonia do Par;
- Criação (criatividade) Coreográfica.

4.7 Instrumentos musicais típicos: os mais conhecidos no meio tradicionalista são a gaita, viola, violão, rabeca.

- GAITA PIANO – é de origem italiana e apareceu no Rio Grande do Sul em 1875, foi inventada pelo austríaco Damien Buschmann em 1829.
- GAITA BOTÃO – é muito popular no Rio Grande do Sul, onde existe somente uma fábrica no Rio Grande do Sul DANIELSON: Santa Rosa.

- VIOLA - de 10 ou 12 cordas é o mais antigo instrumento musical do Rio Grande do Sul, trazido pelos portugueses e espanhóis.
- VIOLÃO – é um instrumento muito antigo, sua introdução no Rio Grande do Sul ocorreu durante a guerra do Paraguai, entre 1860 e 1870 sua origem é espanhola e portuguesa.
- RABECA ou REBECA – é uma espécie de violino que está em desuso, é da época da viola trazido por europeus especialmente por padres jesuítas.

Encontramos ainda alguns instrumentos muito importantes na nossa cultura, porém menos utilizados na atualidade: pandeiro, serrote, colheres, marimbau, tambor, triangulo, reco-reco, age, machaça, pente de boca, duas cuias, gaita de boca, flauta.

4.8 Jogos Tradicionalistas: tava, bocha, bolão, truco, carreira de campo, cancha reta, ...

Tava ou Jogo do Osso



Truco



Cancha Reta



Bolão



Bocha



5. HISTÓRIA DO BRASIL

5.1 O Gado na formação da Região Meridional do Brasil Colônia

Os primeiros e milenares habitantes que viviam na Região Meridional (Sul do Brasil) foram os povos indígenas naturais da terra, principalmente os guaranis (mbyás), os kaingangse os carijós.

Posteriormente, a vinda dos padres espanhóis da Companhia de Jesus objetivou a catequização dos indígenas e a dominação da terra. Os padres jesuítas foram os fundadores das aldeias que se chamavam missões ou reduções. Os indígenas, além de habitantes das missões, eram criadores de gado, ou seja, dedicavam-se à pecuária, eram agricultores e aprendizes de ofícios. Foi o abastecimento de carne, sebo, couro e animais de tração visando a fixar o índio em torno da Igreja que moveu as primeiras tropas para a banda oriental do rio Uruguai.

O padre jesuíta Cristóbal de Mendonza quando, em 1634, preocupado com a fome que assolava as Missões, trouxe da Argentina mil cabeças de gado bovino e alguns equinos. Este gado foi distribuído em lotes entre as Missões. Por essa razão, os índios foram treinados para andar a cavalo, e passaram a ser chamados de "vaqueros".

Os bandeirantes vindos da Capitania de São Paulo realizaram ataques às missões objetivando o aprisionamento de indígenas. Por essa razão, os padres da Companhia de Jesus e os indígenas fugiram do local, abandonando o gado pelos campos. O gado foi se procriando pelas matarias e campos, sem aramados, sem marca e sem sinal. O gado selvagem, chimarrão ou *orelhano*, partiu das Missões e formou duas grandes concentrações; uma nas Vacarias do mar, às margens das lagoas Mirim e dos Patos e a outra nas Vacarias dos Pinhais, na região do atual município de Vacaria e arredores.

Anos mais tarde os portugueses voltaram a se interessar por esta região, agora pelo gado que existia em grandes quantidades pelos campos. Os moradores que viviam em Laguna (SC), começaram a levar os animais que aqui andavam soltos, eles vinham pelo litoral e chegavam a região chamada Vacaria do mar. Nessa época surgiu a figura singular de Cristóvão Pereira de Abreu, que convenceu o Sargento-mor, Francisco de Souza Faria, a construir uma estrada através da serra, alcançando Vacaria dos Pinhais e Lages, passando por Curitiba e indo até Sorocaba. Essa estrada foi iniciada em 1727 e teve início no Morro dos Conventos. Concluída, Cristóvão Pereira de Abreu foi o primeiro a utilizá-la, conduzindo 2.000 animais para a feira de Sorocaba. Os paulistas também tiveram interesse pelo comércio do gado.

Os bovinos formaram grandes tropas no território, porém não foram a base para o surgimento das tropeadas. Eles eram apenas caçados pelos gaudérios e indígenas, para extrair o couro e o sebo. Os bandeirantes começaram a comercializar o gado, faziam a reunião do gado que se espalhava pelos campos. Eles conduziam em tropas as mulas vindas da Argentina, os cavalos e o gado franqueiro para a venda nas feiras de gado que começaram a acontecer em Sorocaba, e depois seguia para Minas Gerais e Bahia. As mulas e cavalos, que eram o meio de transporte mais utilizado no País, é que foram mais tarde a base forte do ciclo das tropeadas.

Para reunir o gado, começaram a organizar as primeiras estâncias, isto é, grandes locais de criação de gado. Ao redor das estâncias, com o tempo, surgiram povoações que mais tarde se tornaram cidades gaúchas, como: Cruz Alta, Lago Vermelha e outras.

5.2 Família Real no Brasil:

Vêm fugindo de Napoleão Bonaparte, saem de Portugal em 29 de novembro de 1807, chegam no Brasil (na Bahia e no Rio de Janeiro) em 22 de janeiro de 1808. A primeira ordem de D. João é a abertura dos portos, pondo fim ao pacto colonial. Em 1821 D. João vai embora deixando D. Pedro I para governar o Brasil.

5.3 Abolição da escravatura:

A libertação de todos os escravos do país ocorreu em 13 de maio de 1888. Nessa data, a Princesa Isabel, que estava governando o país durante uma viagem de D. Pedro II, assinou a "Lei Áurea". Esta

acabou definitivamente com a escravidão no Brasil. O negro recebeu a emancipação, sem indenização pelos anos de serviço gratuito e perdendo os empregos que possuía como escravo.

Lei Eusébio de Queiroz – proibiu o tráfico interatlântico de escravos.

Lei do Sexagenário – Libertou os escravos acima de 60 anos;

Lei do Ventre Livre – Todo filho de escravo nascido no Brasil tornava-se livre.

5.4 Proclamação da Independência: A Independência do Brasil, ocorrida em 7 de setembro de 1822, foi um dos mais importantes fatos históricos da História do Brasil. Liderado por D. Pedro I, tirou o Brasil da situação de colônia portuguesa, possibilitando sua independência política e econômica.

Causas da Independência do Brasil:

- No final do século XVIII e início do XIX, aumentaram no Brasil as pressões e descontentamento contra o monopólio comercial imposto por Portugal ao Brasil. As elites agrária e comercial brasileira desejavam liberdade econômica para poder ampliar o comércio de seus produtos. Esta liberdade só seria obtida com a independência do país.

- Desde a Inconfidência Mineira (1789) e outros movimentos sociais contrários ao domínio português sobre o Brasil, era muito grande a insatisfação com relação à cobrança de altas taxas e impostos exigidos pela metrópole (Portugal). Portanto, a independência era vista como uma forma de libertação destes impostos abusivos.

- Influência de movimentos externos liberais e, portanto, contrários ao colonialismo. Entre estes movimentos políticos e sociais, podemos citar a Independência dos Estados Unidos (1776) e a Revolução Francesa (1789). Estes ideais chegaram ao Brasil, aumentando as pressões política contra o domínio português sobre o Brasil.

- Após a Revolução Liberal do Porto, a corte portuguesa exigiu o retorno de D. João VI para Portugal. Dom Pedro ficou no Brasil como príncipe regente. Percebendo o aumento do movimento político no Brasil pela conquista da liberdade, a corte portuguesa passou a pressionar Dom Pedro para que ele também fosse para Portugal. Esta situação foi encarada no Brasil como uma tentativa de Portugal recolonizar o Brasil, gerando mais insatisfação e aumentando os anseios pela conquista da liberdade.

- Não podemos deixar de citar também o projeto político de Dom Pedro em se tornar imperador do Brasil após a conquista da independência.

5.5 Proclamação da República: Mal. Deodoro da Fonseca e Benjamin Constant proclamam a República em 15 de novembro de 1889. Feita pelo exército, a base do Império, o povo dormiu com a monarquia e acordou com a república..

5.6 Guerra do Paraguai

A Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado internacional ocorrido na América do Sul. Foi travada entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta pelo Brasil, Argentina e Uruguai. A guerra estendeu-se de novembro de 1864 a março de 1870. A principal causa da guerra foi a pretensão do ditador paraguaio Francisco Solano Lopes de conquistar terras na região da Bacia da Prata para o Paraguai obter uma saída para o Oceano Atlântico. A guerra teve início em novembro de 1864, quando um navio brasileiro foi aprisionado pelos paraguaios no rio Paraguai. Em dezembro de 1864, o Paraguai invadiu o Mato Grosso. No começo de 1865, as tropas paraguaias invadiram Corrientes (Argentina) e logo em seguida o Rio Grande do Sul. Em 1 de maio de 1865, Brasil, Argentina e Uruguai selam um acordo para enfrentar o Paraguai. Contam com a ajuda da Inglaterra. Em 11 de junho de 1865 ocorreu um dos principais enfrentamentos da guerra, a Batalha de Riachuelo. A vitória brasileira neste enfrentamento naval foi determinante para a derrota do Paraguai. Em abril de 1866 ocorreu a invasão do Paraguai. Em 1869, sob a liderança de Duque de Caxias, os militares brasileiros chegam a Assunção. A guerra terminou em 1870 com a morte de Francisco Solano Lopes em Cerro Cora. Nesta guerra morreram cerca de 300 mil pessoas (civis e militares), cerca de 20% da população paraguaia morreu na guerra. A indústria paraguaia foi destruída e a economia ficou totalmente comprometida. O prejuízo financeiro para o Brasil,

com os gastos de guerra, foi extremamente elevado e acabou por prejudicar a economia brasileira e a Inglaterra, que apoiou a Tríplice Aliança, aumentou sua influência na região.

5.7 Os primeiros Presidentes brasileiros:

1889-1891: Mal. Deodoro da Fonseca

1891-1894: Mal. Floriano Peixoto

1894-1898: Prudente de Moraes (1º Presidente Civil)

6. HISTÓRIA DO PARANÁ

Segundo o professor Francisco Felipak a palavra Paraná tem um significado Tupi e quer dizer: pará: mar + anã: semelhante, parecido. Paraná: semelhante ao mar, grande como o mar. (108-p.110).

6.1 O povoamento no Paraná iniciou na segunda metade do século XVI com a presença colonizadora espanhola em território hoje paranaense, quando o governador do Paraguai, Irala, resolveu fundar vilas na região do Guairá, as quais tinham por objetivos:

1- subordinar os indígenas ali encontrados, pertencentes sobretudo a grande família tupi-guarani. Calculava-se seu número em 200.000, aproximadamente.

2- deter as contínuas penetrações portuguesas, predadoras de índios, para oeste da linha de Tordesilhas;

3- conseguir no futuro um porto marítimo para Assuncion, no Atlântico, aparecendo a Baía de Paranaguá como o local mais indicado para tanto.

São muitas as contribuições influenciadas pela herança indígena, seja no trabalho do dia-a-dia, ou em seus usos e costumes:

- **influência étnica:** os milhares de habitantes indígenas do Paraná em sua grande maioria passaram por eliminação de maneira definitiva ou passaram por incorporação à sociedade, miscigenados;

- **vocabulário:** é grande a quantidade dos termos que se originaram do tupi-guarani ou gê no linguajar do dia-a-dia, como por exemplo: Paraná, Curitiba, Paranapanema, Paranaguá, Iguaçu, Tibagi, Marumbi, canjica, butiá, vossoroça, guri, etc. A língua indígena contribuiu com nomes de acidentes geográficos, como rios, serras, picos, etc.

- **alimentação:** o uso da farinha de mandioca tem grande difusão entre a população. Esta farinha era importante para o índio como a farinha de trigo era importante para o caucasiano. O trabalho de eliminar o ácido venenoso possuído pela mandioca brava, tornou proporcional uma fonte de alimento dotada de grandeza para os índios. Atualmente, se conhece o seu uso na totalidade das camadas sociais. Também o mingau, canjica, paçoca e outros alimentos, tiveram o seu uso que se originou dos índios;

- A **eni (rede)** utilizada pelo caucasiano, que atualmente generalizou o uso deste utensílio doméstico, foi usada pelos índios para repousar na dormida em suas ocas, porque não eram conhecedores da cama;

- **a erva-mate:** foram os índios da família guarani que deram orientação ao homem branco de como se utiliza essa erva. Atualmente, tem utilizado definitivamente nas tradições culturais da Região Sul do Brasil, constituindo-se num chá quente, gelado ou do tradicional chimarrão;

- o **fumo:** os europeus não eram conhecedores do fumo. Os colonizadores apenas passaram a ter conhecimento dele na América. Os índios eram utilizadores desse vegetal, aspirando o fumo em cachimbos feitos de barros. Atualmente, seu uso é universal, constituindo-se em cigarro e charuto;

- o costume do **banho diário** e do cabelo de loção; são elementos que o colonizador português aprendeu com os indígenas.

6.2 O papel dos jesuítas: Os padres da Companhia de Jesus andavam preocupados com a falta de eficiência do método de catequização até então empregado, o qual consistia em contínuas peregrinações entre as aldeias indígenas, onde batizavam e pregavam a palavra de Deus. Este sistema entretanto era pouco eficiente, visto que a falta do sacerdote numa aldeia acarretava o desleixo e o desinteresse dos indígenas neoconvertidos pela religião cristã, voltando facilmente à prática das antigas superstições. Guairá foi a primeira região que experimentou o novo sistema adotado pelos Jesuítas: as reduções. Os primeiros núcleos indígenas fundados pelos jesuítas, na região, foram os de Nossa Senhora de Loreto e Santo Inácio Mini, ambos localizados na margem esquerda do rio Paranapanema, sendo o de Loreto fundado em 1610, na foz do rio Pirapó. Nesta região os jesuítas encontraram aproximadamente 200 famílias, já batizadas anteriormente por padres da companhia. O núcleo pioneiro prosperou rapidamente e tornou-se a capital das reduções, onde passou a residir o padre superior da província do Guairá, nome pelo qual a antiga Província de Vera começava a ser designada.

6.3 O povoamento no Litoral do Paraná iniciou em 1543, quando o rei de Portugal, D. João III dividiu o Brasil em capitanias hereditárias. O litoral do sul ficou dividido em quatro capitanias, doadas a dois donatários: Martim Afonso de Souza e seu irmão Pero Lopes de Souza. A ambos os irmãos couberam dois quinhões. O de Martim Afonso de Souza era o mais setentrional e iniciava-se na altura de Macaé (hoje estado do Rio de Janeiro), indo até cerca de um terço da ilha de São Sebastião. Abrangia o cabo São Tomé, baía de Guanabara, Angra dos Reis e inclusive o território onde mais tarde foi fundada a vila de São Paulo. A segunda parte iniciava-se na barra de S. Vicente e terminava na barra da baía de Paranaguá, incluindo Itanhaem, Iguape e Cananéia. Ambos esses quinhões foram denominados Capitania de São Vicente.

6.4 A Ocupação dos Campos Gerais: Entende-se por Campos Gerais uma estreita e alongada faixa de terras no segundo planalto paranaense, formada de campos e entremeada de pequenos bosques de matas, que se estende de Jaguariaíva até a margem direita do rio Negro, passando pela Lapa. Sua ocupação ocorreu pela expansão paulista no Brasil, a qual, na região, não seguiu o modelo tradicional de trazer família, escravos, padres agregados, etc. Para os Campos Gerais, não houve traslado de uma sociedade inteira. A ocupação desses campos foi encarda como um negócio para ser explorado e dar lucro.

6.5 Os imigrantes no Paraná

Entre 1853 e 1886 o Estado recebeu cerca de 20 mil imigrantes. Cada um dos povos que colonizaram o Paraná formaram colônias nas regiões do Estado.

- **Alemães** - Os alemães foram os primeiros a chegar ao Paraná, em 1829, fixando-se em Rio Negro. Mas, o maior número de imigrantes vindos da Alemanha chegou ao Estado no período entre as guerras mundiais, fugindo dos horrores dos conflitos;

- **Árabes** - O primeiro lugar onde os árabes se instalaram no Paraná foi Paranaguá;

- **Espanhóis** - Os primeiros imigrantes espanhóis que chegaram ao Paraná formaram Colônias nos municípios de Jacarezinho, Santo Antônio da Platina e Wenceslau Brás. Entre 1942 e 1952 a imigração espanhola tornou-se mais intensa;

- **Holandeses** - Os primeiros holandeses chegaram no Paraná em 1909, instalaram-se em uma comunidade próxima a Irati. Algumas famílias acabaram voltando para a Holanda, outras foram para a região dos Campos Gerais onde fundaram a Cooperativa Holandesa de Laticínios, em 1925;

- **Italianos** - Sem dúvida os italianos foram os que ocuparam o primeiro lugar nas imigrações brasileiras. No Paraná eles contribuíram muito trabalhando nas lavouras de café e, mais tarde, em outras culturas. A principal concentração desses imigrantes no Estado está na capital, Curitiba, em Morretes, no litoral, e nas cidades de Palmeira e Lapa, onde existiu a colônia anarquista de Santa Cecília;

- **Japoneses** - Os imigrantes japoneses se fixaram no Norte Pioneiro, trazendo a tradição da lavoura japonesa;

- **Poloneses** - Os poloneses chegaram ao Paraná por volta de 1871, e fixaram-se em São Mateus do Sul, Rio Claro, Mallet, Cruz Machado, Ivaí, Reserva e Irati. Esse povo ajudou a difundir o uso do arado e da carroça de cabeçalho móvel, puxado a cavalo. Dedicados à agricultura, ajudaram a aumentar a produção do Estado;

- **Portugueses** - No Paraná, a partir de meados do século XIX, destacam-se as grandes levas de portugueses atraídos pela explosão cafeeira do **Norte Novo** do Paraná. A cidade de Paranaguá foi, e continua sendo até hoje, a cidade do Paraná que tem mais traços da cultura e herança lusitana. Foi a porta de entrada dos portugueses e manteve alguns traços característicos desse legado;

- **Ucranianos** - Os ucranianos chegaram ao Paraná entre 1895 e 1897. Mais de 20 mil imigrantes chegaram ao Estado e formaram suas principais colônias em Prudentópolis e Mallet. Hoje o Paraná abriga a grande maioria de ucranianos que vivem no Brasil: 350 mil dos 400 mil imigrantes e descendentes.

6.6 A Emancipação do Paraná: até 1853 o Paraná pertenceu à Província de São Paulo. Esse desmembramento teve variados motivos como o apoio de paranaenses à Revolução Farroupilha, uma

punição pela participação paulista na revolução liberal de 1842 e, sendo o argumento econômico, a grande e lucrativa produção de erva-mate na região do estado. O governo da Capitania Real do Rio de Janeiro decidiu a criação, em 1660, da Capitania de Paranaguá, que se formou a partir dos territórios pelos quais antigamente eram compostos pela Capitania de Santana. O fato de ser criada a então capitania hereditária vinha trazer benefícios ao Marquês de Cascais, um dos que descendiam de Pero Lopes de Sousa, donatário da Capitania. A existência da Capitania perdurou até 1710, quando da sua extinção e incorporação aos territórios da Capitania de São Vicente e Santo Amaro, com os quais veio a formação posterior da Capitania Geral de São Paulo, em 1709. Esta, por ser muito extensa, a coroa portuguesa dividiu em ambas as comarcas, ficando a do sul sediada em Paranaguá, onde tem passado a ser a residência oficial do ouvidor-geral. Posteriormente, em 1812, a coroa portuguesa transferiu sua capital de Paranaguá para Curitiba, sendo elevada à categoria de comarca com a denominação de Comarca de Curitiba e Paranaguá, nome que vigorou até 1853, quando a comarca foi transformada na mais nova província do Brasil Império.

Com a proclamação da República, o Paraná deixou de ser Província e passou a ser Estado. Seu 1º Governador foi Generoso Marques dos Santos.

6.7 A Evolução da Província do Paraná: O período provincial no Paraná teve uma duração de 36 anos, desde 1853 a 1889, quando o Brasil aderiu ao regime republicano de governo. Então o Paraná deixou de ser Província e passou a ser Estado. Seu 1º Governador foi Generoso Marques dos Santos.

No Paraná podemos dividir o período provincial em duas fases:

1- de 1853 até a Guerra do Paraguai (1864-1870);

2- do término desta guerra até 1889.

O primeiro período caracteriza-se pela nomeação ao cargo de presidente, de políticos procedentes de outras províncias do império. No segundo período, ocorre um aumento da autonomia da província, iniciando esta sua libertação da tutela que o governo imperial exercia. O Paraná foi muito beneficiado por ter como seu primeiro presidente o baiano Zacarias Góes e Vasconcelos, homem de grande visão política e administrativa, que soube orientar os primeiros passos da jovem província, de maneira dinâmica e eficiente. No dia seguinte ao de sua posse tomou importante decisão, ao encarregar pessoas competentes de realizarem um estudo minucioso das condições e possibilidades das estradas que ligavam Curitiba ao Litoral. Outro importante acontecimento no início do seu governo foi a confirmação da cidade de Curitiba como capital, apesar das pretensões que tinham dessa regalia as cidades de Paranaguá e Guarapuava. Além disso, no seu governo se fez:

a- a divisão da província em três comarcas: Curitiba, Paranaguá e Castro;

b- a criação de uma Companhia Policial, a fim de proporcionar aos cidadãos maior segurança individual;

c- o início da construção da estrada que ligaria Curitiba a Antonina, a conhecida estrada da Graciosa;

d- a organização de várias escolas primárias e a criação das cadeiras de francês e inglês no Liceu Paranaense.

6.8 A Fundação de Curitiba: Conta uma antiga tradição que Soares do Valle, membro de uma conhecida família de São Paulo, desentendeu-se com o governador da Capitania e teve que fugir, devido a perseguição que lhe moveu o dito governador. Embrenhou-se então pelos sertões incultos, vindo a sair nos Campos Gerais paranaenses, chegando às Campinas de Curitiba. Estabeleceu-se mais tarde com a família nos campos de Curitiba, na pequena povoação de nome Vilinha, localizada nas margens do riacho Atuba. Provavelmente por se tratar de uma região muito úmida, resolveram seus moradores mudar a sede da respectiva vila. Conta também uma antiga lenda que todas as manhãs, na capela do local, a imagem de Nossa Senhora da Luz, que ali se venerava, estava com o olhar voltado para o lado onde queria que se erigisse sua igreja definitiva. A lenda continua narrando que para ter sempre uma boa amizade com os indígenas, os povoadores deveriam convidar o cacique da tribo tinguí, que habitava a região, para indicá-lhes o local mais apropriado. Este cacique aceitou o convite e, depois de procurar demoradamente um bom

lugar, fincou uma vara no chão dizendo “CORÉ – ETUBA”, isto é, “muito pinhão”, “aqui”. Desta expressão do cacique tinguí surgiria o nome da futura capital dos paranaenses.

6.8.1 Personagens considerados fundadores de Curitiba:

O chefe da primeira expedição oficial que coordenou os serviços de exploração de minas de ouro nos Distritos do Sul (com inclusão de Curitiba) foi **Eleodoro Ébanos Pereira**. Os primeiros nomes que surgem na história de Curitiba, após Ébano Pereira foram:

- **Baltasar Carrasco dos Reis:** bandeirante brasileiro e um dos fundadores de Curitiba);
- **Mateus Martins Leme:** capitão-povoador da cidade de Curitiba, participou da bandeira de Fernão Dias Pais, em 1637, cujo percurso se estendeu até o Rio Grande do Sul. Promoveu a primeira eleição da Câmara de Vereadores. No dia 29 de março de 1693 fundou a Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, alguns anos após, chamada de Curitiba..
- **Gabriel de Lara:** "O povoador", em 1668 ergue um pelourinho no povoado de *Nossa Senhora da Luz dos Pinhais*. Este foi o marco inicial da história de Curitiba.

6.9 Os Ciclos da Economia do Paraná foram o ouro, o gado, a erva-mate, a madeira e o café.

6.9.1 O Ciclo do Ouro

O Primeiro Ouro encontrados em terras brasileiras em quantidades razoáveis, foram feitas no litoral sul do Brasil. Segundo Antônio Vieira dos Santos, em 1578 já há muito se trabalhava nas minas de Iguape e Paranaguá. A região que produziu esse ouro era o território compreendido entre o rio Nhundiaquara e a baía de Antonina. Esta descoberta provocou o povoamento tanto do litoral quanto do interior. Com a descoberta das Minas Gerais, o ouro de Paranaguá perdeu a importância. As famílias ricas, que possuíam grandes extensões de terra, passaram a se dedicar à criação de gado, que logo abasteceria a população de Minas Gerais.

6.9.2 O Ciclo do gado

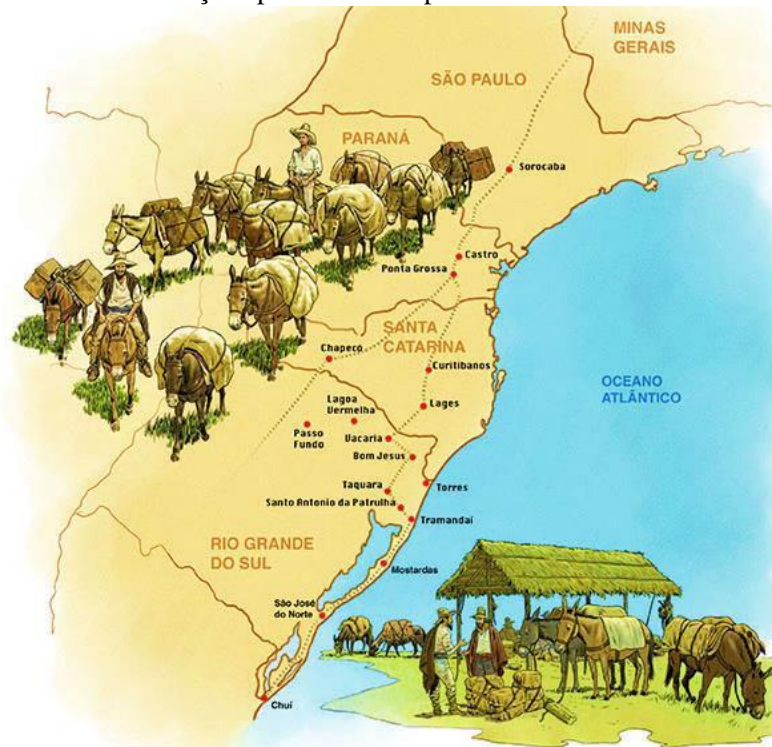
Como as grandes criações de gado e de eqüinos estavam localizadas ao sul (no Rio Grande do Sul, Paraguai e Argentina), foi aberto um caminho pelo qual o gado e os eqüinos seriam transportados, que ligava a Vila de Sorocaba (em São Paulo), a Viamão (no Rio Grande do Sul). A esse caminho deu-se o nome de “Caminho de Viamão. O gado e as mulas eram comprados na grande feira realizada em Viamão, e levados pelos tropeiros até a Vila de Sorocaba pelo Caminho de Viamão. Com o passar do tempo, as paradas ou os locais de pouso dos tropeiros, foram sendo povoados, dando início a novos municípios que atualmente formam um roteiro turístico, chamado de Rota dos Tropeiros.

A importância do Tropeirismo no Paraná: Foi o tropeiro um personagem típico de nossa sociedade de antigamente. O dono das tropas não era um homem pobre. O tropeiro desempenhava por conta própria o trabalho do correio, numa época em que o mesmo era praticamente inexistente no interior; era o homem que trazia as notícias dos últimos acontecimentos aos vilarejos por onde passava; era também o portador de bilhetes, recados e o intermediário de muitos negócios. Os tropeiros paranaenses eram chamados de Biriva ou Biriba. Os tropeiros gaúchos, acostumados à lida na campanha, dependiam muito dos Birivas para cruzar matas de cima da serra e conduzir a tropa até Sorocaba. Era o Biriva que tinha um conhecimento maior das matas e elevações dos caminhos que deveriam cruzar. Foi ainda o tropeiro paranaense que trouxe para o Paraná inúmeros termos de origem castelhana, como por exemplo: churrasco, chimango, charque, rabicho, arroio, bombacha, poncho, rincão, coxilha, estância, etc, termos estes que estão definitivamente incorporados ao linguajar paranaense e sem dúvida nenhuma no vocabulário gaúcho.

6.9.2.1 Os caminhos que surgiram durante o tropeirismo:

- O PEABIRU

Nome de origem tupi, que os índios davam ao caminho Transcontinental que ligava o Peru, no Oceano Pacífico, com São Vicente, no Atlântico. É um caminho pré-colombiano, existente antes do descobrimento da América. O Peabiru partia de São Vicente ou de Cananéia no litoral paulista, atravessava a escarpa do mar, penetrando pelo vale do rio Ribeira do Iguape, transpunha os Campos Gerais, ultrapassava os rios Tibagi, Ivaí, Piquiri e pelo vale deste último atingia a região das Sete Quedas no rio Paraná; atravessava este rio, penetrava em território paraguaio e, vencendo a Cordilheira dos Andes, terminava no litoral peruano. Possuía numerosas ramificações para o norte e para o sul.



- CAMINHO DA GRACIOSA

Ao que tudo indica, essa estrada fora antigamente uma picada pela qual os índios, localizados no planalto, desciam ao litoral. Posteriormente, os faiscaadores de ouro avivaram-na ao subirem pela escarpa, em direção ao planalto. Os viandantes que faziam a ligação entre a marinha e o interior, decidiram abandonar este caminho, em virtude de ser mais extenso do que os outros existentes. Apesar das várias tentativas que houve, no sentido de proporcionar-lhe condições de trânsito de muares, pouca coisa de concreto se fez.

- CAMINHO DE ITUPAVA

Conta uma antiga tradição popular que alguns caçadores da Borda do Campo (campos localizados entre Curitiba e a escarpa do mar), perseguindo uma anta, vieram a matá-la próximo a Porto de Cima. No trilho percorrido pelos caçadores, foi aberta uma picada, que deu origem ao caminho de Itupava. Inicialmente, tal como o da Graciosa, só dava trânsito aos pedestres. A preferência que os tropeiros manifestavam por esse caminho, em detrimento do da Graciosa, tinha as seguintes razões:

- 1- O caminho de Itupava era mais curto. A travessia da escarpa, desde Curitiba, levava apenas dois dias, enquanto que, pela Graciosa, quatro dias;
- 2- A simpatia e a solidariedade dos tropeiros para com os comerciantes de Morretes, onde possuíam inúmeros amigos e fregueses.

- CAMINHO DO ARRAIAL

Este caminho foi aberto pelos faiscadores de ouro estabelecidos no chamado Arraial Grande, no atual município de São José dos Pinhais. Dos três caminhos existentes para o litoral, era o que apresentava os maiores inconvenientes. Atravessava a escarpa em lugares muito estreitos e perigosos. Na descida da Serra, passava pelas margens de dois ribeirões, os quais impediam totalmente o trânsito por ocasião das chuvas, por sinal muito freqüentes.

- ESTRADA DA MATA

A comunicação dos Campos Gerais paranaenses com São Paulo é bastante antiga; porém, somente no século XVIII é que vai definir-se a denominada Estrada da Mata. Era, na realidade, um caminho ou simplesmente uma picada, que comunicava os campos do Rio Grande do Sul até a tradicional feira paulista de Sorocaba. O gado transportado do Rio Grande do Sul era revendido em Sorocaba e conduzido até as Minas Gerais. Não foi só o trânsito do gado bovino que caracterizou a Estrada da Mata; também as tropas de muares dominavam em seu trajeto. Realizavam as tropas de muares um ativo comércio entre as vilas do interior paulista e gaúcho. Tinha esse caminho vital importância, pois era o único que fazia a ligação do Rio Grande do Sul com São Paulo pelo interior.

6.9.3 O Ciclo da Erva Mate

A erva-mate, antigamente denominada de congonha, é uma árvore nativa das florestas regionais. Sua utilização como bebida já foi descoberta pelos índios paranaenses. Os jesuítas das reduções do Guairá chamaram-na de “erva do diabo”, porque os indígenas atribuíam-lhe poderes de descontrole das emoções. Em virtude disso, os jesuítas chegaram a proibir sua utilização pelos indígenas. A erva-mate, Erva do Paraguai ou “ILEX PARAGUARIENSIS”, como a denominou o sábio francês Saint-Hilaire, foi o mais original complexo cultural da região de Curitiba e dos Campos Gerais. Trata-se de um arbusto que chega a ter até 12 metros de altura, cujas folhas constituem sua parte mais importante. É uma riqueza espontânea que se renova em cada safra. Quanto mais se colhe, mais abundante ela se torna. Pode ser podada de 2 em 2 anos ou de 3 em 3 anos, dependendo do solo e da tecnologia aplicada. **Propriedades da Erva Mate:** Estimulante, digestivo, proporcionando ao corpo maior resistência às fadigas, sobretudo nas longas caminhadas. É também eficiente na digestão de alimentos pesados como o charque, o pinhão, feijão, etc, muito usados no sul do Brasil.

Importância econômica da Erva Mate para o Paraná: Pode-se dizer, também, que para se conhecer a História do Paraná, principalmente do Paraná tradicional, é necessário se conhecer a produção, embalagem, transporte e comercialização da erva-mate. Durante mais de cem anos – de 1820 a 1930 – a erva-mate foi absoluta na economia e em toda vida paranaense. Era a principal riqueza produzida. Toda a vida econômica, social, política, cultural, girava em torno da erva-mate. Conhecendo o processo cultural da erva-mate, conhece-se a História do Paraná daquele período. Samuel Guimarães da Costa afirmou que o estudo da economia ervateira é importante porque foi “o ciclo mais autônomo, mais prolongado e estável da História do Paraná”. Ao contrário do ciclo do ouro, do gado, da madeira ou do café, a economia ervateira “não esteve sob o controle de outros Estados, permitindo que o Paraná criasse em torno dela sua própria elite dirigente, com influência sobre as diretrizes governamentais que melhor convinhassem a seus interesses, embora pudesse ser vítima de seus próprios erros”. No dizer do professor Francisco Magalhães Filho “o mate estimulou o desenvolvimento de uma nova classe social: a burguesia”. O Mate foi tão importante que era a própria Província do Paraná, que foi criada em 1853, em seu nome e sob a sua influência.

6.9.4 O Ciclo da Madeira

O ciclo da madeira aconteceu ao mesmo tempo que o da erva-mate. Teve início no litoral, com a exploração do cedro, da peroba e da canela-preta. Com a construção da estrada da Graciosa e a estrada de ferro Curitiba – Paranaguá, o pinho do Paraná passou a ser exportado para todo o Brasil e até para o

exterior. Este ciclo trouxe grande desenvolvimento ao nosso Estado através do aumento do número de estradas, desenvolvimento dos rios Paraná e Iguaçu e do aparecimento de novas cidades como Palmas e Campo Mourão. Por outro lado a extração da madeira de forma desordenada também provocou um grande desmatamento, que modificou a nossa paisagem e alterou o equilíbrio ecológico da região.

6.9.5 O Ciclo do Café

Durante muito tempo, o café foi a atividade econômica mais importante não só para o Paraná como também para o Brasil. A plantação do café no Paraná teve início em 1920, mas em 1960 é que nosso Estado liderou a produção de café no país. Só com a descoberta da Terra-Roxa, no norte do Paraná, é que a lavoura cafeeira ganhou um grande impulso, principalmente com a vinda de agricultores paulista e mineiros. Essa ocupação ocorreu em três fases. A primeira delas durou de 1860 a 1920, foi ocupado o chamado "**norte velho**" compreendendo a divisa do nordeste com o Estado de São Paulo indo até a cidade de Cornélio Procopio. Cidades como Jacarezinho, Tomazina, Santo Antônio da Platina foram fundadas nesta época. A Segunda fase, conhecida como "**norte velho**" (1920 – 1950) fez a ocupação de Cornélio Procopio até o rio Ivaí. Nesse período foram fundadas as cidades de Londrina, Cambé, Rolândia, Maringá, Apucarana. Na última fase, denominada "**norte novíssimo**" (1950 – 1960) foi povoada a região entre os rios Piquiri e Ivaí, com fundação de cidades como Umuarama, Xambre, Cruzeiro do Oeste. Com o café surgiram novas indústrias, houve um aumento da imigração, com estrangeiros de várias nacionalidades vindo trabalhar na lavoura além de terem surgido novas estradas, para auxiliar, o transporte da produção

6.10 Revoluções no Paraná

6.10.1 A Revolução Federalista no Paraná: O Marechal Floriano suspeitava das tendências políticas monárquicas e parlamentaristas de Silveira Martins, líder político gaúcho. Por esta razão, Floriano aproximou-se de Júlio de Castilhos na luta comum contra Silveira Martins, apesar de Castilhos ter apoiado o Marechal Deodoro. Nas eleições para governador do Estado, saiu vitorioso Júlio de Castilhos. Os federalistas, partidários de Silveira Martins, inconformados com a derrota, procederam a invasão do Estado em 1893, com tropas procedentes do território uruguaio, onde se haviam organizados. Desde o início da revolução, ambos os grupos receberam apelidos populares, pelos quais passaram a ser chamados. Os florianistas, que eram os legalistas, ficaram conhecidos por "pica-paus", devido ao tipo de armamento que usavam. Os federalistas receberam a alcunha de "maragatos", que é um termo pejorativo de origem castelhana que significa "pessoa desqualificada". O Papel do Paraná foi decisivo nesta revolução sangrenta. Proporcionou ao governo central do Marechal Floriano, na época o símbolo da República e da legalidade, o tempo suficiente para a aquisição de uma esquadra, bem como para a organização, em São Paulo, das forças necessárias para deter e repelir o avanço das tropas federalistas. A prolongada resistência da Lapa foi decisiva na concretização destes planos e impediu o ataque ao Estado de São Paulo, o qual desta forma teve o tempo necessário para mobilizar-se.

O Cerco da Lapa: O Coronel Gomes Carneiro, após receber o comando do General Argollo, teve como preocupação máxima a organização da defesa da cidade. A 14 de janeiro, as forças do Coronel Carneiro foram atacadas, depois de algumas escaramuças por contingentes agrupados e chefiados por Gumercindo Saraiva, Aparício Saraiva, Jaques Ouriques, "Juca Tigre" e outros. Gomes Carneiro, cercado na Lapa, pediu auxílio à Curitiba e à Divisão do Norte de Pinheiro Machado, mas ninguém lhe respondeu. A única solução encontrada pelo militar foi a resistência total. A cidade foi violentamente bombardeada pela artilharia federalista. Foram rechaçadas todas as propostas de rendição formuladas pelos federalistas. Dia a dia, o cerco da cidade aumentava e os combates já se travavam corpo a corpo pelas ruas e escombros da cidade. A eficiente e pertinaz resistência oferecida por Carneiro irritava o adversário, que apertou ainda mais o cerco. A 7 de fevereiro, Gomes Carneiro recebeu um ferimento grave e dois dias após veio a falecer. A fome e a falta de munição instalaram-se entre os sitiados. Não chegava nenhum auxílio. A continuação da resistência seria inútil.

6.10.2 O Contestado: O problema de fronteiras entre os dois estados vizinhos Paraná e Santa Catarina era negligenciado pelas autoridades paranaenses. Esta desatenção, por parte dos homens públicos, vinha dos seguintes fatos:

a- Portugal obtivera da Espanha os territórios a oeste da linha de Tordesilhas, porque possuía o “uti-possidetis”, detinha o domínio ou uso dessas terras;

b- O Brasil obtivera ganho de causa com a Argentina na “Questão de Palmas” em virtude de possuir a seu favor o mesmo princípio. A administração e a população desse território eram brasileiras e paranaenses e não argentinas;

c- A constituição brasileira de 1891 previa que os casos de fronteira entre os Estados da Federação seriam resolvidos politicamente e não juridicamente. Logo, as fronteiras estaduais só poderiam ser definidas, mediante aquiescência das respectivas Assembleias Legislativas.

A maioria das lideranças políticas do território entregue pelo judiciário a Santa Catarina, negavam-se em aceitar a administração catarinense. Julgavam que seriam esquecidos e pulverizados pelo governo de Florianópolis. Era praticamente um pensamento unânime dessas lideranças e do próprio governo paranaense, o de que nunca deveriam passar para a administração do vizinho Estado. Se isso forçosamente ocorresse, deveriam lutar para formar um Estado próprio em todo o território contestado. Esta idéia vingou e imediatamente foi escolhido o nome da futura provável nova unidade da federação: Missões. Foi confeccionada uma bandeira e formado um governo provisório em União da Vitória. O Estado do Paraná assinou um compromisso com esse novo governo provisório, do “**Estado das Missões**”: tudo seria feito para o Paraná recuperar o Contestado. Se isso não fosse possível, o Estado do Paraná apoiaria a criação do novo Estado da federação. A situação voltou a ficar tensa e uma nova conflagração armada começou a ser possível na região. Foi então que interveio na questão o presidente da República, Wenceslau Braz. Era preciso evitar a qualquer custo um novo conflito bélico. Por outro lado, Santa Catarina ficou temerosa com a perspectiva de ficar reduzida a um território compreendido entre a Serra do Mar e o Litoral. Resolveu então ceder e negociar com o Paraná a definição de suas fronteiras. O Paraná cedeu o chamado “Contestado Norte”: Itaiópolis, Papanduva e Canoinhas e os territórios a oeste do rio do Peixe ficaram divididos a “grosso modo” pelo divisor de águas entre as bacias do Iguaçu e Uruguai. Era a chamada linha Wenceslau Braz. Desta forma, o Paraná recuperou o sudoeste (Palmas e Clevelândia) e perdeu as terras da vertente do rio Uruguai. O Paraná contentou-se com 20.000 Km² e Santa Catarina com 28.000 Km². O acordo definitivo foi assinado em 1916 e as respectivas Assembleias Legislativas ratificaram o estabelecido.

Monges João Maria e José Maria: No final do século XIX, na região do Contestado, celebrizou-se o monge João Maria de Agostini, que depois de sua morte tornou-se figura lendária entre os sertanejos. Por volta de 1912, ocupou o seu lugar José Maria de Santo Agostinho, que se dizia seu irmão. Rapidamente passou a liderar um grupo de fiéis que se reunia num bairro rural do município de Curitiba, em Santa Catarina. Porém, sob pressão do prefeito da cidade, os fiéis foram obrigados a se transferir para a região do município de Palmas, onde ocorreram as disputas entre catarinenses e paranaenses. Novamente os fiéis foram dispersos pelas autoridades e, dessa vez, José Maria foi morto.

A lenda de seu próximo retorno, entretanto, propagou-se rapidamente. A força dessa crença acentuou-se com as visões de uma menina, em Taquaruçu, em que José Maria teria ordenado a reunificação dos fiéis. Os crentes começaram então a chegar a Taquaruçu, mas a pronta ação das forças repressivas arrasou novamente o ajuntamento. Os sobreviventes reuniram-se em Santa Maria, onde organizaram uma cidade santa que resistiu valentemente às investidas do Exército. O grande número de soldados e armas utilizados pelas forças repressivas determinou, enfim, a derrota dos crentes, em 1916.

7. HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL

7.1 As tribos indígenas que prevaleceram no estado do Rio Grande do Sul eram: o grupo Guarani (carijó, tape, arachone); o grupo Gê (guaiana, ibirajá, corondo); e o grupo Pampeano (charruas e minuanos).

A cultura dos índios: Dançavam ao som de tambores e flautas feitas de bambu e ossos. Fabricavam armas com ponta de ossos e madeira, como o arco e a flecha, o tacape e a machadinha. Os índios pampeanos já usavam a boleadeira e eram exímios cavaleiros. Como alimento, usavam o milho, a batata-doce, mandioca, frutas, aves, peixes, raízes e animais. A bebida era o cauim.

7.2 As Missões Jesuíticas: Por volta de 1625, o padre Roque Gonzáles, vindo do Paraguai, depois de organizar as Reduções da Argentina, tentou firmar pé na margem esquerda do rio Uruguai, no atual território do Rio Grande do Sul. Conseguiu reduzir algumas tribos e, em maio de 1626, fundou a primeira redução, ou seja, o primeiro dos Sete Povos das Missões, encravado entre terras espanholas e portuguesas, que foi São Nicolau.

As Missões fundadas no território gaúcho foram São Miguel (1632), por padre Cristóvão de Mendonza); São Luiz Gonzaga (1673, padre Miguel Fernandez); São Borja (1690, padre Francisco Garcia), São Lourenço (1691, padre Bernardo de La Vega); São João Batista (1697, padre Antônio Sepp); Santo Ângelo (1707, padre Diogo Haze).

7.3 Colônia de Sacramento: Em 1680, foi fundada pelos portugueses a Colônia do Sacramento, porém os espanhóis julgavam que o território pertencia à Espanha, ou seja, era de suas posses, e passaram a atacá-lo. Para dar apoio às tropas portuguesas que estavam na Colônia foi fundada em 1686, a cidade de Laguna em Santa Catarina, que ficava muito distante de Colônia localizada no atual Uruguai. Por esse motivo, é que foi fundada em 19 de fevereiro de 1737, uma guarnição forte (um “presídio”, como se dizia naquela época), por José da Silva Pais. Recebeu o nome de “Jesus-Maria-José”. Seria a primeira fundação oficial portuguesa em solo gaúcho. Esta fundação deu origem à cidade de Rio Grande.

7.4 O Tratado de Madrid: Os Sete Povos das Missões prosperavam. Enquanto isso, os castelhanos de Buenos Aires atacavam constantemente a Colônia do Sacramento, pois entendiam que aquelas terras pertenciam à Espanha. Estando casados o rei da Espanha com a princesa portuguesa e rei de Portugal com a princesa espanhola, diplomatas de ambos, os países negociaram a troca da Colônia do Sacramento por terras equivalentes. Portugal trocou a Colônia do Sacramento, uma cidade na fronteira com a Espanha e as Filipinas pelos Sete Povos, oeste de Santa Catarina, oeste do Paraná, Mato Grosso e Amazônia. Está aí o problema: a Colônia pelos povos missionários, onde habitavam mais de 30 mil índios reduzidos e cuja retirada devia se dar no prazo de um ano. As missões não aceitaram o tratado. Do lado português foi nomeado o General Gomes Freire de Andrade então governador do Rio de Janeiro; do lado espanhol foi nomeado o Marquês de Valdelírios.

7.5 A Guerra Guaranítica: Os missionários não concordaram com a transmigração dos Sete Povos para o território entre os rios Uruguai e Paraná, porque não queriam abandonar suas igrejas, cemitérios e lavouras. Os missionários da outra margem do Uruguai não aceitavam a transmigração porque lá não havia mais terras disponíveis para novos povoados e lavouras. Em janeiro de 1756, os exércitos luso e espanhol se encontraram e avançaram em direção aos Sete Povos, sofrendo ataques de guerrilhas armadas por Sepé Tiaraju. Até que, num golpe fracassado, o governador de Montevidéu consegue matar o grande mestre militar dos índios missionários o Cacique de São Miguel, Sepé Tiaraju, a 07 de fevereiro de 1756. Apesar desse revés, os índios não desistiram. Nicolau Nenguiru, novo chefe tape, comandou o encontro

decisivo em Caiboaté, a 10 de fevereiro, quando 1200 índios tingiram de sangue o campo de batalha. Foi uma matança de índios, carecedores do necessário preparo militar para enfrentar os dois exércitos peninsulares. Daí por diante os índios não mais conseguem se recuperar, fugindo sempre dos exércitos ibéricos, incendiaram seus lares e igrejas refugiando-se nas matas. A Guerra Guaranítica destruiu moralmente as reduções, abalando a confiança dos índios nos jesuítas e nas autoridades e destruiu estâncias e ervais.

7.6 O Tratado de El Pardo: Em 1761, o tratado de El Pardo anulava o Tratado de Madrid e os índios retornavam às Missões, mas completamente transfigurados dos imponentes e bravos companheiros de Tiarajú e Nhenguiru.

7.7 Tratado de Santo Ildefonso: Assinado em 1º de outubro de 1777, modificava a linha de limites das terras entre as duas Coroas Ibéricas: a Colônia do Sacramento e os Sete Povos das Missões voltavam à Espanha, ficando Portugal com a Vila de Rio Grande e a Ilha de Santa Catarina.

7.8 O Tropeirismo

A palavra "tropeiro" deriva de tropa, numa referência ao conjunto de homens que transportavam gado e mercadoria no Brasil colônia. O termo tem sido usado para designar principalmente o transporte de gado da região do Rio Grande do Sul até os mercados de Minas Gerais, posteriormente São Paulo e Rio de Janeiro, porém há quem use o termo em momentos anteriores da vida colonial, como no "ciclo do açúcar" entre os séculos XVI e XVII, quando várias regiões do interior nordestino se dedicaram a criação de animais para comercialização com os senhores de engenho.

No ano de 1634, o padre jesuíta Cristovam de Mendonza Orellana (Cristóvão de Mendonza) introduz o gado nas Missões Orientais, o que vai justificar mais tarde o surgimento do gaúcho. Esta feita faz com que este padre jesuíta seja considerado o primeiro tropeiro rio-grandense.

Logo após em 1641 os jesuítas são expulsos do Rio Grande do Sul pelos bandeirantes, depois de fundarem 18 reduções ou povos. Essas aldeias foram todas arrasadas e o gado, um pouco foi escondido na Vacaria dos Pinhais, outro pouco levaram para a Argentina na sua fuga e a maior parte se esparramou, virando "chimarrão", que quer dizer selvagem. Graças ao padre Cristóvão Mendonza, esse gado, que não tinha marca nem sinal, ficou também chamado "orelhano".

Apesar da resistência por parte de padres e índios, as Missões foram destruídas, mas deixaram um legado que, por muito tempo, seria a base da economia gaúcha: os grandes rebanhos de bovinos e cavalos, criados soltos pelas pradarias.

Dessa maneira pode-se afirmar que a influência espanhola se fez sentir no Rio Grande do Sul desde a sua formação. Pode-se mesmo falar que, sem a participação espanhola, a pecuária - que seria a base da economia gaúcha durante o século XIX e início do XX - não existiria com a importância que tem. Não poderia ser de outra forma. Afinal, o Rio Grande representou a principal zona de contato - e conflito - com os vizinhos espanhóis.

Nos Séculos XVII e XVIII, os tropeiros eram partes da vida da zona rural e cidades pequenas dentro do sul do Brasil. Vestidos como gaúchos com chapéus, ponchos, e botas, os tropeiros dirigiram rebanhos de gado e levaram bens por esta região para São Paulo, comercializados na feira de Sorocaba. De São Paulo, os animais e mercadorias foram para os estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

O tropeiro iniciava-se na profissão por volta dos 10 anos, acompanhando o pai, que era o negociante (compra e venda de animais) o condutor da tropa. Usava chapelão de feltro cinza ou marrom, de abas viradas, camisa de cor similar ao chapéu de pano forte, manta ou beata com uma abertura no centro, jogada sobre o ombro, botas de couro flexível que chegavam até o meio da coxa para proteger-se nos terrenos alagados e matas.

No Rio Grande, a cidade de Viamão tornou-se um dos principais centros de comércio e formação de tropas que tinham como destino os mercados de São Paulo. Porém de outras regiões do sul partiam as tropas, quase sempre com o mesmo destino. Nesses trajetos, os tropeiros procuravam seguir o curso dos

rios ou atravessar as áreas mais abertas, os "campos gerais" e mesmo conhecendo os caminhos mais seguros, o trajeto envolvia várias semanas.

Ao final de cada dia era acesso o fogo, para depois construir uma tenda com os couros que serviam para cobrir a carga dos animais, reservando alguns para colocar no chão, onde dormiam envoltos em seu manto. Chamava-se "encosto" o pouso em pasto aberto e "rancho" quando já havia um abrigo construído. Ao longo do tempo os principais pousos se transformaram em povoações e vilas. É interessante notar que dezenas de cidades do interior na região sul do Brasil e mesmo em São Paulo, atribuem sua origem a atividade dos tropeiros.

7.9 Estâncias Sul Rio Grandenses

No lugar da palavra "fazenda", em português, ou "hacienda" em espanhol, usadas correntemente em toda a América do Sul, outra palavra é até hoje empregada no extremo Sul do continente para designar terras destinadas à criação de gado. Este termo é "estância".

A origem das estâncias no litoral do Rio Grande do Sul:

"A colonização luso-brasileira do Rio Grande do Sul ocorreu com uma defasagem de quase dois séculos do restante da costa brasileira. Tendo como atrativo a exploração econômica da pecuária, o território foi ocupado a partir da necessidade de abastecimento da região das Minas, descobertas no final do século XVII; abastecimento que incluía, além dos alimentos, o próprio meio de transporte necessário."

"Criatórios extensos denominados estâncias surgiram a partir da existência de pastagens qualificadas, povoadas pelo gado xucro remanescente do empreendimento jesuítico. Destinados a invernar gado solto para deslocamento e comercialização em Sorocaba, estes estabelecimentos tiveram suas atividades iniciais ampliadas gradualmente, passando ao criatório efetivo, às atividades agrícolas e práticas fabris incipientes, como a produção da farinha de mandioca em atafonas, de charque, do curtimento de couro, entre outras mais recentes".

Chama-se estância no Rio Grande do Sul, uma circunscrição dada das campinas do país, povoada de gado, cavalos e mulas e, em certas porções, partes de carneiros; tem ordinariamente a extensão de uma sesmaria, às vezes de duas, de três e mais; os animais multiplicam-se nelas na razão da quantidade inicial, da vastidão do território e da bondade dos pastos.

Assim, a origem do termo estância remonta ao século XVIII, quando o território do Uruguai e do Rio Grande do Sul era disputado pelas coroas ibéricas. Em meio a batalhas constantes por fronteiras movediças, formou-se o tipo gaúcho, nascido da fusão das culturas indígenas charrua e minuano, do espírito de aventura e de pilhagem dos bandeirantes paulistas e do sangue mouro que corria em veias castelhanas.

Em 1704, Francisco Ribeiro, sargento-mor do exército português, comentava a respeito das terras que, dentro em pouco, a coroa principiaria a colonizar: *"Tem estas terras, pela grandeza, comodidade, riqueza e fertilidade, sufficientíssimo sítio para nela fazer-se, em poucos anos, um Reino muito maior que o de Portugal, (...) levando da praia de Castilhos [Uruguai] até Laguna [Santa Catarina], vinte e seis dias de viagem – e sempre com bastante gado"*.

Enfatizando a abundância de gado no litoral (chamada Vacaria do Mar, gado introduzido por jesuítas e que se reproduziu livremente), prossegue Francisco Ribeiro: *"A comodidade é admirável pela excessiva quantidade de gado; segura o sustento e conveniência a todos os que a habitarem, aos seus gados ovelhuns, por cuja procriação é vantajosa a deste Reino, e a seu gado vacuns, a qual propagação não há parte no mundo que a tenha semelhante"*.

O território sulino era nômade, móvel, belicoso e instável. Entre metade do século XVIII e meados do XIX, Portugal e Espanha amadureceram acordos que estabilizaram as fronteiras de suas colônias, possibilitando que os limites políticos do Rio Grande do Sul ganhassem o contorno atual.

A estratégia de ocupação portuguesa do Rio Grande do Sul incluiu a doação de sesmarias, sendo a primeira delas concedida em 1726 a um lagunense, na Paragem das Conchas, atual município de Tramandaí. Em uma terra de nomadismo e fronteiras movediças como era o Rio Grande de São Pedro do Sul, a possibilidade de "estar" na terra carregava um sentido forte: significava possuí-la, criar gado vacum

e mear, solidificar fronteiras, resistir às investidas castelhanas e, logo adiante, expulsar indígenas e trazer braços estrangeiros, (colonos europeus e escravos), para gerar riqueza. A estância era, portanto, o lugar onde homem e gado podiam estar e enraizar-se.

Desde o tratado de Santo Ildefonso, (1777), pelo qual Portugal concedia a Colônia de Sacramento aos espanhóis e, em troca, incorporava a fatia oriental do Rio Grande do Sul, intensificou-se a concessão de sesmarias aos militares que se destacaram em combate. Esta classe de militares foi a origem da aristocracia rural gaúcha. Com ela, teve início o regime das estâncias como uma das bases econômicas da região, fundamentado na experiência social, política e guerreira de um grupo experimentado a ferro e fogo.

No início de 1784, o Vice-Rei do Brasil mandou realizar uma “Relação de moradores que têm campos e animais no Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul” com objetivo de conhecer a real situação da distribuição de terras no extremo Sul da colônia. O documento classifica proprietários e propriedades em quatro categorias: “lavrador”, “criador”, “criador e lavrador” e “mais lavoura que criação”. A “Relação” possibilitou conhecer o ritmo da ocupação do território, as formas pelas quais os habitantes obtiveram a posse dos terrenos, a ocupação a que se dedicavam e o tamanho dos rebanhos – tudo isso em um momento de rápida apropriação de terras, sete anos após a reconquista da Vila de Rio Grande aos espanhóis.

A leitura da “Relação” produz a curiosa constatação de que, apesar de já considerado o “reino da pecuária”, ao final do século XVIII, o Rio Grande do Sul possuía mais produtores dedicados à agricultura do que à criação de gado.

Os maiores produtores eram José Francisco da Silveira Casado, que possuía 8 mil reses, o padre João Diniz Alves de Lima, com 10 mil, Custódio de Souza Oliveira, com 11 mil, e Caetano da Silveira de Matos, possuidor de 12.200 reses.

A elite de estancieiros à qual pertenciam estes produtores desenvolveu estratégias para ampliar seus domínios e constituir extensíssimas estâncias. A maior dos proprietários tinha estâncias constituídas por 2, 3 ou 4 terrenos contíguos, adquiridos de diferentes formas.

Ainda conforme a “Relação”, 40% dos estancieiros possuíam mais de 10.000 ha e o tamanho médio das propriedades era de 12.095 ha. Recorde-se que a dimensão máxima de uma sesmaria era de três léguas quadradas, ou 13.068 ha e, portanto, grande parte do grupo possuía estabelecimentos com dimensões muito próximas a de uma sesmaria. Mas muitas outras extrapolavam largamente esta dimensão. Encontramos uma única propriedade com 22.869 há; outra, no distrito de Vacaria, com 43.560 ha, de um proprietário que possuía outra sesmaria em Cachoeira. Caetano da Silveira de Matos, o maior proprietário de gado (12.200 cabeças vacuns) possuía um campo de 69.969 ha, mais de 5 léguas quadradas. Mas nenhum outro se equipara ao cel. Rafael Pinto Bandeira, que tinha 12 campos diferentes, espalhados pelas freguesias de Anjos, Encruzilhada, Cerro Pelado, Vacaria e Rio Grande. Apenas em Cerro Pelado possuía 34.848 ha, apesar de ter aí somente 6.000 reses. Claramente, o militar mais prestigiado do Rio Grande estava realizando um processo bem sucedido de monopolização de terras.

Os estancieiros ocupavam uma posição de elite no conjunto da sociedade sulina. Dos 100 cadastrados pela “Relação de moradores que têm campos e animais no Continente”, (de 1784), 48 estancieiros possuíam patentes militares (seis, de tropas regulares, e 42, de tropas auxiliares), o que é bastante representativo sobre a constituição social desta elite.

7.10 As Charquedas

Incorporada à Coroa Portuguesa somente no século XVIII, a região sul do Brasil foi paulatinamente ocupada por meio do descumprimento dos limites do tratado de Tordesilhas. Exploradores de toda espécie e, principalmente, jesuítas foram fundamentais para que essa região fosse economicamente ativa. Por muito tempo, os espanhóis temiam a presença lusitana na região por causa de sua grande proximidade com as áreas de mineração do Rio da Prata.

A partir da segunda metade do século XVIII, o território sulista se transformou em um grande polo pecuarista. Tal atividade se desenvolveu graças ao relevo plano, a rica pastagem natural que permitia a

criação de gado em larga escala. Em um primeiro momento, a produção de couro foi fomentada para atender as demandas da metrópole. Posteriormente, com o enfraquecimento da pecuária no Nordeste, observamos a produção e o comércio do charque, também conhecido como carne seca.

Carregado no lombo de mulas, o charque tinha destaque no mercado alimentício interno. Por conta das grandes dificuldades de transporte da época, a conservação dos víveres se tornava uma tarefa muito complicada. Nesse aspecto, o charque levava enorme vantagem por ser um produto que resistia bem ao processo de deterioração da matéria orgânica. Com o aumento dos centros urbanos, principalmente por conta da atividade mineradora, o charque passou a ser produzido em grandes quantidades.

Ao sustentar a demanda alimentar de outras regiões, o charque foi sendo agente responsável na consolidação de grandes centros urbanos no sul do Brasil. Além disso, também podemos assinalar a formação de uma enriquecida elite pecuarista que desenvolvia e controlava as charqueadas no interior de suas propriedades. Paralelamente, uma significativa quantidade de escravos era explorada para que o lucro com a atividade crescesse de forma exponencial.

A importância dessa atividade econômica chegou a motivar o desenvolvimento de uma das mais agressivas rebeliões do Período Regencial. Em meados de 1830, os estancieiros gaúchos cobravam medidas do governo para que a concorrência dos países vizinhos fosse diminuída. Apesar da demanda, o governo brasileiro se negou a atender ao pedido dizendo que os preços do charque e do couro gaúcho eram abusivos.

Sentindo-se menosprezados pelo governo central, as elites pecuaristas organizaram tropas e realizaram a conquista das províncias do Rio Grande do Sul e Santa Catarina durante a chamada Revolução Farroupilha. Entre 1835 e 1845, o governo brasileiro e os farrapos travaram violentos conflitos que desgastaram ambos os lados. Após negociações, as divergências políticas foram sanadas com a assinatura do Tratado de Ponche Verde.

7.11 O Couro no Rio Grande do Sul

No sul do continente americano, o gado foi introduzido pelos jesuítas espanhóis em suas missões religiosas às margens do rio Uruguai. Com os ataques realizados pelos bandeirantes paulistas apesadores de indígenas, as missões foram destruídas e o gado ficou solto pelos pampas, os campos do "Continente". Esse rebanho reproduziu-se rapidamente, passando a viver em estado selvagem. No final do século XVII e início do século XVIII, os paulistas começaram a se interessar por esse gado. A necessidade de carne e couro para abastecer a região mineradora incentivou o deslocamento para os campos do sul. Formaram-se duas correntes de penetração: uma pelo litoral, a partir de Laguna, e outra pelo interior, percorrendo os campos do planalto que unem Curitiba ao Sul.

Ao contrário do sertão nordestino, o sul apresentava condições muito favoráveis à criação: relevo plano, pastagens de boa qualidade, clima ameno e um grande número de rios e riachos. Nas extensas planícies do Continente do Rio Grande a pecuária desenvolveu-se rapidamente. Nem os conflitos com os índios, nem os problemas de fronteiras entre portugueses e espanhóis conseguiram deter sua expansão. Desejando garantir a posse do território, numa região submetida a constantes lutas fronteiriças, a Coroa portuguesa distribuiu muitas sesmarias, o que determinou a concentração de terras nas mãos de alguns poucos colonos. Formaram-se imensas propriedades: as estâncias.

Como no sertão nordestino, também no Sul uma sesmaria deveria ter três léguas (cada légua corresponde a 6600 metros). No entanto, esse limite nem sempre foi obedecido. Algumas chegavam a alcançar mais de vinte léguas. Os colonos acabavam ganhando muito mais, porque pediam terras em nome dos filhos. Alcides Lima, em "História Popular do Rio Grande do Sul", relata que um observador próximo dos acontecimentos escrevia em 1808: "Requeriam-se sesmarias não só em nome próprio, mas no das mulheres, filhos e filhas, de crianças que ainda estavam no berço e das que ainda estavam por nascer". No final do século XVIII já havia mais de 500 estâncias na Capitania do Rio Grande de São Pedro, atual estado do Rio Grande do Sul.

Nas estâncias o rebanho vivia solto e sem grandes cuidados. Como nas fazendas do Nordeste, não havia serviço permanente para a maioria das pessoas. Os peões pastoreavam o gado sob as ordens do

capataz. Eram trabalhadores livres, brancos, índios ou mestiços, sempre prontos a se defender de ataques dos espanhóis, dos índios não submetidos, dos contrabandistas e dos ladrões. É essa a origem do gaúcho, misto de vaqueiro e soldado, sempre montado a cavalo.

Em caso de necessidade, como por ocasião da inspeção, marcação e castração do gado, eram recrutados peões extras entre a população nômade que circulava na campanha.

No início do século XIX, o viajante Saint-Hilaire dizia: "A pecuária nesta região pouco trabalho dá. O único cuidado que reconhecem necessário é acostumar os animais a ver homens... a fim de que não fiquem completamente selvagens, deixem-se marcar quando preciso for e possam ser laçados os que se destinarem ao corte ou à castração. Para tal fim o gado é reunido, de tempos em tempos, em determinado local. A essa prática chamam "fazer o rodeio" e ao local onde prendem os animais dão o nome de rodeio".

O rodeio, realizado duas vezes por ano, era dia de diversão. Nele não faltavam as carreiras de cavalos, o churrasco e o chimarrão, até hoje elementos incorporados aos costumes do Rio Grande do Sul.

Inicialmente a principal atividade era a produção de couro, exportado em grande escala. Frequentemente abatia-se o animal apenas para tirar-lhe a pele. Como no sertão nordestino, também para o gaúcho o couro foi muito importante, a ponto de o historiador Capistrano de Abreu afirmar que no sul também houve uma "época do couro".

7.12 Os Changueadores

Os Changueadores eram classificados como coureadores, índios ou mestiços, sem domicílio certo, trabalhando em serviços que fossem executados a cavalo.

Foram remanescentes de tribos guerreiras que habitavam na Argentina, no Uruguai, as vezes amestiçados com portugueses e espanhóis.

Através de uma lança com uma ponta em forma de curva cortavam a perna dos animais que caía no chão e em seguida eram mortos e com o couro retirado para ser vendido.

7.13 Nomes que o Estado do Rio Grande do Sul já teve:

De 1500 a 1737 – Capitania Del Rei;

1737 a 1763 – Continente de São Pedro;

1763 a 1776 – Continente de Viamão;

1776 a 1807 – Capitania do Rio Grande do Sul;

1807 a 1822 - Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul;

1822 a 1889 – Província de São Pedro do Rio Grande do Sul;

1889 em diante – Estado do Rio Grande do Sul.

7.14 Os imigrantes do Rio Grande do Sul vieram, inicialmente em 1824: grupos de imigrantes alemães para colônia de São Leopoldo, depois os poloneses e italianos.

7.15 Revoluções no Rio Grande do Sul

7.15.1 A Revolução Farroupilha iniciou pelas ideias republicanas emanadas dos países vizinhos, que vieram dar um clima propício a movimentos silenciosos. O descaso da Regência para com a Província e o estado de abandono a ela dada, os pesados impostos na economia gaúcha, cada vez mais sacrificada, e a falta de habilidade das autoridades que a governavam, levaram essa Província á mais cruel e longa luta: a Revolução Farroupilha (1835 – 1845). As constantes rivalidades existentes entre os dois partidos políticos, os Liberais e os Conservadores, e a fundação de uma "sociedade militar", acabaram por desencadear o "Decênio Heróico".

A 19 de setembro de 1835, por volta da meia-noite, nas proximidades da antiga Ponte da Azenha, uma força revolucionária com aproximadamente 200 cavaleiros, comandada por José Vasconcelos Jardim e Onofre Pires da Silva, vindo de Pedras Brancas (atual cidade de Guaíba), iniciou marcha em direção ao

centro da capital, ao seu encontro o Presidente Braga mandou uma pequena força, sob o comando de Visconde de Camamu, que aos primeiros choques com a vanguarda revolucionária entrou em pânico, levando o resto das tropas aderirem aos sediosos. No dia seguinte, 20 de setembro, Bento Gonçalves, vindo de Pedras Brancas, entra triunfalmente em Porto Alegre. O Presidente Fernandes Braga foge para a cidade de Rio Grande e Bento Gonçalves estabelece novo governo na Província.

As principais batalhas da Revolução Farroupilha foram: Do Seival (10 de setembro de 1836); do Fanfa (04 de outubro de 1836); da Fazenda Porongos (31 de julho de 1837); do Rio Pardo (30 de abril de 1838); do Poncho Verde (26 de maio de 1843) e de Porongos (14 de novembro de 1844).

As 3 Capitais Farroupilhas foram: Piratini (de 10 de Novembro de 1836 à 14 de Fevereiro de 1839), Caçapava (de 14 de Fevereiro de 1839 à 22 de Março de 1842) e Alegrete (de 22 de Março de 1842 à 28 de Fevereiro de 1845).

Os principais Vultos da Revolução Farroupilha foram: Bento Gonçalves, Davi Canabarro, Anita Garibaldi, Guiseppe Garibaldi, José Vasconcelos Jardim, Onofre Pires da Silva, Bento Manuel Ribeiro, Antônio de Souza Neto.

O fim da Revolução Farroupilha veio através do Barão de Caxias, homem de extraordinária inteligência. Não foi difícil estabelecer a paz nos pampas gaúchos, que após dez anos de sangrentas lutas entre irmãos brasileiros, encontra o seu fim no dia 28 de fevereiro de 1845, com a assinatura do acordo de Poncho Verde, onde ninguém saiu vencido, nem vencedor.

7.15.2 A Guerra do Paraguai para o Rio Grande do Sul: Quando Solano Lopes assumiu a presidência do Paraguai em 1862, o Paraguai tinha um bom desenvolvimento. Mas alguns países tinham uma opinião bastante desfavorável sobre a situação do Paraguai: a Inglaterra defendia a liberdade do comércio sem pagar taxas alfandegárias como às cobradas pelo governo do Paraguai. O Brasil estava interessado em navegar pelos seus rios, o que não era permitido por aquele governo. Os conflitos aumentaram durante a luta do Brasil contra o governo de Aguirre, no Uruguai. Lopes rompeu relações com o Brasil e atacou a Argentina. A agressão Paraguaia fez com que esses dois países se unissem contra Solano Lopes. Tiveram o apoio do Uruguai, Brasil e Argentina, formaram então a “Tríplice Aliança”. O comando das forças Aliadas ficou com o general Mitre, presidente da Aliança. Em 1865 começou a luta. A esquadria aliada destruiu a esquadra paraguaia na Batalha do Riachuelo em 1865. Em 1869, o Paraguai estava derrotado. Saiu arrasado do conflito. No Rio Grande do Sul em 1864, David Canabarro colocou acampamento entre Itaqui e São Borja. Em maio de 1865, os paraguaios invadiram Santo Tomé. Quando os paraguaios chegaram ao meio do Rio Uruguai, os brasileiros abriram o fogo contra o inimigo que recuou. Em agosto os paraguaios chegaram a Uruguaiana acampando nos arredores. Em 18 de setembro chega a comitiva imperial a Uruguaiana. Dom Pedro II intimou os invasores comandados por Estigarriba a se renderem.

7.15.3 A Revolução Federalista iniciou em fevereiro de 1893. Acampado em Carpintaria, na linha divisória com o Uruguai, o general Honório João Nunes da Silva Tavares fez uma proclamação aos Rio-Grandenses, concitando-os à luta “pela reconquista da Liberdade”. Na verdade, essa revolução, tinha um caráter inteiramente político e foi a mais sangrenta e desumana que o Rio Grande já conheceu. Foi adotada a degola dos inimigos aprisionados numa escala surpreendente. O presidente do Estado era o Dr. Júlio de Castilhos.

Os principais Chefes e Caudilhos Federalistas foram: Gumercindo Saraiva, José Serafim de Castilhos (Juca Tigre), Dinarte Dornelles, Marcelino Pina e outros. O chefe civil da revolução era o Dr. Silveira Martins.

Os principais chefes Legalistas foram: General João Telles, Coronel Pinheiro Machado, Coronel Menna Barreto, General Francisco Soares e outros.

As principais batalhas foram: Alegrete, (Mangueira, Jararaca); Inhanduí (afluente do rio Ibirapuitã), sendo essa a mais importante sob o aspecto tático; Cerro do Ouro; Coxilha Grande e Rio Negro.

O fim da Revolução Federalista ocorreu no Capão do Carovi, quando os federalistas se preparavam para um grande combate, o caudilho maragato Gumercindo Saraiva fora mortalmente ferido com um tiro que veio do mato. O desânimo da tropa de 4.000 homens, que ali estavam reunidos, foi imediato e bateram em retirada. O corpo do famoso caudilho está sepultado no cemitério Santo Antônio, em Santiago do Boqueirão. Em 24 de julho de 1895 travou-se o último combate, onde morreu o almirante Saldanha, tendo assumido a presidência da República, Prudente de Moraes, tratou de pacificar o Rio Grande do Sul. A paz foi assinada em 23 de agosto de 1893, na cidade de Pelotas.

7.15.4 A Revolução de 1923 inicia quando Borges de Medeiros fora eleito pela quarta vez, numa apuração considerada fraudulenta. Os oposicionistas, formados por antigos federalistas de 93 e os chamados democratas de Fernando Abott, que havia lançado a ditadura do Dr. Assis Brasil, encararam o movimento de rebeldia.

Os principais chefes Revolucionários foram: Leonel Rocha (região de Palmeiras); Felipe Portinho (planalto do nordeste); Estácio Azambuja (centro-sul); José Antônio Neto (Zeca Neto), no Sul. Todos tinham o posto de general.

Os principais chefes Legalistas foram: General Firmino de Paula, Firmino Paim Filho, Coronel Flores da Cunha, Claudino Flores pereira (Comandante do 1º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar de Santa Maria). Os legalistas obedeciam ao comando único, centralizado no Palácio do Governo, com assistência do Comando Geral da Brigada Militar, Cel. Emílio Massot, além de alguns oficiais do Exército, inclusive generais.

Os principais Combates foram: Passo da Cruz, Santa Maria Chico (Dom Pedrito), em cujo combate o famigerado negro Latorre, o degolador de 93 “foi morto”. O maior combate travou-se na ponte do Ibirapuitã, em Alegrete, que ficou banhada em sangue.

O fim da Revolução ocorre após dez meses de duração, essa revolução foi a mais fraca de todas, não apresentando grandes combates decisivos. Entretanto, as duas facções se portaram como homens civilizados e humanos. A paz foi assinada, com o Tratado de Pedras Altas, em novembro de 23.

8.3 Pontos Culminantes do Brasil

Pico	Serra	Altitude (m)
da Neblina	Imeri (Amazonas)	3.014
31 de Março	Imeri (Amazonas)	2.992
da Bandeira	do Caparaó (Espírito Santo/Minas Gerais)	2.890
Roraima	Pacaraima (Roraima)	2.875
Cruzeiro	do Caparaó (Espírito Santo)	2.861

8.4 Divisão Administrativa do Brasil

O Brasil está **dividido administrativamente em 26 estados e 1 distrito federal**. E regionalmente é dividido em regiões: Norte (cerca de 45% da área), Nordeste (cerca de 18% da área), Centro-Oeste (cerca de 18% da área), Sul (cerca de 7% da área) e Sudeste (cerca de 10% da área).



8.5 O relevo brasileiro: tem formação muito antiga e resulta principalmente de atividades internas do planeta Terra e de vários ciclos climáticos. A erosão, por exemplo, foi provocada pela mudança constante de climas úmido, quente, semi-árido e árido. Outros fenômenos da natureza (ventos e chuvas) também contribuíram no processo de erosão.

Climaticamente o Brasil está localizado na Zona Tropical.

8.6 Os principais rios do território brasileiro são: Amazonas, São Francisco, Parnaíba, Paraná, Madeira, Tietê, Iguaçu, Xingu, Purus, Juruá, Tocantins, Araguaia, Japurá, Pardo, Negro, Solimões e Uruguai.

8.7 Os principais portos do Brasil são: de Santos, de Paranaguá, Rio de Janeiro, Itajaí, Vitória, Rio Grande, São Francisco do Sul, Itapoá, Salvador, Manaus.

8.8 Os principais aeroportos do sul Brasil são:

- Afonso Pena (Curitiba)
- Catarata (Foz do Iguaçu-PR)
- Hercílio Luz (Florianópolis)
- Salgado Filho (Porto Alegre)

8.9 As principais rodovias do sul do Brasil são:

Paraná:

- BR-116: liga a divisa PR/SP, passando por Curitiba.
- BR-376: 376 liga o norte do Estado até a divisa PR/SP, passando por Paranaíba, Maringá, Apucarana, Ponta Grossa e Curitiba.
- BR-277: principal ligação com o porto de Paranaguá, corta o estado no sentido Leste-Oeste passando por Paranaguá, Curitiba, Guarapuava, Cascavel e Foz do Iguaçu. Esta rodovia é, ainda, a principal via de transporte dos grãos produzidos no Oeste do estado e da soja paraguaia com destino ao porto de Paranaguá.
- BR-369: liga as cidades de Ourinhos (SP) até Cascavel, passando por Cornélio Procópio, Londrina, Apucarana e Campo Mourão.
- BR-476: liga Curitiba até a divisa PR/SC passando por Lapa, São Mateus do Sul e União da Vitória.

Santa Catarina:

- BR-101: rodovia litorânea, corta o estado de norte a sul ligando a divisa PR/SC à divisa SC/RS, passando por Joinville, Itajaí, a capital Florianópolis e o porto de Imbituba.
- BR-116: corta o centro do estado iniciando em Mafra (divisa com o Paraná), passando por Lages, indo até a divisa com o Rio Grande do Sul.
- BR-153: atravessa o estado de norte a sul, ligando a divisa do Paraná à divisa do Rio Grande do Sul, passando por Concórdia.
- BR-280: principal ligação do porto de São Francisco do Sul, desenvolve-se de oeste para leste, no norte do estado, ligando as cidades de Porto União (divisa com o Paraná), Canoinhas, Mafra, Jaraguá do Sul e São Francisco do Sul.
- BR-282: também desenvolve-se de leste a oeste, na parte central do estado, ligando as cidades de São Miguel D'Oeste, Xanxerê, Joaçaba, Herval D'Oeste, Campos Novos, Lages e Florianópolis.
- BR-470: corta o estado no sentido oeste-leste, desde a divisa do Rio Grande do Sul passando por Campos Novos, Curitiba, Rio do Sul, Blumenau ao porto de Itajaí.

Rio Grande do Sul:

- BR-101: liga a divisa PR/SC à divisa SC/RS, passando por parte do litoral gaúcho, desde a principal praia do estado, Torres, chegando ao sul do estado nos municípios de Mostardas e Tavares.
- BR-116: liga o Uruguai com o Brasil, passando por Jaguarão, Pelotas, Porto Alegre e através do município de Canoas, passando por Novo Hamburgo, Caxias do Sul, Vacaria chega a divisa RS/SC.

- BR-285: corta o norte e noroeste do estado, cruzando com a BR-116 e formando uma ligação entre as regiões serrana e missões.
- BR-153: vai da divisa do Rio Grande do Sul com Santa Catarina, no Rio Uruguai até o acesso leste à Bagé na fronteira do Brasil com o Uruguai.
- BR-158: da divisa do Rio Grande do Sul com Santa Catarina, no Rio Uruguai até Santana do Livramento na fronteira do Brasil com o Uruguai.
- BR-285: da divisa do Rio Grande do Sul com Santa Catarina até o acesso à fronteira do Brasil com a Argentina em São Borja.
- BR-290: de Osório até Uruguaiana na fronteira Brasil Argentina.
- BR-470: Divisa RS/SC no Rio Pelotas até Camaquã.

8.10 Os principais recursos minerais do Brasil são: minério de ferro, bauxita, carvão mineral, manganês, ouro, estanho, petróleo, diamante, nióbio e níquel.

8.11 Principais símbolos do Brasil: Árvore: Pau-brasil; Flor: Ipê Amarelo; Ave: Sabiá laranjeira.
Símbolos oficiais do Brasil: Hino, Brasão, Selo e Bandeira.

8.11.1 Armas Nacionais: foram idealizadas pelo engenheiro Artur Zauer e desenhadas por Luís Gruder sob encomenda própria do presidente Manuel Deodoro da Fonseca. As Armas Nacionais compõem também a Faixa Presidencial, na parte frontal da mesma.



8.11.2 Selo Nacional: É formado por um círculo representando uma esfera celeste, idêntica à da bandeira nacional, tendo em volta as palavras "República Federativa do Brasil". É usado para autenticar os atos de governo, os diplomas e certificados expedidos por escolas oficiais ou reconhecidas.



8.11.3 Hino Nacional Brasileiro: foi composta em 1822. Tem letra de Joaquim Osório Duque Estrada e música de Francisco Manuel da Silva.

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido,
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada
Entre outras mil
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo
És mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores,
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro dessa flâmula
- Paz no futuro e glória no passado.

Mas se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo
És mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

A parte instrumental da introdução do Hino Nacional Brasileiro possuía uma letra, que acabou excluída da sua versão oficial do hino. Essa letra é atribuída a Américo de Moura, natural de Pindamonhangaba, presidente da província do Rio de Janeiro nos anos de 1879 e 1880.

Espera o Brasil que todos cumprais com o vosso dever
Eia! Avante, brasileiros! Sempre avante
Gravai com Butil nos pátrios anais o vosso poder
Eia! Avante, brasileiros! Sempre avante

Servi o Brasil sem esmorecer, com ânimo audaz
Cumprí o dever na guerra e na paz
À sombra da lei, à brisa gentil
O lábaro erguei do belo Brasil,
Eia! sus, oh, sus!

8.11.4 Bandeira Nacional: é composta por uma base verde em forma de retângulo, sobreposta por um losango amarelo e um círculo azul, no meio do qual está atravessada uma faixa branca com o lema nacional, em letras maiúsculas verdes. O Brasil adotou oficialmente este projeto para sua bandeira nacional em 19 de novembro de 1889, substituindo a bandeira do Império do Brasil.

O conceito foi criado por Raimundo Teixeira Mendes, com a colaboração de Miguel Lemos, Manuel Pereira Reis e Décio Villares. É um dos símbolos nacionais brasileiros, ao lado do Laço Nacional, do Selo Nacional, do Brasão de Armas e do Hino Nacional.

O campo verde e o losango dourado da bandeira imperial anterior foram preservados – o verde representava a Casa de Bragança de Pedro I, o primeiro imperador do Brasil, enquanto o ouro representava a Casa de Habsburgo de sua esposa, a imperatriz Maria Leopoldina. O círculo azul com 27 estrelas brancas de cinco pontas substituiu o brasão de armas do Império. As estrelas, cuja posição na bandeira refletem o céu visto no Rio de Janeiro em 15 de novembro de 1889, representam as unidades federativas - cada estrela representa um estado específico, além do Distrito Federal.

O lema "*Ordem e Progresso*" é inspirado pelo lema do positivismo de Auguste Comte: "*L'amour pour principe et l'ordre pour base; le progrès pour but*" ("O amor como princípio e a ordem como base; o progresso como meta").



9. GEOGRAFIA DO PARANÁ

9.1 Os Limites do território do Paraná:

Norte – São Paulo
Sul – Santa Catarina
Leste – Oceano Atlântico
Oeste – Mato Grosso do Sul, Paraguai e Argentina

9.2 O Clima predominante do território paranaense é Subtropical.

9.3 Os principais rios são Iguaçu, Tibagi, Negro, Potinga, Jangada, Ivaí, Paranapanema, Pirapó. **A maior usina hidrelétrica do mundo está localizada no Paraná:** Usina de Itaipu, também chamada de BiNacional e está localizada no Rio Paraná, na fronteira entre o Brasil e o Paraguai.

9.4 Os principais portos são: Paranaguá - D. Pedro II e em Antonina - Barão de Tefé.

9.5 Os tipos de vegetação encontradas no Paraná são: Mata de Araucária, Campos, Mata Atlântica e vegetação litorânea.

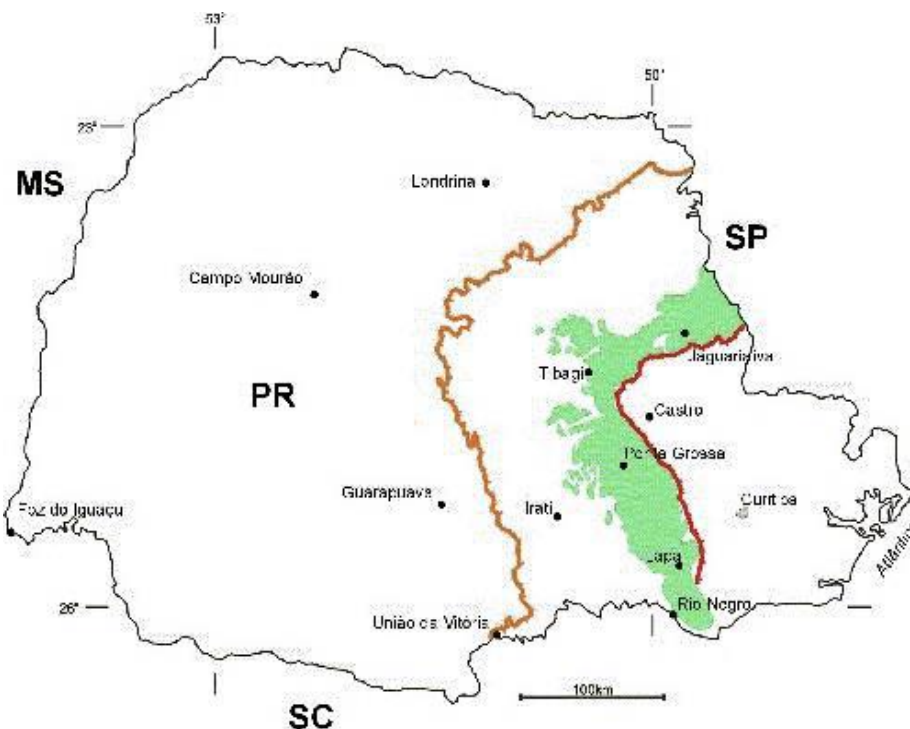
9.6 A fauna do Paraná é muito rica, animais:

- **Terrestres:** Merecem destaque os animais silvestres e campestres que podem ser citados: anta ou tapir, guará, guaraxaim, caititu, bugio, onça, gato-do-mato, jaguatirica, tatu, paca, veado, quati, cobras (jararaca, cascavel, jararacuçu e urutu), etc. Merecem destaque algumas aves pelas suas belas plumas: papagaio, tucano, gralha, pica-pau, bem-te-vi, etc. As demais que os ornitólogos conhecem pelo fato de as aves cantarem: canário-da-terra, pintassilgo e sabiá. As demais, ainda merecem ser destacadas pelo tamanho: jacu, jacutinga, pomba silvestre, perdiz, codorna, inhambu, curucaca, socó, garça, entre outras. A gralha-azul, que a maioria da população do Paraná desconhece, o governo local declarou o animal como ave-símbolo do estado, por força da Lei Estadual nº 7.957, de 21 de novembro de 1984.
- **Anfíbia:** A maioria dos animais tanto terrestres quanto aquáticos são: capivara, cágado, tartaruga-marinha, lontra, ariranha e o próprio jacaré, este que se encontra no rio Paraná e certos rios litorâneos.
- **Aquática:** Merecem ser destacados os peixes que vivem nos rios: jaú, dourado, pintado e o surubim, que se encontram no Rio Paraná e seus afluentes. Os peixes que vivem no mar são a pescada, a tainha, o robalo, o linguado, etc, assim como o boto, que pertence à classes dos mamíferos.

9.7 Os principais Pontos Turísticos: Vila Velha, Parque Iguaçu, Usina de Itaipu, Jardim Botânico, Ópera de Arame, Museu Oscar Niemeyer, Catedral de Maringá, Pico Paraná, Paranaguá, Lapa, entre outros.

9.8 Os principais setores da economia paranaense: A economia do Paraná baseia-se na agricultura (cana-de-açúcar, milho, soja, trigo, café, mandioca), na indústria (agroindústria, indústria automobilística, papel e celulose) e no extrativismo vegetal (madeira e erva-mate). Entre as atividades econômicas desenvolvidas no Paraná, destacam-se a agricultura e a pecuária, além de um setor industrial em franca expansão. O rebanho bovino soma 9,5 milhões de cabeças; o suíno, 4,2 milhões; e o ovino, 570 mil. A avicultura conta 125 milhões de galináceos.

9.9 As Formas de Relevo: Litoral, Serra do Mar, 1º Planalto ou Planalto de Curitiba, 2º Planalto ou Planalto de Ponta Grossa e 3º Planalto ou Planalto de Guarapuava.



9.10 Principais grupos étnicos do Paraná: Portugueses, índios, espanhóis, italianos, alemães, eslavos (poloneses e ucranianos) sírios-libaneses, japoneses.

9.11 Principais símbolos do Paraná: Árvore símbolo do Paraná: Pinheiro Araucária; Ave símbolo do Paraná: Gralha Azul.

Símbolos oficiais do Paraná:

9.11.1 Brasão do Paraná: O Brasão de Armas foi instituído pela Lei nº 904, de 21 de março de 1910. Sua última modificação ocorreu em setembro de 1990. O atual Brasão de Armas do Estado do Paraná é o estabelecido pelo Decreto-Lei nº 2.457, de 31 de março de 1947.



9.11.2 Hino do Paraná: Tem letra de Domingos Nascimento e música de Bento Mossurunga.

Refrão

*Entre os astros do Cruzeiro,
És o mais belo a fulgir
Paraná! Serás luzeiro!
Avante! Para o porvir!*

O teu fulgor de mocidade,
Terra! Tem brilhos de alvorada
Rumores de felicidade!
Canções e flores pela estrada.

Refrão

Outrora apenas panorama
De campos ermos e florestas
Vibras agora a tua fama
Pelos clarins das grandes festas!

Refrão

A glória... A glória... Santuário!
Que o povo aspire e que idolatre-a
E brilharás com brilho vário,
Estrela rútila da Pátria!

Refrão

Pela vitória do mais forte,
Lutar! Lutar! Chegada é a hora.
Para o Zenith! Eis o teu norte!
Terra! Já vem rompendo a aurora!

9.11.3 A primeira **bandeira oficial do Paraná** foi criada por Manuel Correia de Freitas, em 1892. Em 1990 passou a ser elaborada: verde e branco são as cores predominantes na bandeira. A faixa branca contém uma esfera azul com a constelação do Cruzeiro do Sul, uma representação idêntica a do céu do dia 29 de agosto de 1853, data em que Dom Pedro II assinou a Lei Imperial nº 704, criando a província do Paraná. Também nessa faixa tem ramos de erva-mate e do pinheiro do Paraná, principais árvores nativas do nosso estado.

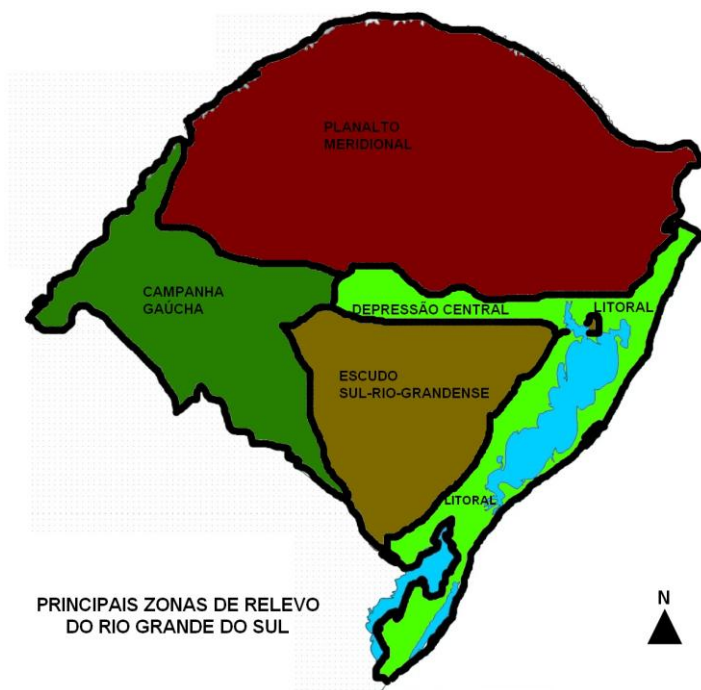


10. GEOGRAFIA DO RIO GRANDE DO SUL

10.1 Os Limites do território do Rio Grande do Sul:

Norte – Santa Catarina;
Sul – República Oriental do Uruguai;
Leste – Oceano Atlântico;
Oeste – República Argentina.

10.2 As Formas de Relevo: Planalto meridional, Planícies, Montanhas, Morros, “Canyons” e Praias extensas.



Planalto Meridional ou Rio-Grandense: Localiza-se ao norte do Estado; apresenta terras férteis, onde se desenvolve a agricultura

Escudo Sul-Rio-Grandense ou Encosta: Localiza-se no fim do Planalto Rio-Grandense; é uma das regiões mais frias do Estado

Depressão Central: Centro do Estado; é atravessado pelo Rio Jacuí

Litoral ou Planície Litorânea: Localiza-se ao leste do Estado; nessa região se situa o Porto de Rio Grande, Lagoa dos Patos

Campanha Gaúcha: localiza-se no sudeste do Estado e é uma região favorável à criação de gado

10.3 O Clima predominante do território riograndense é Subtropical.

10.4 Os principais rios são: Uruguai, Ijuí, Jacuí, Guaíba, Caí, Taquari, Ibicuí, Pelotas, Camaquã, Sinos, Vacacaí. E os **principais portos** são: de Rio Grande, Pelotas e de Porto Alegre.

10.5 Os tipos de vegetação encontradas no Rio Grande do Sul são: Mata de Araucária, Campanha (campos), Mata Atlântica e vegetação litorânea.

10.6 As principais lagoas do território são: Lagoa dos Patos, Mirim e Mangueira.

10.7 Os principais Pontos Turísticos: Cascata do Caracol, Catedral de pedra de Canela, Parque Knor, Usina do Gasômetro (POA), Guaíba, Ruínas de São Miguel (Missões), Lago Negro, Vale dos Vinhedos, Cânion do Itaimbezinho, entre outros.

10.8 Os principais setores da economia gaúcha: É baseada na agricultura (soja, trigo, arroz e milho), na pecuária e na indústria (de couro e calçados, alimentícia, têxtil, madeireira, metalúrgica e

química). Há que ressaltar o surgimento de pólos tecnológicos importantes no Estado na década de 1990 e no início do século XXI, nas áreas petroquímica e de tecnologia da informação.

10.9 Principais grupos étnicos do Rio Grande do Sul: Portugueses, índios, espanhóis, italianos, alemães, açorianos.

10.10 Principais símbolos do Rio Grande do Sul: Árvore símbolo do Rio Grande do Sul: Erva Mate; Ave símbolo do Rio Grande do Sul: Quero-Quero.

Os **símbolos oficiais** do Rio Grande do Sul: Hino, Brasão das Armas e Bandeira.

10.10.1 O Brasão das Armas: foi adotado pelo mesmo decreto que instituiu o Hino e a Bandeira do Estado. Acredita-se que foi desenhado originalmente pelo padre Hildebrando e em arte final pelo Major Bernardo Pires, sendo muito semelhante ao usado na época dos farrapos. O brasão é o mesmo que aparece no centro da bandeira estadual.



10.10.2 A bandeira do Rio Grande do Sul, compõe-se de três panos:

- verde (acima);
- vermelho (no meio);
- amarelo (em baixo);

Possui um eclipse vertical em pano branco onde está inserido o brasão.

Num lenço, ao centro do brasão, lê-se a inscrição “República Rio-Grandense” e sob o brasão, o lema “Liberdade, Igualdade, Humanidade”.



10.10.3 O Hino do Rio Grande do Sul: Tem letra de Francisco Pinto da Fontoura, música de Comendador Maestro Joaquim José Medanha e harmonização de Antônio Corte Real. Oficialmente existe o registro de três letras diferentes para o hino, desde os tempos da Revolução Farroupilha até aos nossos dias, até que finalmente foi resolvido por uma comissão abalizada qual seria a versão oficial, pouco antes dos festejos do *Centenário da Revolução Farroupilha*. Os historiadores afirmam ter acontecido a primeira execução em 5 de Maio de 1838.

Como a aurora precursora
Do farol da divindade
Foi o Vinte de Setembro
O precursor da liberdade.

Refrão

*Mostremos valor, constância
Nesta ímpia e injusta guerra.
Sirvam nossas façanhas
De modelo a toda terra*

Mas não basta pra ser livre
Ser forte aguerrido e bravo
Povo que não tem virtude
Acaba por ser escravo.

Refrão

*Mostremos valor, constância
Nesta ímpia e injusta guerra.
Sirvam nossas façanhas
De modelo a toda terra*

Em 1966, durante o Regime Militar a segunda estrofe foi retirada oficialmente.

Entre nós reviva Atenas
para assombro dos tiranos
Sejamos gregos na glória
e na virtude, romanos

11. INDUMENTÁRIA GAÚCHA

11.1 O Traje dos Índios Gaúchos: Traje Indígena - 1620 à 1730. Quando o homem que veio fazer a América - e se vestia à europeia - aqui chegou encontrou, nos campos, índios missioneiros e índios cavaleiros. Índios Missioneiros: (Tapes, Gês-guaranizados) - constituíam a matéria-prima trabalhada pelos padres jesuítas dos Sete Povos. Os Missioneiros se vestiam, conforme severa moral jesuítica. Passaram a usar os calções europeus e em seguida a camisa, introduzida nas missões pelo Padre Antônio Sepp. Usavam, ainda, uma peça de indumentária não europeia, proximamente indígena - "el poncho" - isto é, o pala bichará. Essa peça de indumentária não existia no Rio Grande do Sul antes da chegada do branco, pois os nossos índios pré-missioneiros não teciam e nem fiavam. Os Padres descobriram a atração que as vestes religiosas e as fardas militares exerciam sobre os índios e distribuíram essas roupas entre eles. Assim, figurar o Alferes Real Sepé Tiarayu, desnudo ou vestindo chiripá, é erro grosseiro. Ele usaria a farda correspondente ao seu alto grau militar, ou vestir-se-ia civilmente, com bragas, camisa e poncho. A mulher missioneira, usava o "tipoy", que era um longo vestido formado por dois panos costurados entre si, deixando sem costurar, apenas duas aberturas para os braços e uma para o pescoço. Na cintura, usavam uma espécie de cordão, chamado "chumbé". O "tipoy" era feito de algodão esbranquiçado, mas em seguida se tornava avermelhado com o pó das Missões. Em ocasiões festivas, a índia missioneira gostava de usar um alvo "tipoy" de linho sobre o de uso diário. Apenas nas vestes religiosas, sobretudo nas procissões, as índias usavam mantos de cores dramáticas, como o roxo e o negro. Índios cavaleiros: (Mbaias: Charruas, Minuanos, Yarós, etc): eram assim chamados porque prontamente se adonaram do cavalo trazido pelo branco, desenvolvendo uma surpreendente técnica de amestramento e equitação.

Usavam duas peças de indumentária absolutamente originais: o "chiripá" e o "cayapi". O chiripá era uma espécie de saia, constituída por um retângulo de pano enrolado na cintura, até os joelhos. O cayapi dos minuanos era um couro de boi, inteiro e bem sovado (que se usava às costas) com o pelo para dentro e carnal para fora, pintado de listras verticais e horizontais, em cinza e ocre. À noite, servia de cama, estirado no chão. Os charruas o chamavam de "quillapi" e "toropi". A mulher, entre os índios cavaleiros, usava apenas o chiripá. No rosto, pintura ritual de passagem, assinalando a entrada na puberdade. No pescoço, colares de contas ou dentes de feras. De peças da indumentária ibérica, de peças da indumentária indígena e tantas outras, o gaúcho foi constituindo sua própria indumentária.



11.2 Os 4 Trajes fundamentais da Indumentária Gaúcha: Chiripá Primitivo; Bragas (Estancieiro), Chiripá Farroupilha e Traje Atual (Bombacha).

11.2.1 O Traje do Chiripá Primitivo: Peão das Vacarias e China das Vacarias. Traje Gaúcho - 1730 à 1820. O traje do peão das vacarias destinava-se a proteger o usuário e a não atrapalhar a sua atividade - caçar o gado e cavalgar. Normalmente, este gaúcho só usava o chiripá primitivo (pano enrolado como saia, até os joelhos, meio aberto na frente, para facilitar a equitação e mesmo o caminhar do homem) e um pala enfiado na cabeça. O chiripá, em pouco tempo, assumia uma cor indistinta de múgria - cor de esfregão. À cintura, faixa larga, negra, ou cinturão de bolsas, tipo guaiaca, adaptado para levar moedas, palhas e fumo e, mais tarde, cédulas, relógio e até pistola.

Ainda à cintura, as imprescindíveis armas desse homem: as boleadeiras, a faca flamenga ou a adaga e, mais raramente, o facão. E sempre à mão, a lança - de peleia ou de trabalho. Camisa, quando contava com uma, era de algodão branco ou riscado, sem botões, apenas com cadarços nos punhos, com gola imensa e mangas largas. Pala, não faltava, comumente, o de lã - chamado "bichará" - em cores naturais, e mais raramente o de algodão e o de seda que aos poucos vão aparecendo. Logo, também surge o poncho redondo, de cor azul e forrado de baeta vermelha. Pala: tem origem indígena. Pode ser de lã ou algodão, quando protege contra o frio, ou de seda, quando protege contra o calor. É sempre retangular com franjas nos quatro lados. A gola do pala é um simples talho, por onde o homem enfia o pescoço. Poncho: Tem origem inteiramente gauchesca. É feito, invariavelmente, de lã grossa. Quase sempre é azul escuro, forrado de baeta vermelha, mas também existem de outras combinações de cores. O poncho tem a forma circular ou ovalada. Só protege contra o frio e a chuva. A gola é alta, abotoada e há um peitilho na frente do poncho. As botas mais comuns eram as de garrão-de-potro, que eram retiradas de vacas, burros e éguas (raramente era usado o couro de potro, que lhe deu o nome). Essas botas eram lonqueadas ou perdiam o pêlo com o uso. Em uso, as botas não duravam mais de 2 meses. Normalmente, eram feitas com o couro das pernas traseiras do animal que dão botas maiores. As que eram tiradas das patas dianteiras, muitas vezes eram cortadas na ponta e no calcanhar, ficando o usuário com os dedos do pé e o calcanhar de fora. Acima da barriga da perna, era ajustada por meio de tranças ou tentos. As esporas mais comuns nessa época eram as nazarenas (europeias) e as chilenas (americanas). As nazarenas têm esse nome devido aos seus espinhos pontudos, que lembram os cravos que martirizaram Nosso Senhor. As chilenas, devem seu nome à semelhança com as esporas do "huaso", do Chile. Aos poucos, os ferreiros da época começaram a criar novos tipos de esporas. O peão das vacarias não era de muito luxo. Só usava ceroulas de crivo nas aglomerações urbanas. Ademais, andava de pernas nuas como os índios. À cabeça, usava a fita dos índios, prendendo os cabelos - que os platinos chamam "vincha" - e também o lenço, como touca, atado à nuca. O chapéu, quando usava, era de palha (mais comum), e de feltro, (mais raro), e talvez o de couro cru, chamado de "pança-de-burro", feito com um retalho circular da barriga do muar, moldado na cabeça de um palanque. O chapéu, qualquer que fosse o feitio, era preso com barbicacho sob o queixo ou nariz. Esse barbicacho era normalmente trançado em delicados tentos de couro cru, tirados de lonca, ou então, eram simples cordões de seda, torcidas, terminando em borlas que caía para o lado direito. Mais raramente, era feito de sola e fivela. Ainda nesta época, aparece o "cingidor", que é o nosso tirador. A mulher vestia-se pobremente: nada mais que uma saia comprida, rodada, de cor escura e blusa clara ou desbotada com o tempo. Pés e pernas descobertas, na maioria das vezes. Por baixo, apenas usava bombachinhas, que eram as calças femininas da época.



11.2.2 Traje do Patrão e do Estancieiro: Traje Gaúcho - 1730 à 1820. Patrão das Vacarias e Estancieira Gaúcha: O primeiro caudilho riograndense, tinha mais dinheiro e se vestia melhor. Foi o primeiro estancieiro. Trajava-se basicamente à europeia, com a braga e as ceroulas de crivo. Passou a usar também a BOTA de garrão de potro, invenção gauchesca típica. Igualmente o cinturão-guaiaca, o lenço de pescoço, o pala indígena, a tira de pano prendendo os cabelos, o chapéu de pança de burro, etc. A mulher desse rico estancieiro, usava botinhas fechadas, meias brancas ou de

cor, longos VESTIDOS de seda ou veludo, botinhas fechadas, mantilha, chale ou sobrepeliz, grande travessa prendendo os cabelos enrolados e o imprescindível leque.



11.2.3 Traje do Chiripá Farroupilha: Traje Gaúcho - 1820 – 1865. Este período é dominado por um chiripá que substituiu o anterior, que não é adequado à equitação, mas para o homem que anda a pé. O chiripá dessa nova fase é em forma de grande fralda, passada por entre as pernas. Este se adapta bem ao ato de cavalgar e essa é certamente a explicação para o seu aparecimento. Com isto, fica claro que o Chiripá Primitivo era de origem indígena. Já o Chiripá Farroupilha é inteiramente gaúcho. Esse é um traje muito funcional, nem muito curto, nem muito comprido, tendo o joelho por limite, ao cobri-lo. As esporas deste período são as chilenas, as nazarenas e os novos tipos inventados pelos ferreiros da campanha. As botas são, ainda, a bota forte, comum, a bota russilhona e a bota de garrão, inteira ou de meio pé. As ceroulas são enfiadas no cano da bota ou, quando por fora, mostram nas extremidades, crivos, rendas e franjas. À cintura, faixa preta e guaiaca, de uma ou duas fivelas. CAMISA sem botões, de gola, e mangas largas. Usavam jaleco, de lã ou mesmo veludo, e às vezes, a jaqueta, com gola e manga de casaco, terminando na cintura, fechado à frente por grandes botões ou moedas. No pescoço, lenço de seda, nas cores mais populares, vermelho ou branco. Porém, muitas vezes, o lenço adotado tinha outras cores e padronagens. Em caso de luto, usava-se o lenço preto. Com luto aliviado, preto com "petit-pois", carijó ou xadrez de preto e branco. Aos ombros, pala, bichará ou poncho. Na cabeça usavam a fita dos índios ou o lenço amarrado à pirata e, se for o caso, chapéu de feltro, com aba estreita e copa alta ou chapéu de palha, sempre preso com barbicacho. A mulher, nesta época, usava SAIA e casaquinho com discretas rendas e enfeites. Tinham as pernas cobertas com meias, salvo na intimidade do lar. Usavam cabelo solto ou trançado, para as solteiras e em coque para as senhoras. Os sapatos eram fechados e discretos. Como jóias apenas um camafeu ou broche. Ao pescoço vinha muitas vezes o fichú (triângulo de seda ou crochê, com as pontas fechados por um broche). Este foi o traje usado pelas ricas e pobres desta época.



11.2.4 Traje Atual do Gaúcho: Traje gaúcho - 1865 até nossos dias. Bombacha e Vestido de Prenda. A bombacha surgiu com os turcos e veio para o Brasil usada pelos pobres na Guerra do Paraguai. Até o começo do século, usar bombachas em um baile, seria um desrespeito. O gaúcho viajava à cavalo, trajando bombachas e trazia as calças "cola fina", dobradas em baixo dos pelegos, para frisar. As bombachas são largas na Fronteira, estreitas na Serra e médias no Planalto, abotoadas no tornozelo, e quase sempre com favos de mel. A correta bombacha é a de cós largo, sem alças para a cinta e com dois bolsos grandes nas laterais, de cores claras para ocasiões festivas, sóbrias e escuras para viagens ou trabalho. À cintura o fronteira usa faixa; o serrano e planaltense dispensam a mesma e a guaiaca da Fronteira é diferente da serrana, por esta ser geralmente peluda e com coldre inteiriço. A camisa é de um pano só, no máximo de pano riscado. Em ambiente de maior respeito usa-se o colete, a blusa campeira ou o casaco. O lenço do pescoço é atado por um nó de oito maneiras diferentes e as cores branco e vermelho são as mais tradicionais. Usa-se mais frequentemente o chapéu de copa baixa e abas largas, podendo variar com o gosto individual do usuário, evitando sempre enfeites indiscretos no barbicacho. Por convenção social o peão não usa chapéu em locais cobertos, como por exemplo no interior de um galpão. As esporas mais utilizadas são as "chilenas", destacando-se ainda as "nazarenas". Botas, de sapataria preferencialmente pretas ou marrons. Para proteger-se da chuva e do frio usa-se o poncho ou a capa campeira e do calor o poncho-pala. Cita-se ainda o bichará como proteção contra o frio do inverno. Obs.: O preto é somente usado em SINAL de luto. O tirador deve ser simples, sem enfeites, curtos e com flecos compridos na Serra, de pontas arredondadas no Planalto, comprido com ou sem flecos na Campanha e de bordas retas com flecos de meio palmo na Fronteira. É vedado o uso de bombacha com túnica tipo militar, bem como chiripás por prendas por ser um traje masculino. A indumentária da prenda é regulamentada por uma tese de autoria de Luiz Celso Gomes Yarup, que foi aprovada no 34º. Congresso Tradicionalista Gaúcho, em Caçapava do Sul.



11.3 Momento em que se usa o Chapéu: Somente durante as lidas de campo, ou em lugar aberto. Jamais se usa chapéu em fandangos e baile, pois é falta de respeito e educação. Usa-se somente em apresentações artísticas.

11.4 Quando se usam as esporas: R: Somente nas apresentações artísticas, dança da chula, gineteadas e atividades campeiras.

11.5 Quando se usa a Faixa de Prenda e o Boton de Peão: Em eventos oficiais do CTG como rodeios, bailes de rodeios, jantares ou almoços do CTG, congressos, convenções, reuniões. Jamais se usa em Vaca Gordas e bailões populares.

12. CAMPEIRA

12.1 Provas Campeiras Regulamentadas do MTG-PR

- a) Laço Individual
- b) Laço Em Dupla
- c) Laço Em Equipe
- d) Rédeas
- e) Prova do Chasque
- f) Prova do Cepo
- g) Gineteada
- h) Vaca Parada

* A prova de pealo foi retirada das Provas Campeiras oficiais do MTG-PR na 29a. Convenção Tradicionalista do MTG-PR ocorrida em 01 de maio de 2016 no CTG São Jorge na cidade de Paraíso do Norte.

12.2 A Chegada do Cavalo na América e no Pampa

Antes do ano 1500 da nossa era, não havia cavalos nas Américas. Não existe, nas línguas originais do Continente Americano, nenhum termo que signifique cavalo. Todos os vocábulos que atualmente existem são derivações da palavra caballo do espanhol: cavayú em guarani, caavarú em tupi, cahuellu ou cahuallu em araucano, cahualk em gennaken, cahuel em tehuelche, cavallo nos acomas, cavaio nos moquis, cavayo em paiute, cahuai nos kansas, cahua nos osages, kaviyo nos pimas.

Cristóvão Colombo, em 1493, quando em sua segunda viagem à Ilha La Española, hoje República Dominicana, no porto de Santo Domingo, na América Central, foi o responsável pela introdução do cavalo na América, dezessete veleiros e entre 25 e 30 cavalos. Introduzidos em 1509 ao continente através do Panamá, sete animais e através da Colômbia, 12 animais.

Os exploradores necessitavam dos animais para carregar os seus pertences nas incursões realizadas. Descendo pela Cordilheira dos Andes em direção ao sul da América os exploradores iam abandonando os cavalos que se machucavam ou que adoeciam. Obviamente nem todos os animais abandonados morreram e com isso os mesmos sem um predador natural iam se reproduzindo.

Os Índigenas ao encontrarem os primeiros cavalos, achavam que eram monstros e tentavam matá-los, até perceberem que os exploradores os utilizavam como meio de transporte e carga. A partir daí, com exíme técnica aprenderam a domar o cavalo e assim utilizá-lo como companheiro no transporte e caça, além de auxiliá-los na batalha contra os europeus que tentavam invadir sua região pampeana. Com o passar do tempo os índigenas se tornaram excelentes cavaleiros.

Por volta de 1580, os cavalos abandonados na região do Prata em 1536, tinham se multiplicado aos milhares. Tanto que, em 1600, não podiam mais ser contados em suas gigantescas manadas. Os Pampas do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina estavam povoados de cavalos chimarrões (cimarrones) e o povo que vivia nessa região, unida pela semelhança ambiental, se tornou um povo cavaleiro.

O Cavalo foi introduzido no atual território rio-grandense, em 1634, pelos padres jesuítas, nas Missões. Era a presença majestosa do primeiros cavalo, em nossa terra. Molhado pelas águas do rio Uruguai, pisou em solo, selando a convivência campeira das três pátrias irmãs: Uruguai, Argentina e Brasil. O cavalo era desconhecido dos nativos e em pouco tempo tornou-se o maior patrimônio guerreiro dos índios Charruas, Jarros, Guaranis, Minuanos, que habitavam a região do tape. Os Charruas foram os mais hábeis cavaleiros de nossa história. Muitas reduções jesuíticas receberam o cavalo pelos índios Jarros, nas investidas contra os Charruas.

12.3 O Cavalo Crioulo

O crioulo é uma raça de cavalo originário dos animais de sangue andaluz e berbere, introduzidos no continente americano pelo aventureiro espanhol Álvaro Núñez Cabeza de Vaca nos primeiros anos após o descobrimento do Brasil, e também os padres jesuítas Cristóvão de Mendonça e Pedro Romero, em localidades que hoje é o Rio Grande do Sul, em 1634. Paralelamente, as criações foram se perdendo da comitiva de Cabeza de Vaca durante as suas campanhas, na região, e passaram a se criar livremente nas planícies da Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai, Peru e sul do Brasil, vivendo em estado selvagem, formando manadas selvagens que, durante cerca de quatro séculos, enfrentaram temperaturas extremas e condições adversas de alimentação. Essas adversidades imprimiram nestes animais algumas de suas características mais marcantes: rusticidade e resistência. Nesse período, as duras condições do clima acabaram criando, através da seleção natural, uma raça extremamente resistente a alta amplitude térmica, quanto à seca e à falta de alimento. Normalmente são criados livres, em grandes pastos, e quando chegam à idade adulta são laçados e domados. Em meados do século XIX, fazendeiros do sul do continente começaram a tomar consciência da importância e da qualidade dos cavalos que vagavam por suas terras. Esta nova raça, bem definida e com características próprias, passou a ser preservada, vindo a ganhar notoriedade mundial a partir do século XX, quando a seleção técnica exaltou o seu valor e comprovou suas virtudes

Dentro de sua origem Andaluz, provém de cruzamentos entre exemplares de perfil de cabeça convexa e semi-convexa (libicos e garranos). Assim como os mustangues norte-americanos, os animais que deram origem à raça crioula eram caçados e domados tanto pelos índios cavaleiros, os charruas, quanto pelos estancieiros.

As principais características da raça é a tranquilidade para uso da sela. Também são animais fortes, ágeis e muito resistentes. Por possuir estas características marcantes, são amplamente utilizados na lida com o gado. Os animais têm tamanho que varia de 1,38 a 1,50 metros e pesam cerca de 300 a 400 quilos.

* Foi definido no Congresso Técnico do MTG-PR realizado no dia 13 de fevereiro de 2016, nas dependências do CTG 20 de Setembro, em Curitiba, que serão cobrados, nos Concursos de Prendas e Peões Birivas no Estado do Paraná, apenas as pelagens existentes nos cavalos da raça Crioulo (símbolo do Rio Grande do Sul).

12.4 A pelagem do cavalo

A cor do pelo é uma grande referencia do cavalo. A pelagem é o conjunto de pêlos, de uma ou de diversas cores, espalhados pela superfície do corpo e extremidades, em distribuição e disposição variadas, cujo todo determina a cor do animal. Apesar de haver muitos matizes diferentes, todas as pelagens agrupam-se inicialmente em três modalidades ou categorias – simples, compostas e conjugadas ou justapostas, cada uma delas com suas divisões.

De acordo com o padrão, o cavalo da raça Crioula pode apresentar uma infinidade de pelagens, com exceção da pintada e albina total.

1) Baia – É a pelagem creme amarelada, com brilho e muitos matizes diferentes sobre a original. Se diz que tem a cor do trigo maduro.

Baio branco ou claro: É uma tonalidade de creme desmaiado.

Branco mosqueado: O que leva pelo corpo, em forma irregular, pontos pretos do tamanho de uma mosca.

Baio achamalotado ou apatacado: Quando apresenta manchas redondas e mais claras do que o resto do corpo.

Baio amarelo: É como uma gema de ovo, quando estendida numa porcelana branca.

Baio encerado: Quando tem a cor mais escura, parecendo-se com a cera virgem.

Baio cabos negros: Quando tem as extremidades dos membros, da cauda e a crina escuras.

Baio cebruno: Também escura, levando no corpo manchas mais escuras do que o baio encerado.

Baio dourado: quando tem reflexos do ouro.

Baio ovo de pato: Quando tem uma cor amarelado creme. Sua crina, cauda e cascos também são cremes.

Baio ruano: é um baio com a cauda e crina claras.

Cebruno ou barroso: Com a tonalidade mais escura do que a do baio cebruno, parecendo-se com a cor do elefante.

2) Bragada - Pequena mancha branca, normalmente próxima ao ventre. Varia sobre todas as pelagens, preta, zaina, gateada, baia, moura, etc

3) Colorada – Pelagem de capa e pelos vermelhos , podendo ter um pouco de matiz amarelo e alguns pelos pretos.

Colorado típico: É avermelhado com o tom claro.

Colorado pinhão: Tem a cor do pinhão.

Douradinho: É um colorado desmaiado com reflexus dourados.

Douradinho pangaré:É o que tem o focinho, axilas e ventre mais claros.

4) Gateada – Capa com predominância do amarelo, com tonalidade mais escura que o baio. O gateado típico apresenta uma linha escura que vai da cernelha à garupa. Pelagem com muitas variações. Gateado típico: É um baio escuro acebrunado nas quatro patas e com uma linha escura, que vai da cernelha à garupa, com aproximadamente dois dedos de largura.

Gateado osco ou pardo: É mais escuro que o típico, assemelhando-se ao gato pardo.

Gateado pangaré: O que tem o focinho, as axilas e o ventre com a pelagem mais clara.

Gateado ruivo: O que tem a cauda e a crina aproximada a cor do fogo.

5) Lobuna – Variação do gateado, com o pigmento preto modificando a cor do pelo pardo amarelado para o cinza chumbo do lobuno. Também apresenta uma linha escura da cernelha até a cola.

Lobuno claro: Quando se parece com a plumagem de uma pomba.

Lobuno escuro: Quando mais escuro do que o lobuno claro.

6) Moura – Pelagem de capa preta com difusão de pelos brancos , deve ter a cabeça, patas, crinas e cola negras, mostrando sua base preta.

Mouro negro: Se parece com o tordilho negro, com tonalidade azulada.

Mouro claro: É um gris azulado.

7) Oveira – Pelagem básica com manchas brancas assimétricas, espalhadas por todo o corpo do animal.

Oveiro bragado: Quando em qualquer pelagem portam manchas isoladas no baixo ventre.

Oveiro chita: É overo com manchas brancas salpicadas num fundo rosilho.

Oveiro de índio: Qualquer pelagem com manchas de tamanho médio.

Oveiro chita: É overo com manchas brancas salpicadas num fundo rosilho.

Oveiro azulogo: É um mouro claro com manchas brancas.

Outros detalhes de pelagens:

- Melado – São animais albinos. Albinismo não é uma pelagem, mas sim a ausência dela, ou seja, o organismo tem a incapacidade de produção de pigmentos melânicos.

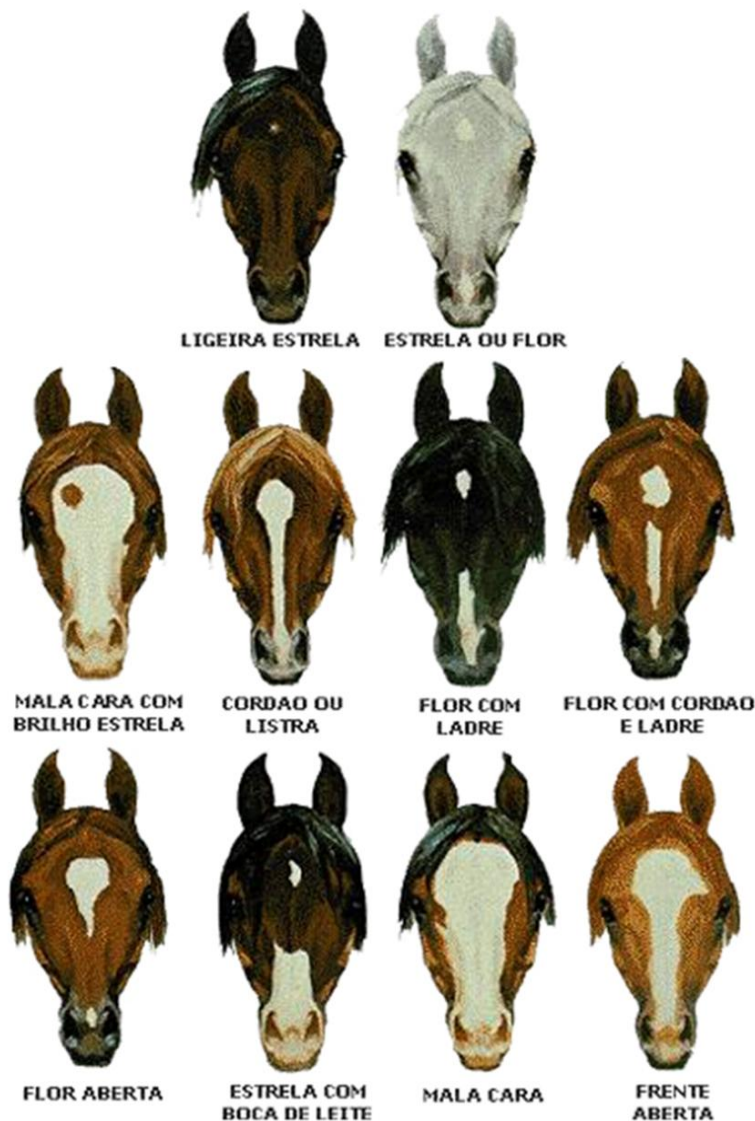
- Salgo – olhos azuis, que quando presentes, um ou os dois, aparecem na descrição da pelagem dos animais.
- Entrepelado: O que tem uma mescla de pelagens diferentes, formando assim um total indefinido.
- Pangaré: Quando descolorido em algumas regiões do corpo, sobretudo nas partes inferiores, destacando-se nas axílias, focinho e ventre, seu descolorido se assemelha a cana da Índia.
- Rabicano: Quando nas caudas escuras tem pelos brancos na sua base.

PELAGENS CRIOULAS



12.5 Identificação Morfológica da Cabeça

Identificar os principais sinais e marcas exteriores da região frontal do animal. Serve como sua “digital”.



12.6 Encilhando o Cavalo

Pode-se encilhar um cavalo para tropeada, para o trabalho de campo, para uma festa (carreiras, rodeio). Algumas peças da encilha variam de região para região e às vezes até dentro da mesma querência, ao sabor do gosto pessoal do campeiro.

Vamos, então, encilhar um cavalo para o desfile tradicionalista do dia 20 de Setembro, o Dia do Gaúcho, a data magna do Rio Grande do Sul. É inverno, ainda. Faz frio e pode chover, mas antes de mais nada é uma festa, a maior de todas as festas.

O gaúcho se achega ao cavalo trazendo na mão esquerda o buçal e na direita o cabresto, que é o seu complemento. Cavalo manso deixa pegar sem problemas, mas há os *gaviões*, ou *passarinheiros*, ou *harpistas*, que refugam o buçal e fogem a galope.

Escova-se bem o cavalo para ficar limpo e com o pêlo brilhante, revisa-se o toso (cola e crina) e os cascos. Então começa a encilha.

12.7 Peças da encilha:

- **XERGÃO ou BAIXEIRO:** É a primeira peça dos arreios que vai para o lombo do pingo. É um retângulo de um metro por 80 cm, de lã crua, que serve como forro da encilha. Não se deve usar xergão de lã sintética, porque queima o lombo do animal.
- **CARONA:** É uma peça retangular irregular, com duas abas, que vai sobre o xergão. As caronas antigas eram de sola lavrada, com as duas abas costuradas no fio do lombo, com tentos de couro. A carona se destinava a proteger o lombo do cavalo das partes salientes da encilha.
- **BASTOS:** É “sela” gauchesca. Antes da chegada do bastos, usava-se a) *o lombilho*: o mais antigo, com cabeça das baixas em forma de meia-lua. b) *o serigote*: espécie de lombilho mais aperfeiçoado, popularizado pelos seleiros alemães, com as cabeçadas em forma de V. c) *o socado*: serigote grosseiro, para doma de burro ou para arrastar peso na cincha. D) *o serigote serrano*: também chamado de “orelhudo”, porque tem as cabeçadas alta e com “orelhas”, quase sempre chapeadas em prata. E) *o serrigote senador, ou rabo de pato*: que não tem a cabeçada de trás, só um jeito de sela inglesa. F) *o selim*: de um só estribo, forrado de veludo, para uso da mulher que monta sentada. Sentado os bastos é hora de apertar a cincha.
- **CINCHA:** É quem aperta e fixa os arreios. Consta de um de um travessão de sola com duas argola; na argola direita vai o *sobrelátego*, tira de couro flexível que une o travessão com a extremidade direita da *barrigueira*, peça pouco maior que o travessão mas feita inteiramente de fios de algodão, paralelos. A barrigueira também tem argolas nas extremidades. Na argola esquerda do travessão esta fixo o *látego*, que vai se enfiar na argola esquerda da barrigueira para “apertar a cincha”. A cincha tem-se que apertar meio para a frente, quase sobre os ossos do peito do animal, para não pressionar muito os pulmões tirando o fôlego do animal. Na argola direita do travessão vai também o *cinchador* (de ferro, de arame, de couro), onde se prende o laço pela presilha. Apertada a cincha, tem-se que apresilhar.
- **PEITEIRA:** Esta peça, que os gaúchos serranos chamam de peitoral (como chamam o cabresto de cabo) normalmente faz conjunto com o “aparelho de cabeça” e serve para impedir que os arreios corram para trás, que a cincha vá para as virilhas, o que é um perigo. A peiteira normalmente tem presilhas que se abotoam nas argolas do travessão.
- **RABICHO:** É uma alça que passa por baixo da cola do cavalo e esta fixada na parte de trás dos bastos. Atualmente está em desuso, mas o rabicho impede que nos campos dobrados os arreios corram para a frente. A parte do rabicho que fixa exatamente embaixo da cola é acolchoada e se chama *choriço*.
- **PELEGOS:** Os pelegos (2 ou 3, não mais) são peles de ovelha, sovados pelo uso, para amaciar a encilha.
- **COCHONILHO:** ou cochonilho é um falso pelego tecido em tear com fios de algodão ou lã, brancos ou pretos.
- **BADANA:** A badana vai por cima dos pelegos ou do cochonilho, conforme o caso. É uma peça retangular irregular, de pele curtida, muito macia, com ou sem enfeites nas pontas.

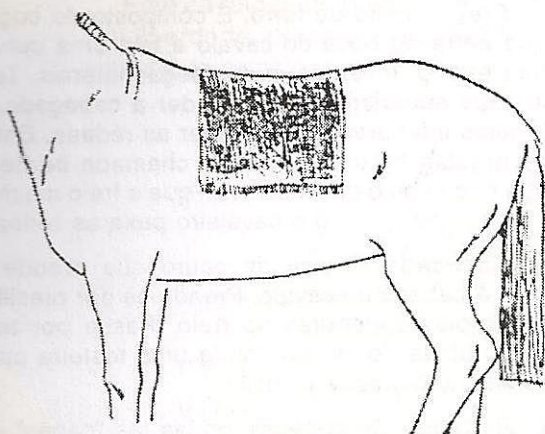
- **SOBRE-CINCHA:** Serve para apertar a pelegama e a badana. Quase sempre é do mesmo couro que a badana, fazendo par com ela. Tem apenas travessão e, ao invés da barrigueira, uma tira de couro curtido, que substitui ao mesmo tempo o látigo e o sobre-látigo. Está diminuindo seu uso e em seu lugar aparecendo o cinchão.
- **CINCHÃO:** Este é uma cincha de tamanho menor, mas muito forte e é o predileto dos laçadores. Tem sempre cinchador na argola direita do travessão e, ao contrário da sobre-cincha, vai bem apertado por cima da barrigueira da cincha.

A mala de poncho vai presa aos tentos de trás dos bastos e se equilibra entre a anca do cavalo.

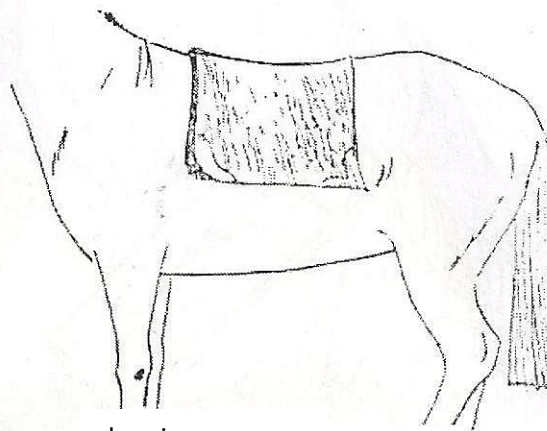
Agora é hora de enfrenar, colocar o “aparelho de cabeça” no cavalo. Sem soltar o cabresto, com a mão esquerda enfrena-se de lado, segurando a cabeçada no alto, forçando o *bocal* do freio no canto esquerdo da boca do pingo. Enfrenando este fecha-se a barbela (normalmente uma correntinha que fecha as extremidades inferiores das *câimbas* ou pernas do freio) e atiram-se as canas das rédeas por cima do pescoço do cavalo.

O “aparelho de cabeça” compõe-se do *freio* (câimbas ou pernas, bocal e barbela) da *cabeçada* (com testeira, às vezes focinheira), e das *rédeas*, que normalmente tem maçanetas (partes que se prendem ao freio), *cana* (o corpo da rédea) e espiga (com a extremidade das rédeas, que serve como *tarca*, para contar o gado).

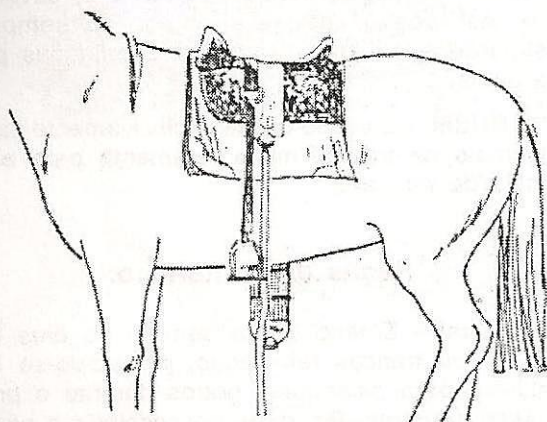
Encilha



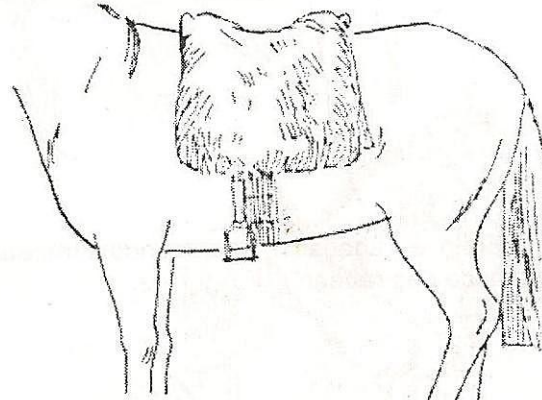
Primeiro se coloca o xergão...



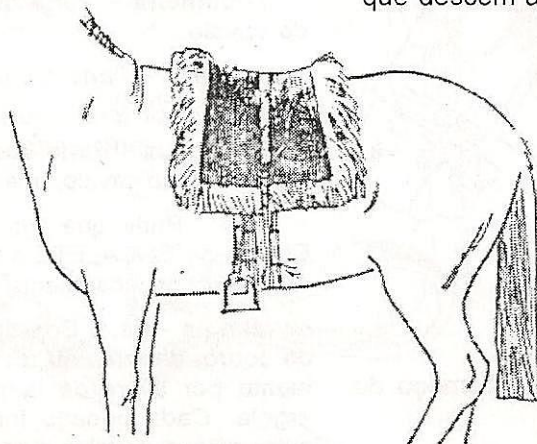
... depois a carona



...depois o lombilho e a cincha.



Aperta-se a cincha e põe-se um pelego ou dois. São pequenos pelegos que bastam para cobrir o lombilho, na região da campanha; mas em Cima da Serra se usam compridos pelegos, que descem até a altura dos estribos.



Depois vem a badana, aperta-se a sobre-cincha e... Está pronto o cavalo para ser montado.

Peças de direção:

Freio - Feito de ferro. É composto do boçal, que entra na boca do cavalo e tem uma curvatura em "U" invertido, e das peças laterais. Tem argolas superiores para prender a cabeçada, e argolas inferiores para prender as rédeas. Entre as argolas há uma corrente, chamada barbela, que passa pelo queixo e evita que o freio machuque a boca quando o cavaleiro puxa as rédeas.

Cabeçada - Peça de couro que prende o freio à cabeça do cavalo. Prende-se por presilha às argolas superiores do freio. Passa por traz das orelhas do cavalo, tendo uma testeira para conservá-lo nessa posição.

Rédeas - Duas peças longas (as "canas" da rédea) que se prendem por presilhas às argolas inferiores do freio, distendendo-se uma em cada lado do pescoço e indo até as mãos do cavaleiro. As rédeas antigas eram, quase sempre, separadas em três secções e interligadas por argolas.

Bridão - É usado quase exclusivamente para animais de tração, muito raramente para animais de montaria.



Freio e cabeçada, aparecendo também o começo das rédeas.

Peças de contenção:

Bocal - É feito quase sempre de tiras de couro ou tranças reforçadas, prestando-se inclusive para palanquear potros durante o processo da doma. Fiador ou pescoceira é a parte do boçal que, passando pela região jugular do cavalo, cinge o pescoço; é preso por um botão na face esquerda, unindo desta maneira a cedeira à testeira.

Focinheira - Parte que circunda o focinho do cavalo.

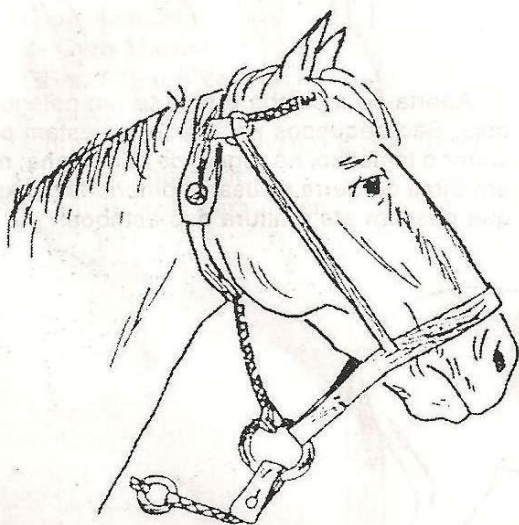
Testeira - Parte da cabeçada que cinge a testa do animal.

Cabeçada - Parte que, ao longo dos lados da cabeça do cavalo, une a focinheira à testeira.

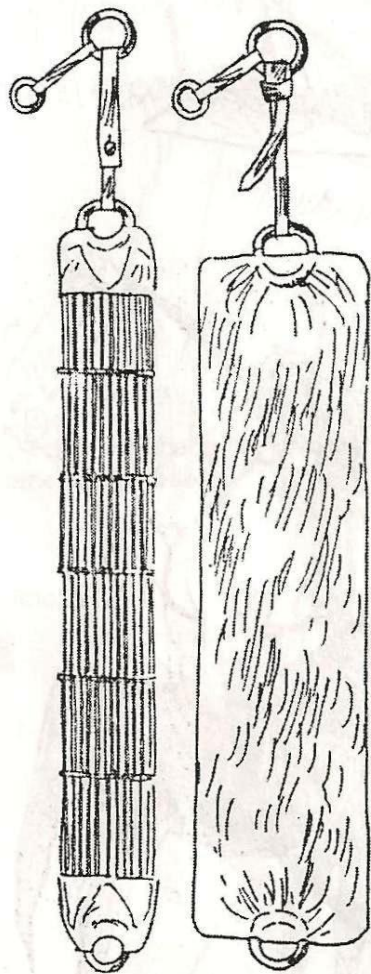
Tiro - Parte que liga o fiador à focinheira. Chama-se BOÇALETE a um boçal menos forte e mais caprichosamente trabalhado.

Maneia - Peia. Constituída de dois pedaços de couro, de mais ou menos 30 cm de comprimento por 5 cm de largura, ligados por uma argola. Cada pedaço forma uma espécie de pulseira que envolve a canela do cavalo.

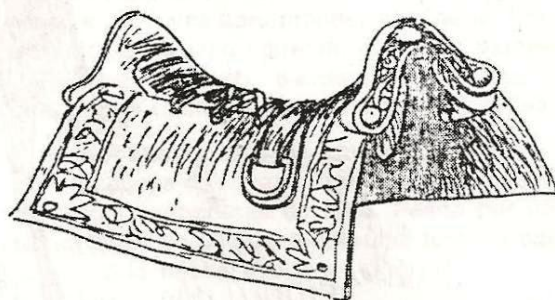
Maneador - Longa tira de couro cru, bem sovada, de uns 6 a 8 metros de comprimento por 2 a 3 cm de largura, que serve para amarrar o cavalo ao pasto, preso à estaca ou a um paude-arrasto. (Serve também para enlaçar firmemente o cavalo por todas as partes, durante o processo da doma)



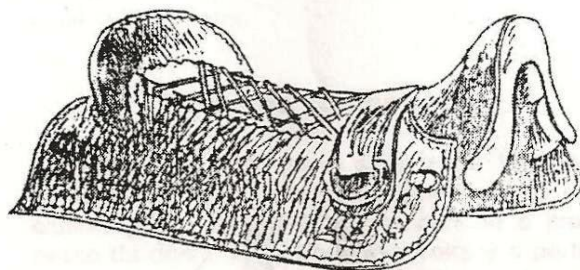
Boçal, aparecendo também o começo do cabresto.



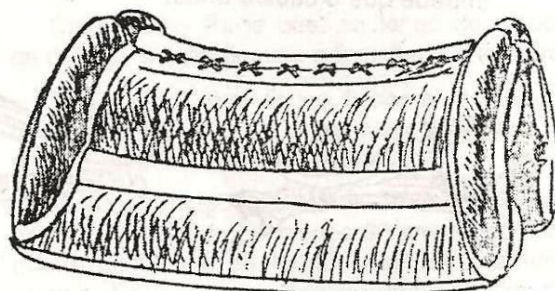
Barrigueira (à esquerda) e travessão fazem parte da cincha.



Lombilho, propriamente dito.



Serigote.

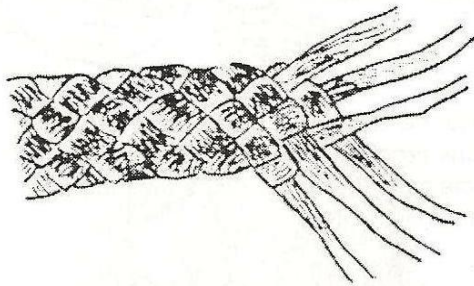


Bastos, usados na fronteira uruguaia.

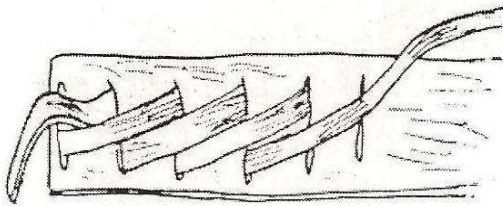
Os tentos

Para trançados e costuras, usam-se fios de couro bem finos, resultantes de couro de equino ou muar (lonca). São cortados com faca afiadíssima, e desquinados com a mesma faca. Têm a espessura média de dois milímetros.

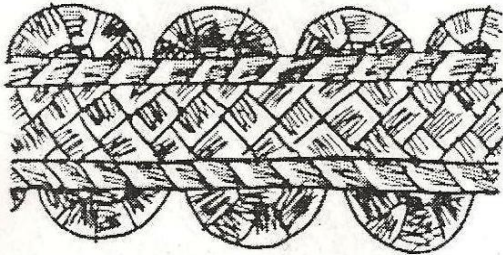
Esses fios são costurados com auxílio de um cavador, que consiste em um ferro pontiagudo com cabo de madeira.



A trança de seis resulta geralmente redonda, mas há hábeis trançadores que também a fazem chata.



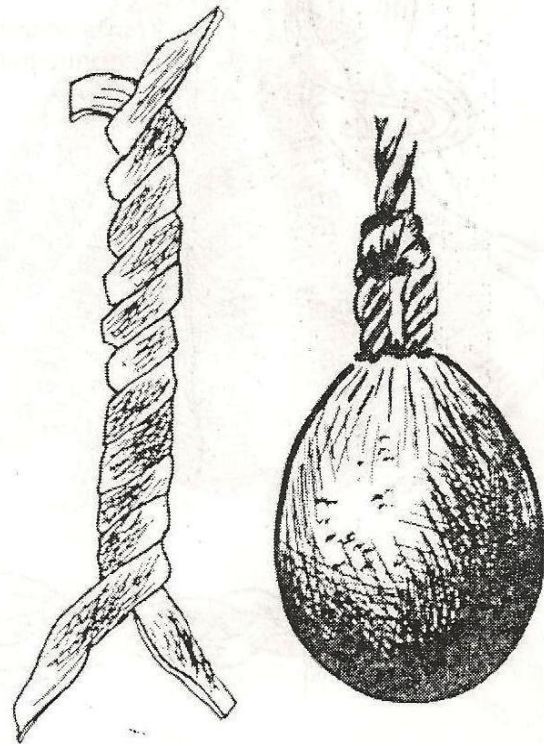
Os tentos se prestam não só ao trançado como também (figura) à costura em couro.



Menos usuais são as tranças de 7, 8, 9 até 21 tentos. Aperos de luxo apresentam caprichosas combinações, principalmente nos "preparos de cabeça". Aqui alternam-se três tranças de 13 tentos, intercaladas por duas de 4 tentos em zigue-zague. A união se faz por costura simples.



Tento torcido: o tento é umedecido e preso por uma das extremidades, passa a ser torcido por um movimento de rotação, ajustando-se a cada três ou quatro espirais.



Dois tentos torcidos: utilizados principalmente nas "sogas" das boleadeiras.

13. Referencias Bibliográficas

- Acri, Edson. O Gaúcho – Usos e Costumes. Porto Alegre, Grafosul, 1991.
- Balzan, Sonia Regina Corona; Castro, Norma Couto de; Trindade, Adriana Malzoni e Corrazza, Ana Paula. Tradições Gaúchas, Apostila para Concurso de Prendas, 1995.
- Borba, Lucimar. Cartilha do Tradicionalista. Gráfica e Editora Assosoar, 2ª Edição, 1993.
- Brum, Nilo Bairros. Caminhos do Sul. Porto Alegre, Metrópole Industria Gráfica, 1999.
- Côrtes, Paixão e Lessa, Barbosa. Manual de Danças Gaúchas. São Paulo – Rio de Janeiro, Irmãos Vitale Editor, 1955.
- J.C. Paixão Côrtes. Bailes e Gerações dos bailares campestres.
- J.C. Paixão Côrtes e L.C.Barbosa Lessa. Danças e Andanças.
- Danças Tradicionais Gaúchas – 4ª edição – MTG –RS.
- Estivalet, José Oliveira. Fisionomia Geral do Rio Grande do Sul. Santo Ângelo: Gráfica Santo Ângelo, 1994.
- Fagundes, Antonio Augusto. Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Martins Livreiro Editor, 1991.
- Fagundes, Antonio Augusto. Indumentária Gaúcha. Martins Livreiro, 5ª Edição, 1992.
- Fernandes, Velocinio Bruck. O Paraná é Assim. Gráfica da Assembléia Legislativa do Paraná. Curitiba. 2005.
- Ferreira, Cyro Dutra. 35 CTG – O Pioneiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho. 2ª Edição. Porto Alegre. 1992.
- Filipak, Francisco. Dicionário sociolingüístico paranaense. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.
- Flores, Moacyr. Tropeirismo no Brasil. Martins Livreiro Editor, Porto Alegre, 2014..
- Lamberty, Salvador Ferrando. ABC do Tradicionalismo Gaúcho. Porto Alegre, Martins Livreiro Editor. 1989.
- Lazier, Hermógenes. Erva-mate, Riqueza do Paraná Tradicional. Coleção Cadernos do Paraná nº 2, 1993.
- Meyer, Augusto. Guia do Folclore Gaúcho. Livrarias Ediouro, Rio de Janeiro, 1999.
- Nunes, Zeno Cardoso. Dicionário do Regionalismo do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Martins Livreiro Editor, 4ª Edição, 1990.
- Torres, Ruy Vilanova. Arte de Montar e Domar, Alcance Editora, Porto Alegre, 3ª Edição, 2014.

ATUALIDADES (2019)

INSTITUIÇÕES TRADICIONALISTAS

CONFEDERAÇÃO INTERNACIONAL DA TRADIÇÃO GAÚCHA (CITG)

Seu presidente é brasileiro: Sr. **Nei Antonio Zardo** (13º Congresso Tradicionalista da CITG em Montevideú/Uruguai- 27/10/2017)

*CITG teve outras denominações:

CCPTG- Conselho Coordenador Permanente da Tradição Gaúcha

CCIT- Conselho Coordenador Internacional de Tradicionalismo

CITG- Confederação Internacional da Tradição Gaúcha (a partir do 6º Congresso Internacional em 4 de maio de 1991- aprovação também de sua Carta Constitutiva)

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DA TRADIÇÃO GAÚCHA (CBTG)

O atual presidente da CBTG é o Sr. **João Ermelino de Mello** (MTG-MS)

*24 de abril: instituído o Dia da Tradição Gaúcha (dia da fundação do 35 CTG)

1ª Prenda Adulta da CBTG: Srta. **Natália Lorenzi de Souza** (MTG-SC)

2ª Prenda Adulta da CBTG: Srta. **Ana Carla Batista** (MTG-SC)

3ª Prenda Adulta da CBTG: Srta. **Ana Cristine Bittencourt** (MTG-PR)

2ª Prenda Juvenil da CBTG: Srta. **Gabriela Oliveira Silva** (MTG-PR)

3ª Prenda Veterana da CBTG: Sra. **Danieli Cristine de Oliveira** (MTG-PR)

1º Peão Biriva Adulto da CBTG: Sr. **Victor Alberto Parmeggiani** (MTG-SC)

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO PARANÁ (MTG-PR)

Atual Patrão: Sr. **Ernani José Barea** (4ª RT) - empossado no 19º Congresso Tradicionalista em Umuarama- 20 e 21/01/2018)

1ª Prenda Adulta: Sta. **Jaqueline Novis** (3ª RT)

1º Peão Adulto: Sr. **Kevyn Klein** (17ª RT)

EVENTOS

MTG – PR

CONGRESSO – Último – Umuarama – janeiro/2018

CONCURSO PRENDAS E PEÕES BIRIVAS – Último – Ponta Grossa – julho/2017

CONVENÇÃO – Última – Manoel Ribas – março/2019

FEPART – Último – Cascavel – dezembro/2018

CBTG

CONGRESSO – Último - 20º Congresso -CTG Charrua - Foz do Iguaçu/PR - nov./2017

CONCURSO PRENDAS E PEÕES BIRIVAS – Último – Foz do Iguaçu/PR – nov./ 2017

CONVENÇÃO – Última - 15ª Convenção - Porto Alegre/RS fev/2018

FENART – Último - Querência/MT – julho/2017

OS ÚLTIMOS PRESIDENTES BRASILEIROS:

...

1995-2003: Fernando Henrique Cardoso

2003-2011: Luiz Inácio Lula da Silva

2011-2016: Dilma Rousseff (*impeachment* agosto/2016)

2016- 2018: Michel Temer (vice-presidente de Dilma Rousseff)

2019- atual: Jair Messias Bolsonaro